

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**DA SOMBRA AOS HOLOFOTES:  
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS PRIMEIRAS MULHERES AVIADORAS DA  
FORÇA AÉREA BRASILEIRA**

**Marina Miranda Lery Santos**

Rio de Janeiro

2008

**Marina Miranda Lery Santos**

**DA SOMBRA AOS HOLOFOTES:  
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS PRIMEIRAS MULHERES AVIADORAS DA  
FORÇA AÉREA BRASILEIRA**

Dissertação exigida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Programa EICOS, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho**

**Rio de Janeiro**

**2008**

DA SOMBRA AOS HOLOFOTES:  
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS PRIMEIRAS MULHERES AVIADORAS DA  
FORÇA AÉREA BRASILEIRA

Marina Miranda Lery Santos

Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, exigida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada por:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lúcia Rocha-Coutinho – Orientadora  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciana Mourão Cerqueira e Silva  
Universidade Salgado de Oliveira

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

S237

Santos, Marina Miranda Lery.

Da sombra aos holofotes: a construção da identidade das primeiras mulheres aviadoras da Força Aérea Brasileira / Marina Miranda Lery Santos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

ix, 131f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2008.

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

1. Identidade (psicologia). 2. Mulheres na aeronáutica. 3. Força Aérea Brasileira. I. Rocha-Coutinho, Maria Lucia. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 155.2

## AGRADECIMENTOS

À Maria Lúcia Rocha-Coutinho, minha orientadora, pela leitura atenciosa e pela orientação cuidadosa.

Às queridas Maria Luiza de Araujo Campelo e Livia Aparecida de Almeida e Sousa pelo incentivo desde o início.

Aos chefes que tive nos últimos três anos, por terem possibilitado a realização do mestrado.

Aos amigos da Força Aérea Brasileira que de alguma maneira contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Às professoras Leila Sanches e Luciana Mourão, por terem aceitado participar, respectivamente, da banca do exame de qualificação e da banca da defesa da dissertação, e à professora Rosa Pedro, que participou das duas bancas.

Ao Ricardo Fernandes. Ricardo, nem sei como te agradecer!

Às aviadoras entrevistadas, sem as quais não teria sido possível realizar esta pesquisa.

Aos amigos Leonardo Querido, André Valadares e Marlos Erling, pelo apoio logístico e afetivo durante a pesquisa de campo.

Aos amigos Rafael Barreto de Castro e Patrícia Zulato Barbosa, pela paciência sempre.

Ao Márcio Corrêa Pereira, por ter estado ao meu lado de diferentes maneiras em todas as fases do curso.

A minha família, por tudo.

## RESUMO

### DA SOMBRA AOS HOLOFOTES: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS PRIMEIRAS MULHERES AVIADORAS DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA

Marina Miranda Lery Santos  
Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Considerando as transformações que vêm ocorrendo nos papéis sociais desempenhados pelas mulheres brasileiras – principalmente as de classe média – nas últimas décadas e sua inserção cada vez maior no mercado de trabalho, buscamos, nesta pesquisa, tentar entender melhor como se desenrola o processo de construção de identidade das primeiras mulheres Oficiais do quadro de aviadores da Aeronáutica. Procuramos também observar como estas mulheres estão vivenciando a experiência de estar entrando em uma carreira até então vedada a elas, bem como de que modo as relações de poder e hierarquia dessa instituição militar se apresentam em seus discursos e que papel desempenham na construção de sua identidade. Para tanto, entrevistamos seis mulheres que se formaram na primeira turma do curso de aviação da Academia da Força Aérea em que foi permitido o ingresso feminino. Fizemos uso de entrevistas semi-dirigidas que foram gravadas e transcritas na íntegra. Os textos resultantes foram submetidos a uma análise de discurso a partir das seguintes categorias: Ser Mulher; Escolha Profissional, Questões e Dificuldades na Carreira; e Aspirações na Esfera Profissional e Familiar. De modo geral, pudemos observar em nossa análise a coexistência de padrões modernos e tradicionais. Assim, ao mesmo tempo em que investem em uma carreira profissional e buscam independência financeira, elas continuam a sonhar com o casamento e a maternidade e a acreditar que a mulher é responsável pelos cuidados com a casa e a criação e educação dos filhos.

Palavras-chave: identidade; mulher; aviadora; militar.

Rio de Janeiro

Setembro de 2008

***ABSTRACT*****FROM SHADOW TO FLOODLIGHT:  
THE PROCESS OF IDENTITY CONSTRUCTION OF THE FIRST WOMEN PILOTS OF  
BRAZILIAN AIR FORCE**

Marina Miranda Lery Santos  
Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

*Abstract* MA Dissertation submitted to the Graduate Program in Psycho-sociology of Community Studies and Social Ecology, Psychology Department, Federal University of Rio de Janeiro, Brazil, as part of the prerequisites to the Degree of Master in Psycho-sociology of Community Studies and Social Ecology.

Taking into account the changes that have taken place in Brazilian women's social roles – mainly in the middle-classes – during the last decades, and their increasing insertion in the job market, in this dissertation we tried to better understand how the process of identity construction takes place in the first women pilots graduated in the Brazilian Air Force. We also observed how these women are experiencing the fact that they are enrolling in a career until recently forbidden to them, as well as how the power and hierarchy relations typical of this military institution are represented in their discourses and the role they perform in the construction of these women's identity. For such, we interviewed 6 of the first pilot women graduated in the Brazilian Air Force. We employed semi-structured interviews that were tape-recorded and fully transcribed. The resulting texts were then submitted to a discourse analysis, based on the following categories: Being a Woman; Professional Choices, Doubts and Difficulties; and Family and Professional Ambitions. In general, we may say that modern patterns of behavior coexist with traditional ones. As a result, at the same time they invest in a professional career and financial independence, they continue to dream of getting married and becoming mothers and still believe that women are the main responsible for household duties and the care and education of children.

Key-words: identity; woman; pilot; military career.

Rio de Janeiro

September 2008

**LISTA DE SIGLAS**

<b>AFA</b>	<b>Academia da Força Aérea</b>
<b>CFOAV</b>	<b>Curso de Formação de Oficiais Aviadores</b>
<b>CFRA</b>	<b>Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica</b>
<b>FAB</b>	<b>Força Aérea Brasileira</b>
<b>QFG</b>	<b>Quadro Feminino de Graduados</b>
<b>QFO</b>	<b>Quadro Feminino de Oficiais</b>
<b>QOINT</b>	<b>Quadro de Oficiais Intendentes</b>
<b>USAF</b>	<b><i>United States Air Force</i></b>
<b>WASPs</b>	<b><i>Women's Airforce Service Pilots</i></b>



**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1 AS IDENTIDADES COMO CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS E A TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA</b>	<b>6</b>
<b>1.1 As Identidades Como Construções Discursivas</b>	<b>6</b>
<b>1.2 A Transformação da Identidade Feminina</b>	<b>9</b>
<b>2 AS INSTITUIÇÕES TOTAIS</b>	<b>22</b>
<b>2.1 As Mulheres na Caserna</b>	<b>26</b>
<b>2.2 As Mulheres na Aviação Militar</b>	<b>29</b>
<b>2.3 As Mulheres em Outras Instituições Militares no Brasil e no Mundo</b>	<b>32</b>
<b>3 METODOLOGIA</b>	<b>35</b>
<b>3.1 Participantes</b>	<b>36</b>
<b>3.2 Instrumento da Pesquisa</b>	<b>36</b>
<b>3.3 Procedimentos</b>	<b>37</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>38</b>
<b>4.1 Ser Mulher</b>	<b>38</b>
<b>4.2 Escolha Profissional, Questões e Dificuldades na Carreira</b>	<b>56</b>

<b>4.3 Aspirações na Esfera Profissional e Familiar</b>	<b>97</b>
<b>4.4 Conclusão da Análise</b>	<b>108</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>116</b>
<b>ANEXO (Roteiro da Entrevista)</b>	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

A complexidade do mundo contemporâneo e a intrincada rede de interações sociais em que as pessoas se envolvem na atualidade levam ao surgimento de uma grande diversidade de perfis de mulheres, sendo difícil definir a mulher atual, tanto em ampla escala — o perfil da mulher ocidental ou o perfil da mulher brasileira, por exemplo — quanto em escala reduzida — como, por exemplo, a mulher de uma determinada idade, cidade ou empresa. As mulheres não formam uma unidade centrada no sexo (Rocha-Coutinho, 1994). No entanto, apesar de viverem realidades sociais bastante desiguais, o que impossibilitaria a generalização nos chamados “Estudos de Gênero”<sup>1</sup>, constatou-se, em pesquisa nacional sobre mulheres realizada em 2001, que se pode falar na partilha de "fortes traços de uma identidade comum de gênero" (Venturi, Recamán e Oliveira, 2004, p. 18).

Embora grande parte das mulheres, pelo menos as de classe média, acredite possuir hoje uma condição melhor na sociedade do que há algumas décadas atrás e tenha expectativas positivas com relação ao futuro, ainda se pode sentir em seus discursos traços da presença do papel tradicionalmente atribuído à mulher, do mesmo modo que se pode dizer que a desigualdade social histórica em relação aos homens (Venturi *et al.*, 2004) persiste, agora de forma talvez mais sutil. No que tange à esfera do trabalho, é perceptível o aumento da inserção das mulheres de classe média no mercado de trabalho e, como consequência, uma maior independência econômica. Contudo, vários estudos apontam para a permanência de uma certa assimetria e hierarquia entre os trabalhos desenvolvidos por homens e mulheres, tanto no espaço público —

---

<sup>1</sup> Os “Estudos de Gênero” serão definidos e caracterizados mais adiante, no capítulo 1. No entanto, pode-se dizer que o termo gênero é empregado para distinguir o sexo, biologicamente determinado, dos significados sociais a ele relacionados.

em que os homens continuam a receber salários mais elevados do que as mulheres e a ocupar cargos de maior poder e prestígio — quanto no privado — em que as mulheres continuam a ser as grandes responsáveis pelos trabalhos domésticos e pelos cuidados e educação dos filhos (Marcondes, Rotenberg, Portela e Moreno, 2003).

A Força Aérea Brasileira (FAB), neste início de século, abriu suas portas para o ingresso de mulheres na carreira da aviação. Essa abertura teve como estímulo a experiência positiva obtida quando da entrada de mulheres nos quadros femininos, inicialmente criados em 1982 para o exercício de funções burocráticas ou daquelas funções que se enquadrariam no que se poderia considerar "profissões de mulher", e, posteriormente, no quadro de intendentes, criado no final da década de 1990. Ao mesmo tempo em que esta iniciativa é considerada um avanço — já que o exército e a marinha não abriram espaço para as mulheres em suas escolas correspondentes —, ela é vista com restrições por muitos militares, que questionam a compatibilidade das mulheres, e de suas funções sociais tradicionais, com essa carreira que tem como uma de suas características a constante ausência do lar por longos períodos de tempo.

Percebe-se nesse posicionamento, a permanência de um pensamento tradicional que se caracteriza, de acordo com Bauman (1999), pela busca da ordem, pela categorização, pela atribuição de rótulos. Levando-se em consideração que a Força Aérea Brasileira, de acordo com a Constituição de 1988, é uma instituição baseada na hierarquia e na disciplina, a pergunta que se levanta aqui é se a concepção sobre a mulher reflete ainda a posição tradicional de subordinação que por muito tempo ela teve em nossa sociedade, ou se os discursos sobre a mulher se alteraram, seguindo novos horizontes hoje nesse meio militar.

Ao realizarem um estudo em uma cidade pequena na Inglaterra, Elias e Scotson (1994) ficaram surpresos ao descobrirem que os problemas encontrados em pequena escala na

comunidade sugeriam hipóteses que podiam ser usadas como guia para pesquisas em escala muito mais ampla, já que os problemas de pequena e larga escala são inseparáveis. Essa é a perspectiva deste trabalho. Esperamos, assim, que esse estudo possa contribuir não apenas para uma melhor compreensão da nossa questão específica, como também para um maior conhecimento sobre o tema, em um sentido mais amplo.

Tendo em vista as transformações que vêm ocorrendo nos papéis sociais desempenhados pelas mulheres, em especial as de classe média, nas últimas décadas e as transformações ocorridas na Força Aérea Brasileira nos últimos anos, pretendemos melhor entender com esse estudo como se desenrola o processo de construção de identidade de mulheres Oficiais do quadro de aviadores da Aeronáutica. Para tanto, fizemos uso de entrevistas semi-estruturadas, que foram submetidas a uma análise de discurso, com as mulheres que, ao final do ano de 2006, formaram-se na primeira turma de aviadores da Academia da Força Aérea (AFA) em que foi permitido o ingresso feminino. Assim, buscamos melhor entender como elas estão vivenciando a experiência de estar entrando em uma carreira até então exclusiva de homens. Isto porque essas mulheres não apenas estão buscando se inserir em uma atividade profissional como, mais do que isso, estão penetrando em um universo tradicionalmente masculino e que até bem pouco tempo atrás era explicitamente proibido para elas. Além disso, tentamos observar também como as relações de poder e hierarquia na instituição se apresentam em seus discursos e que papel desempenham na construção da identidade atual dessas mulheres aviadoras militares.

Algumas questões servirão de base para a nossa abordagem do discurso dessas mulheres, tais como se esperam constituir ou não uma família – e, em caso positivo, como esperam conciliá-la com a profissão –, que tipo de pressão, discriminação ou dificuldades enfrentaram e vêm enfrentando e quais as maiores recompensas obtidas e/ou que esperam obter com relação à

carreira que escolheram, entre outras. No caso mais específico da profissão escolhida, outras perguntas aqui se levantam, como: Será que, na opinião das entrevistadas, as transformações ocorridas no “comportamento” da instituição – que agora admite mulheres na aviação – são transformações enraizadas, ou seja, que ocorreram também no plano das pessoas que nela trabalham? Sendo historicamente a mulher dominada pelo homem, como se estabelecem as relações de poder entre homens e mulheres na FAB, considerando que as instituições militares são instituições tradicionais fundadas nos pilares da hierarquia e da disciplina?

Para responder a estas questões, antes de partirmos para a pesquisa de campo, fez-se necessário traçar um caminho teórico que alicerçasse e fundamentasse o tema aqui desenvolvido. Por ser esta uma pesquisa sobre a construção da identidade de mulheres, buscamos, inicialmente, apresentar algumas visões sobre esta questão, mais especialmente aquelas que se aproximam da maneira como a compreendemos, isto é, que vêem as identidades como construções discursivas.

Por entendermos que os indivíduos, bem como as relações por ele estabelecidas, estão sempre inseridos no meio social mais amplo em que vivem, não sendo possível estudá-los de maneira isolada, isto é, desconsiderando aspectos de sua história pessoal e social, a seguir, tentamos situar melhor a mulher na sociedade brasileira atual. Assim, tratamos, de forma breve, da questão das relações de gênero, que, como apontamos antes, acreditamos ser relações socialmente construídas, abarcando, em especial, a história e a identidade das mulheres no Brasil, objeto de nosso estudo.

A seguir, abordamos a questão das chamadas Instituições Totais, nos termos de Goffman (1990), já que, de acordo com este autor, os quartéis militares apresentam diversas características dessas Instituições — o que englobaria aí a Força Aérea Brasileira —, para, então, discutirmos aspectos relacionados às identidades que dentro delas se formam.

Uma vez que consideramos importante também entender um pouco a respeito das particularidades do grupo de mulheres estudado, destacamos, em seguida, a participação das mulheres nos ambientes militares — do início de sua entrada no meio até a entrada de mulheres na aviação militar —, e fizemos um breve levantamento de estudos já realizados com mulheres nessas instituições.

Por fim, apresentamos nossa pesquisa de campo e, em especial, os resultados de nossa análise.

## CAPÍTULO 1

### AS IDENTIDADES COMO CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS E A TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

#### 1.1 As Identidades Como Construções Discursivas

Diversas são as posições teóricas existentes para se abordar e compreender as identidades. Vamos nos ater aqui apenas àquelas que partem do princípio de que elas são socialmente construídas, que é a perspectiva utilizada para embasar nosso estudo.

Segundo Araújo e Yazbec (2001), o conhecimento, as relações e os indivíduos, na pós-modernidade, são socialmente construídos e, mais especificamente, é a linguagem que constrói os indivíduos e seus mundos. Na mesma direção, Fairclough (em Vieira, 2005) afirma que “identidade, relações sociais e conhecimento estão textualmente entrelaçados” (p. 212). A palavra e o discurso aqui são entendidos como portadores de ideologias que vigoram em um determinado contexto e a construção de identidades é vista como um processo constante de formação e transformação, que varia de acordo com a história e as representações culturais.

Para Moita Lopes (2003), “todo uso da linguagem envolve alteridade [...] e situacionalidade” (p.20), sendo impossível, ao pensar o discurso, esquecer os sujeitos envolvidos no contexto de sua produção. Ainda segundo este autor, que assinala o potencial estruturador do discurso, a identidade se define e é construída “nos e pelos discursos que a envolvem ou nos quais ela circula” (Moita Lopes, 2003, p.20).

Rocha-Coutinho (1989), ao se referir à identidade feminina, afirma que ela “tem sido construída a partir de um discurso social que visa atender e se adequar às necessidades e mitos de



uma sociedade determinada em um momento histórico específico” (p.36). Ainda segundo Rocha-Coutinho (2003a), em texto posterior, as identidades dos indivíduos e grupos inserem-se, enquanto construções discursivas, em um projeto globalizante e totalizador que está em consonância com os padrões esperados pela sociedade e pelo momento histórico em que esses indivíduos e grupos estão inscritos.

A despeito das identidades serem fruto de um processo de construção social, mais especificamente de um processo discursivo, supõe-se haver uma identidade unificada, coerente e natural. Às identidades, assim, são atribuídas características que passam a ser entendidas e aceitas como delas originais e naturalmente constituintes. Acreditamos, contudo, que a organização da sociedade e dos seus diferentes grupos sociais, assim como as identidades, se constitui a partir da ideologia dominante, que dá a elas a falsa idéia de que há algo de essencial. Os significados atribuídos pela linguagem refletem e reforçam as visões de mundo de um determinado grupo e, desta forma, as identidades são construções sociais e não naturais, a nosso ver.

Foi através da ideologia dominante expressa pelo discurso que as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, por exemplo, foram classificadas e hierarquizadas e, deste modo, as mulheres, por muito tempo, ocuparam uma posição de subordinação nas mais distintas sociedades com relação aos homens. Esta posição não deveria ser questionada, pois se justificava e sustentava no argumento de que as diferenças entre os sexos são biológicas e, portanto, naturais, isto é, da ordem da essência.

No entanto, a linguagem está completamente associada à diferenciação social entre os sexos e à divisão sexual do trabalho, e os significados e práticas sociais são não apenas construídos, mas também mantidos e manipulados pela linguagem. Como aponta Rocha-Coutinho (1994), “a linguagem [...] delinea e limita o ‘espaço’ feminino, contribuindo, desta

forma, para a construção da subjetividade das mulheres” (p. 55). Assim, ao longo dos anos, algumas características foram atribuídas às mulheres, constituindo uma suposta identidade feminina.

Porém, o mundo vem passando por transformações. De acordo com Giddens (2003), a transformação na concepção de identidade está ligada ao rompimento com uma ordem dita tradicional. Na sociedade tradicional, as identidades eram definidas e limitadas pelo parentesco, pela localidade e pela própria tradição. Rompendo com as práticas e princípios dessa sociedade, a modernidade cultiva as potencialidades de cada indivíduo. Sem os parâmetros da tradição, os indivíduos passaram a conviver com a diversidade e com a possibilidade de fazer escolhas, tornando-se mais responsáveis por si e pela sua vida. Para o autor, a contemporaneidade apresenta ainda princípios dinâmicos da modernidade, distinguindo-se dela por enfatizar ou radicalizar suas características fundamentais (Giddens, 2003).

As transformações acima mencionadas provocam alterações nas concepções de classe, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade, bem como nas relações sociais, o que, segundo Hall (1997), acarreta mudanças nas identidades. As mulheres estão reivindicando mais autonomia e ingressando na força de trabalho (Giddens, 2002), o que altera não só sua maneira de se identificar, como também a identidade dos homens e dos grupos que com ou em que elas se relacionam. Considerando, como acreditamos, que as identidades são construções sociais e discursivas, a seguir, poderemos observar o contexto em que a identidade feminina se estabeleceu ao longo da história e como ela está se constituindo hoje.

## **1.2 A Transformação da Identidade Feminina**

A cultura e a sociedade em que estão inseridas as mulheres, como vimos acima, instituem padrões de comportamento e atitudes desejáveis para todos os seus membros, criando, assim, uma série de expectativas com relação a uma determinada comunidade ou indivíduo em uma dada situação. Tanto homens quanto mulheres, desta forma, ao agir em sociedade, o fazem a partir de diferentes fatores, tais como as pressões sociais que sofrem, as ideologias que vigoram em seu grupo, sua história de vida pessoal e suas experiências passadas, suas próprias expectativas, bem como as expectativas daqueles à sua volta, entre outros. É a partir também desses fatores que suas identidades são constituídas, inclusive a identidade feminina. A fim de melhor compreender a identidade das mulheres aviadoras militares, foco desta pesquisa, faz-se necessário conhecer um pouco da história das mulheres ocidentais, de maneira geral, e das mulheres brasileiras, em particular, e entender melhor o papel que, ao longo do tempo, desempenharam na sociedade, bem como a sua relação com o trabalho, a família e os homens, de modo geral.

### **Do Espaço Doméstico ao Mundo do Trabalho**

As mulheres, ao longo da história, sempre se mantiveram sob o poder dos homens. É comum ouvir que eram — e, às vezes, até mesmo que ainda o são — sempre as “dominadas”, “oprimidas” ou “desfavorecidas” nas suas relações com o sexo masculino, visão bastante reducionista e que tem sido questionada e relativizada nas últimas décadas (a esse respeito ver Rocha-Coutinho, 1994). De acordo com Hobsbawn (1995), uma das grandes mudanças

decorrentes da revolução social que ocorreu no século XX foi a ampliação do papel desempenhado pelas mulheres na sociedade. No caso da sociedade brasileira, o papel da mulher, especialmente nas classes médias, vem sofrendo modificações, que têm sido apontadas nas últimas décadas (Rocha-Coutinho, 1994). As mulheres de classe média vêm ganhando um espaço cada vez maior no mercado de trabalho e estão entrando, cada vez mais, em ambientes que antes eram considerados caracteristicamente masculinos.

E, aqui, cabe chamar a atenção para a distinção que vem sendo feita entre gênero e sexo. Segundo Strey (1998), "as diferenças de gênero são socialmente construídas" (p. 181). Assim, ser homem ou ser mulher varia de acordo com a cultura e o momento histórico em que ambos estão inseridos. Em outras palavras, "o gênero se relaciona com os significados corporais construídos pela sociedade", conforme afirma Magnabosco (2003, p. 419), e, sendo assim, "não existe um conteúdo universal para os papéis de gênero", como assinalam Negreiros e Féres-Carneiro (2005, p. 34).

Segundo Strey (1998), o "gênero fornece a base para a divisão sexual do trabalho em todas as sociedades" (p.187). Esta mesma autora afirma que, embora a civilização ocidental não seja mais orientada pelo patriarcado<sup>2</sup>, o poder social ainda "é identificado com atributos considerados como masculinos" (Strey, 1998, p. 185) e, sendo assim, as mulheres continuam a sofrer discriminação quando desempenham funções em que exercem o poder, pois essas funções ainda são consideradas masculinas.

---

<sup>2</sup> O patriarcado, que foi a base da sociedade brasileira no período colonial, é o modelo de família organizado e mantido com a autoridade ilimitada do pai (Holanda,1984). De acordo com Costa (1989), "o pai era fundamentalmente um proprietário. Possuía bens, escravos, mulheres e filhos a quem impunha sua lei e seu direito, sem maiores obrigações para com terceiros" (p.240). Segundo Strey (1998), "o patriarcado é uma forma de hierarquia, em que os homens detêm o poder e as mulheres são subordinadas" (p.185).

As diferenças socialmente estabelecidas entre homens e mulheres, entre o feminino e o masculino — tratadas sob a forma de oposição e, muitas vezes, naturalizadas e tidas como decorrentes da diferença biológica entre os sexos —, são, há tempos, legitimadas e incorporadas na ideologia e no discurso, sob a forma de classificação ou categorização. Devreux (2005) defende que não existe precedência entre a divisão sexual do trabalho, a divisão sexual do poder e essa classificação. A autora acredita ainda que as três ocorrem conjuntamente e compõem o que ela denomina “relações sociais de sexo”<sup>3</sup>. Através dessas classificações, define-se o que é normal, o que é certo e o que é possível para as mulheres, já que os homens não carecem de legitimação, posto que estão em posição dominante (Devreux, 2005).

Como assinalam Elias *et al* (1994), os grupos com maior poder fazem com que os membros dos grupos com menos poder que com eles se relacionam acreditem que possuem características por eles determinadas e sintam-se realmente inferiores, submetendo-se, desta forma, freqüentemente, às suas regras. Observa-se, então, que muitas mulheres, a despeito de suas diferenças com relação aos homens, apresentam em seus discursos uma valorização destes em detrimento delas próprias, em determinados aspectos, justamente porque os mitos e valores culturais assim lhes ensinaram a pensar e acreditar ao longo da história. É deste modo que as diferenças sexuais inscrevem-se, ao longo da história, numa divisão sexual das tarefas e do trabalho, que é, inclusive, muitas vezes, reforçada pelas próprias mulheres.

Até algumas décadas atrás, a divisão sexual do trabalho manteve as mulheres confinadas ao lar. Desde crianças elas eram claramente educadas para serem mães e donas-de-casa e

---

<sup>3</sup> Devreux (2005) esclarece de maneira extensa em seu artigo sua preferência pela utilização do termo “sexo” em lugar da palavra gênero, adotada neste trabalho. De forma sucinta, podemos destacar que, para a autora, gênero fala mais de categorias, é o resultado da relação social entre os sexos, mas não é toda a relação. Além disso, Devreux crê que gênero seja um eufemismo de sexo e ainda explica que “gênero” em francês é uma palavra polissêmica.

orientadas para o bom relacionamento com os outros através do incentivo ao desenvolvimento de aspectos como, entre outros, doçura, bondade, presteza, cooperação, tolerância, compreensão e cuidado com os outros (Rocha-Coutinho, 1994). O comportamento ensinado para as meninas as habilitava a desempenhar, quando adultas, as funções requeridas no espaço privado do lar e as situava em posição de desigualdade com relação aos homens. Sem lugar no espaço público do trabalho, elas não tinham outra opção que não a de cumprir “suas” responsabilidades domésticas e zelar pelo bem-estar, sucesso e felicidade da família.

Segundo Almeida (1987), as relações interpessoais e as de trabalho, bem como as de poder e política no Brasil, são permeadas pela estrutura patriarcal, rural, escravista e poligâmica que vigorou no Brasil-Colônia. A autora afirma, ainda, que esse modelo de “família é uma espécie de célula básica da nossa sociedade” (Almeida, 1987, p.55). A família colonial brasileira, fenômeno genuinamente nacional, baseava-se numa ética que permitia aos homens algumas atitudes e comportamentos que eram proibidos para as mulheres.

Nesta época, o país era escravocrata e a unidade doméstica era também a unidade de produção. Assim, embora não houvesse, de maneira bem delimitada, uma divisão de trabalho entre homens e mulheres, mesmo as atividades das mulheres diferiam de acordo com seu papel social. Entre os escravos, as mulheres trabalhavam tanto quanto os homens nas lavouras e cumpriam as atividades domésticas cotidianas. As senhoras de engenho, por outro lado, administravam o trabalho da casa e das escravas e, na ausência de um homem capaz, podiam até, eventualmente, administrar também os negócios, enquanto que as mulheres pobres exerciam atividades como vendedoras, costureiras, cozinheiras e prostitutas (Almeida, 1987; Vaitsman, 1994).

Com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, questiona-se o modo de vida da família brasileira e, ainda no século XIX, importa-se a idéia européia de família nuclear burguesa. O modelo importado não se aplica à realidade do Brasil, cuja sociedade ainda estava fundada nos latifúndios rurais e não apresentava, tal como na Europa, onde este modelo de família surgiu, uma classe social que pudesse ser chamada de burguesia (Almeida, 1987). Assim, segundo Almeida (1987), “a chegada do ‘moderno’ através da importação de idéias gera então um processo de assimilação dele pelo ‘tradicional’, até que o moderno se transforme em algo de sentido bastante diferente da idéia original” (p.63). Deste modo, as idéias do novo modelo familiar foram, no Brasil, reapropriadas e adaptadas pela família patriarcal tradicional. De qualquer forma, em nosso país, como na família nuclear burguesa, mulheres e homens passaram a ter funções bem distintas. A mulher tornou-se a responsável pela casa e pelos filhos, bem como pela ligação entre eles e o pai, que assumiu o papel de provedor financeiro e autoridade máxima da família.

Isto porque, na mesma época em que se desenvolveu a idéia de família nuclear burguesa, alguns fatores, como o crescimento urbano, o surgimento da sociedade industrial e a consolidação do sistema capitalista, provocaram a separação entre as esferas privada, do lar e da família, e a pública, da unidade de produção e do trabalho remunerado. A partir daí, definiu-se o papel de cada membro da família e estabeleceu-se uma divisão entre os espaços público, que cabia ao homem, e privado, que era destinado à mulher.

O espaço público, portanto, tornou-se a esfera da produção, ou seja, do trabalho remunerado, local onde o homem, provedor, conseguia o sustento da família. Já o espaço privado era o ambiente da família, destinado ao cuidado do lar, dos filhos e do marido, espaço ao qual a mulher foi destinada e em que era, de alguma maneira, soberana.

A permanência da mulher no espaço privado do lar é reforçada no Brasil, com a chegada da corte portuguesa, pela ação e pelo discurso científico médico-higienista, que, além de trazer a idéia de que o casamento deveria ocorrer pela vontade espontânea dos cônjuges, ou seja, por amor, pregava que a mulher devia, não apenas ser responsável pelo lar, como também uma mãe ativa, competente, cuidadora, dedicada e diligente, a fim de promover a saúde física e mental de todos os membros da família. Ou seja, o discurso higienista instituiu no país novos costumes, relacionados a novas práticas para uma vida mais saudável, e fundou uma higienização dos papéis sociais, reservando à mulher o espaço doméstico e promovendo “um novo modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família” (Rago, 1987, p. 62). Era como se a mulher tivesse uma vocação natural para a procriação, bem como características inatas, tais como fragilidade e afetividade, que, de alguma forma, a levavam a assumir esse papel, fazendo-a sentir-se culpada ao não desempenhar bem “suas” atribuições “naturais”.

Cabe assinalar aqui, no entanto, que, desde antes do advento do capitalismo industrial, havia mulheres em todo o mundo, principalmente das classes menos abastadas, que ganhavam seu sustento exercendo atividades como costureiras, fiandeiras, cervejeiras, amas, criadas, entre outras, em trabalhos realizados tanto dentro quanto fora de casa (Scott, 1991). No entanto, foi somente após a Revolução Industrial que as mulheres tiveram definida de forma mais clara e rígida a sua relação com o trabalho.

No Brasil, nos primórdios da industrialização, com a dificuldade de se obter mão-de-obra, uma vez que o tráfico de escravos estava sendo restringido, as mulheres tornaram-se uma alternativa para as indústrias, principalmente as do ramo têxtil e de vestuário, em que era possível trabalhar dentro de casa (Vaitsman, 1994). Nesta época, começou-se a questionar a



compatibilidade entre a feminilidade e trabalho assalariado, bem como o impacto desse trabalho nas funções familiares, especialmente nas funções maternas, dessas mulheres.

No mundo pré-industrial, o trabalho feminino era informal e freqüentemente não-remunerado. Desta forma, era compatível com o papel social das mulheres na época, pois não entrava em conflito com sua principal função, a de cuidar dos filhos e do lar. O trabalho nas indústrias passou a exigir o afastamento da mulher de sua casa, tornando difícil a conciliação deste com suas tarefas domésticas. Como a prioridade deveria ser dada a suas obrigações no lar, as atividades profissionais eram vistas como complementares e, portanto, exercidas em empregos de baixa remuneração.

Segundo Scott (1991), “a história da separação do lar e do trabalho (...) forneceu os termos de legitimação e as explicações que construíram o ‘problema’ da mulher trabalhadora, (...) acentuando as diferenças entre homens e mulheres” (p.444). O autor atribui aos processos discursivos, em especial aos discursos dominantes no século XIX, a existência dessa divisão sexual do trabalho. Em suas palavras,

O trabalho para que eram contratadas mulheres era definido como ‘trabalho de mulher’, adequado de algum modo às suas capacidades físicas e aos níveis inatos de produtividade. Este discurso produziu uma divisão sexual no mercado de trabalho, concentrando as mulheres em alguns empregos e não em outros, colocando-as sempre na base de qualquer hierarquia ocupacional e estabelecendo os seus salários abaixo do nível básico de subsistência. (Scott, 1991, pp. 453-454).

Nesta época, a identidade das mulheres encontrava-se fortemente atrelada a características congruentes com os papéis que exerciam dentro da esfera privada do lar, já que o casamento aparecia como uma das únicas opções de vida possíveis para elas. Desde então, a mulher passou a

ser vista como um ser frágil, cuidadoso, carinhoso, sensível, romântico, ingênuo, enfim, como um ser que nascera para ser mãe devotada, para se dedicar ao outro. Desta maneira, de acordo com Rago (1987), as portas do mundo profissional não se abriram amplamente para as mulheres, que acabaram por ser desvalorizadas, não apenas profissionalmente mas também política e intelectualmente.

De acordo com Vaitsman (1994), o sistema educacional brasileiro do início do século XX não proporcionava às mulheres a mesma formação a que os homens tinham acesso. A formação das mulheres terminava em cursos profissionalizantes, que não permitiam a continuidade dos estudos no ensino superior. Assim, as mulheres eram formadas para exercer apenas algumas profissões específicas, que eram condizentes com as características femininas, como o magistério, a enfermagem e algumas funções auxiliares na indústria e comércio.

Até mesmo as mulheres que tentaram elevar seu nível de instrução e conseguiram imprimir sua força de trabalho no espaço público — que se expandia por conta do desenvolvimento urbano e industrial — foram substituídas pelos homens com a reestruturação do mercado de trabalho. O afastamento das mulheres das indústrias justificava-se também pela legislação que entrou em vigor na época. Tal legislação, ao mesmo tempo que satisfazia algumas reivindicações femininas, pois regulamentava o direito à licença maternidade e à creche e proibia para elas as horas extras e o trabalho noturno, tornava sua mão-de-obra menos atraente para os empregadores e reforçava a idéia de que a mulher devia dar prioridade à família. Desta forma, a mulher mantinha-se ligada à posição de total dependência financeira do marido, este sim, considerado o provedor da família.

Apesar disso, ainda no século XX, as mulheres tiveram a oportunidade de assumir funções tradicionalmente exercidas por homens nas fábricas. Isto porque, quando os homens se

engajaram nas batalhas durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, elas tiveram que ocupar os cargos masculinos no mercado de trabalho. Porém, com o fim das guerras e com a pressão ideológica da época, que pregava que as mulheres deveriam ser “mães devotadas e trabalhadoras do lar” (Rocha-Coutinho, 1994, p. 118), elas tiveram que retornar a seu papel tradicional.

O movimento feminista, surgido na virada do século XIX para o século XX e que alcançou maior força no Brasil na década de 1920, iniciou uma luta, entre outras coisas, pelo direito das mulheres ao voto, direito este que só foi conquistado, no entanto, nas décadas seguintes. O movimento reivindicava, de modo mais amplo, a igualdade entre os sexos e teve grande importância para o aumento da discussão acerca da antiga divisão sexual do trabalho, colocando em pauta a discussão sobre a separação dos espaços público e privado. Com o advento da II Guerra Mundial, contudo, a luta foi suspensa, em prol de uma questão mais ampla.

A partir da década de 1960, no entanto, reiniciaram os questionamentos acerca do papel e da posição da mulher na sociedade. Foi também nesta década que, no Brasil, segundo Vaitsman (1994), com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as mulheres tiveram mais acesso a uma estrutura educacional que possibilitava seu ingresso no ensino superior. A partir de então, pode-se verificar uma presença cada vez maior de mulheres nas universidades e, de maneira geral, o mundo todo assistiu a movimentos que tiveram como uma de suas conseqüências algumas mudanças nas relações entre homens e mulheres e no papel dessas últimas na sociedade. As mulheres começaram, então, em número cada vez maior, a sair do confinamento no lar — sem, contudo, abandoná-lo por completo — para exercer atividades no espaço público. Porém, cabe assinalar, como aponta Vaitsman (1994), que as transformações no plano subjetivo não acompanham, geralmente, as transformações que ocorrem no comportamento, restando ainda

elementos tradicionais no interior dos sujeitos, que entram, assim, em conflito com as atitudes que se modificam. Desta forma, as mulheres de classe média na atualidade ainda tentam se entender e se identificar em meio à diversidade de papéis que ocupam na sociedade.

Podemos perceber os conflitos que se apresentam hoje para as mulheres dessa camada social em pesquisa já mencionada, realizada pela Fundação Perseu Abramo. Ao mesmo tempo que a maioria das mulheres participantes do estudo afirma que, se pudesse escolher, optaria por ter uma profissão, por trabalhar fora de casa e, com isso, gastar menos tempo dedicando-se ao trabalho doméstico e à família, também a maioria das mulheres acredita que, quando tem filhos pequenos, é melhor que o homem trabalhe fora e a mulher fique em casa (Venturi *et al*, 2004). É notório, então, que, apesar das mulheres terem vontade de se envolver mais no exercício de atividades no espaço público, ainda persiste a idéia tradicional de que as mulheres são mais dotadas para cuidar das crianças do que os homens.

Não importa a época, são as práticas sociais vigentes em uma sociedade que determinam o tipo de ocupação de homens e mulheres no mercado de trabalho. A entrada da mulher no mercado de trabalho e a ocupação, por parte de algumas mulheres, nos dias atuais, de cargos que até então eram reservados aos homens desestabiliza e ameaça a hegemonia masculina no espaço público, deixando os homens inseguros e alterando as relações entre homens e mulheres (Vieira, 2005). Muitas vezes, por não conseguirem conviver com a família “descentralizada”, os homens abandonam seus lares, tornando-se as mulheres, chefes da família (Venturi *et al*, 2004), ainda que esta não seja a única maneira delas ocuparem a referida posição.

Para Rocha-Coutinho (2003), “apesar das intensas mudanças sofridas nas últimas décadas, o mundo do trabalho continua a ser definido segundo padrões masculinos” (p.61). A exclusão das mulheres de algumas funções, que antes acontecia de forma clara e explícita — as mulheres só

eram contratadas para “trabalhos de mulher” —, continua a ocorrer, ainda que, hoje, muitas vezes, de maneira velada. Ao mesmo tempo que as mulheres vêm provando sua capacidade para exercer as mais variadas funções — e isso já é admitido, pelo menos em termos de discurso —, espera-se, é cobrado delas, e elas próprias acreditam que continuam a deter a responsabilidade pelos cuidados da casa e dos filhos. Como assinalam Marcondes *et al* (2003), “seu trabalho e sua identidade como trabalhadoras continuam a ser de mulheres que, de certa forma, ‘não deveriam estar ali’” (p. 93). Da mesma maneira, a idéia de que os homens de hoje participam, tanto quanto as mulheres, dos cuidados da casa e da família é incorporada aos discursos atuais, porém, na prática, pode-se perceber ainda grande desigualdade entre homens e mulheres no desempenho dessas funções (Rocha-Coutinho, 2003b; Teykal e Rocha-Coutinho, 2006).

De acordo com Negreiros e Féres-Carneiro (2005), estudos de temas variados, realizados com os segmentos médios urbanos brasileiros nas últimas décadas, apontam para a convivência, na subjetividade<sup>4</sup> dos indivíduos participantes desses estudos, de padrões tradicionais e modernos, opondo-se à idéia de que os novos modelos tenham substituído os antigos. A ordem, a certeza e as antigas classificações que vigoravam na modernidade ainda persistem, resistem e coexistem com a dúvida, com as mudanças e com a transitoriedade que se pode observar na contemporaneidade.

Da mesma maneira, a identidade das mulheres hoje remete tanto aos padrões chamados “novos” como também aos antigos. No cotidiano, a identidade da mulher de hoje, que tem uma carreira profissional, se contrapõe à identidade da mãe, sensível e cuidadora, que promove a segurança e o equilíbrio da família (Negreiros e Féres-Carneiro, 2005). Apesar de no atual

---

<sup>4</sup> Entendemos a diferença conceitual existente entre “identidade” e “subjetividade”. Contudo, a nossa apropriação do termo adotado por Negreiros e Féres-Carneiro, se faz aqui longe de qualquer preocupação ontológica.

contexto se valorizar a realização feminina nos espaços públicos, Rocha-Coutinho (1998), em um estudo sobre a identidade das mulheres brasileiras de classe média na faixa dos 18 aos 28 anos, observou, nos discursos das entrevistadas, uma oscilação entre o modelo de mulher tradicional, que valoriza a família acima de tudo, e o modelo atual, que prega a independência feminina e o investimento em uma carreira profissional.

Essas contradições no que se refere às identidades estão inseridas em um contexto maior de mudanças na sociedade. As identidades culturais na contemporaneidade perderam suas antigas referências, o mesmo ocorrendo com as identidades pessoais. Os indivíduos hoje encontram-se fragmentados e essa fragmentação constitui, segundo Hall (1997), a chamada “crise de identidade”. Para o autor, as identidades atuais são continuamente formadas e reformadas, ou transformadas, de acordo com os sistemas culturais nos quais as pessoas estão inseridas. Nas palavras de Hall (1997),

à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (p.14)

Essas múltiplas identidades dos indivíduos são contraditórias, de modo que a crença em uma identidade una, integrada e coerente, em que se acreditava antes, já não vigora mais. Essas contradições se apresentam tanto para a própria pessoa, quanto para aqueles à sua volta. As identidades hoje são, assim, sempre incompletas e estão em constante transformação.

Apesar disso, algumas instituições, denominadas por Goffman (1990) de Instituições Totais, e de que trataremos a seguir, vão de encontro a algumas dessas formas de pensar da

sociedade contemporânea a que se referem autores como Giddens (2002), Hall (1997) e Bauman (2004), entre outros.

## CAPÍTULO 2

### AS INSTITUIÇÕES TOTAIS

Apesar de vivermos atualmente na era da diversidade e de nos encontrarmos em um mundo fragmentado e contraditório, em que se tem consciência da ambivalência e da contingência, permanecem vivas algumas instituições que, pelo menos aparentemente, vão de encontro a esse pensamento da chamada “era líquida” (Bauman, 2004) moderna, e que são denominadas por Goffman (1990) de Instituições Totais. Nessa categoria podem ser incluídos os quartéis militares.

Nas instituições totais, as três esferas da vida — descanso, lazer e trabalho — são realizadas no mesmo local, — isto é, há uma ruptura das barreiras que separam essas três esferas —, sob uma única autoridade e na presença do mesmo grupo (geralmente grande) de pessoas, que também estão ali sendo tratadas da mesma forma. As atividades diárias devem ser feitas segundo regras formais explícitas e impostas. Os horários devem ser rigorosamente seguidos, as atividades são planejadas para atender aos objetivos oficiais da instituição e há controle, por parte dela, de muitas das necessidades de seus membros. O grupo dirigente tem a função de vigiar se todos estão agindo de acordo com as regras, os internos têm contato restrito com o mundo existente fora de suas paredes e há restrição para conversas entre os internos e os dirigentes da instituição. Os trabalhos que os internos realizam podem estar ligados a um sistema de pagamentos secundários, como os prêmios, ou a ameaças de castigo físico. As instituições totais são praticamente incompatíveis com a vida familiar (Goffman, 1990).

A instituição total é um híbrido social, parcialmente comunidade residencial, parcialmente organização formal, segundo. Hoje em dia, nem todos os quartéis apresentam a maioria dessas



características, mas as escolas de formação de militares podem ser ainda classificadas como instituições totais nos termos de Goffman (1990). Quando chegam a essas instituições, as pessoas têm uma concepção de si que se tornou possível graças à vida no mundo externo. De acordo com o autor, ao entrarem, começam a sofrer uma série de rebaixamentos, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente mortificado e o indivíduo começa a passar por algumas mudanças radicais na sua carreira moral.

A primeira mutilação do Eu é a barreira imposta por essas instituições entre o mundo interno e o mundo externo. Na vida civil, as pessoas podem exercer vários papéis de acordo com o lugar em que estão e as pessoas com quem estão. Nas instituições totais isso não é possível, já que se passa todo o tempo no mesmo local e com as mesmas pessoas. A ruptura com os papéis é ainda maior quando não são permitidas visitas. Quando o interno volta para o mundo externo, nem todos os papéis podem ser restabelecidos (Goffman, 1990).

No processo de admissão, outras perdas acontecem, contribuindo para o processo de mortificação do Eu: os novatos têm que contar sua história de vida, tirar fotografias, verificar seu peso corporal, tirar impressões digitais, ter seus bens guardados, ser despidos, desinfetados, cortar o cabelo e receber uniformes. A perda do nome é uma grande mutilação do Eu, já que, por vezes, os indivíduos são chamados por outros termos ou são até mesmo numerados. Eles perdem também a sua aparência usual, uma vez que lhes são retirados quaisquer objetos de identificação.

A postura que são obrigados a adotar pode fazer com que apresentem uma imagem de si diferente da imagem anterior à entrada na instituição. Os internos não podem se manifestar da forma como as pessoas do mundo externo se manifestam diante de ordens que não lhes agradam, já que, se o fizerem, estarão sujeitos a ser castigados por isso. Como as três esferas da vida se dão na instituição total, os internos, por mais que se esforcem por se manter de acordo com o

esperado nas situações em que serão avaliados, são julgados em todos os momentos de sua vida e todas as suas atitudes são levadas em conta nesta avaliação. A autoridade nas instituições totais é escalonada, ou seja, todas as pessoas da classe dirigente podem impor disciplina a qualquer interno. Os internos vivem angustiados e temem sofrer as conseqüências caso não obedeçam às regras.

Na pesquisa realizada por Calazans (2004) sobre as policiais do Rio Grande do Sul, por exemplo, constatou-se que as mulheres, enquanto alunas, submetidas a treinamentos militares, passaram pelo processo de “mortificação do eu”. Essas mulheres afirmaram que, após o tempo em que estiveram no quartel, não sabiam mais como se comportar em outros ambientes.

Antes de falar especificamente das mulheres nas instituições militares, cabe assinalar que a vida na caserna, para todos os seus internos, apresenta – tal como definido por Goffman (1990) – algumas características e restrições que merecem ser aqui explicitadas.

Na FAB (Força Aérea Brasileira), para qualquer carreira dentro de seus quadros militares – mesmo para as carreiras de caráter temporário – são impostos limites de idade aos que desejam nela ingressar. Para os que ingressam através da AFA (Academia da Força Aérea), a limitação é ainda maior. Para se inscrever nos Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAV), por exemplo, a idade máxima permitida é 20 anos. É necessário ainda que o aluno não seja casado e é proibido que venha a se casar antes de concluir o curso, ratificando a idéia de Goffman (1990) de que as Instituições Totais são incompatíveis com a família.

Após a conclusão do curso, não há restrições com relação à constituição de uma família. Porém, durante a carreira, é comum que os militares sejam transferidos de unidade, de tempos em tempos (aproximadamente de 2 em 2 anos), o que, na maioria das vezes, acarreta mudança de cidade ou estado, dificultando a vida familiar. No caso dos Oficiais Aviadores, para aqueles que

almejam progredir funcionalmente, a necessidade de mudança é ainda maior. Tais mudanças podem, muitas vezes, prejudicar as atividades dos outros membros da família, já que nem sempre é possível transferir, por exemplo, o cônjuge que se encontra também empregado.

No caso das mulheres, além das regras já expostas, existe ainda a restrição com relação à gravidez. É proibido que as candidatas a cadete dos cursos de intendência e aviação estejam grávidas durante o processo seletivo, por necessitarem realizar exercícios físicos incompatíveis com o estado de gravidez. Pelo mesmo motivo, as candidatas aprovadas, já na condição de alunas, não podem ficar grávidas durante o curso que estiverem realizando, sob pena de serem desligadas.

Dado o exposto, pode-se pensar que as identidades das mulheres aviadoras internas em uma instituição militar, além de absorverem as contradições naturais que caracterizam as identidades em nosso tempo, absorvem também as questões concernentes ao ambiente militar tradicional que, quando observado com mais cuidado, é também contraditório, assim como o são os valores adquiridos quando da entrada na instituição e durante o processo de mortificação do Eu. Dessa forma, é possível acreditar que as negociações por que passam as identidades femininas nesse cenário provocam uma fragmentação disfarçada, já que neste tipo de instituição não há espaço para dúvidas ou diferenças aparentes. A ordem precisa ser mantida. Mas, que ordem seria essa que se pretende manter se, ao mesmo tempo em que se abre novas oportunidades para as mulheres na instituição, também se deseja que elas continuem ocupando o mesmo lugar de outrora, isto é, o lugar que a sociedade para elas designa?

Passamos a tratar a seguir, da entrada de mulheres nas instituições militares brasileiras, mais especificamente na Aeronáutica.

## 2.1 As Mulheres na Caserna

Com a missão de defender a pátria, garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem (Brasil, 1988), as Forças Armadas, desde sua origem e durante muito tempo, mantiveram em sua tropa a presença exclusiva de homens. Como aponta Foucault (1987), a figura ideal do soldado sofreu algumas modificações no decorrer dos séculos. No século XVII, o soldado deveria ser escolhido a partir de sua atitude e postura, além do porte físico, entendendo-se, desta forma, que tais características seriam naturais a ele. Já no século XVIII, surge a idéia de que o soldado poderia ser "fabricado", isto é, de que as posturas podiam ser corrigidas. No entanto, apesar das mudanças ocorridas, até recentemente nunca fora pensado que o soldado pudesse ser uma mulher.

A participação das mulheres brasileiras no meio militar ocorreu pela primeira vez durante a Segunda Guerra Mundial, atuando como enfermeiras, na década de 1940. Integrando a Força Expedicionária Brasileira e tendo, inclusive, conseguido o título de tenente, essa foi uma participação isolada das mulheres. Somente algumas décadas depois elas foram efetivamente integradas às Forças Armadas em nosso país.

Desde o início do século XX, após os primeiros vôos de Santos Dummont, quando surgiu a aviação, até a década de 1940, o poder aéreo brasileiro esteve integrado à Marinha e ao Exército. A Força Aérea Brasileira originou-se em 1941 pelo Decreto-lei nº 2.961, de 20 de janeiro do mesmo ano, que criou o Ministério da Aeronáutica (Lavènere-Wanderley, 1967). De sua origem até 1982, a FAB era composta apenas por Oficiais e Praças do corpo masculino.

Com a lei 6.924/1981, regulamentada pelo decreto 86.325/1981, foi permitido às mulheres que ingressassem na Aeronáutica. No entanto, a finalidade da criação do corpo feminino foi apresentada com a seguinte redação:

O Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica é destinado a suprir o Ministério da Aeronáutica com Oficiais e Graduados da Reserva para o exercício de funções técnicas e administrativas, em Organizações Militares mediante convocação para o Serviço Ativo (Brasil, 1981).

Em 1982, formaram-se as primeiras mulheres do Quadro Feminino de Oficiais (QFO) e do Quadro Feminino de Graduados (QFG), quadros exclusivamente femininos. A princípio, os quadros seriam temporários, podendo ser efetivados ao término de oito anos, pois funcionariam como uma experiência. Era necessário saber se as mulheres se adaptariam às regras e particularidades da carreira militar. A efetivação da carreira só ocorreu em 1990, após a formação de sete turmas exclusivamente de mulheres. A partir daí, foi aberta a possibilidade de ingresso da mulher em outras carreiras<sup>5</sup>, até então permitidas somente aos homens, e o quadro exclusivamente feminino foi extinto.

Na Força Aérea, muitas foram as mudanças ocorridas em relação às mulheres, desde que elas começaram a ser admitidas. Nos quadros criados exclusivamente para as mulheres, previa-se a promoção das oficiais apenas até o posto de tenente-coronel, quatro postos abaixo do que era previsto para os homens em tempo de paz. Havia também limitações ao acesso das mulheres a atividades tipicamente militares, como, por exemplo, a atividade de tirar serviço armado, como pode ser observado no artigo 45 do decreto nº. 86.325 de 01 de Setembro de 1981:

As integrantes do CFRA não executarão serviços ligados à segurança de instalações ou de pessoal, exceto em situações de emergência, de perturbação da ordem interna e as peculiaridades do CFRA, na forma em que for determinado

---

<sup>5</sup> Cabe esclarecer que não apenas o militarismo é uma carreira, como também existem carreiras dentro da própria carreira militar. Como exemplos destas carreiras podemos citar a intendência, a infantaria, a engenharia, a medicina, a aviação, entre outras.

pela autoridade competente em conformidade com delegação de competência do Ministro de Estado da Aeronáutica (Brasil, 1981)

As mulheres foram aceitas no meio militar, porém cabiam-lhes apenas “trabalhos de mulher”. Essas desigualdades provocaram o descontentamento dos militares homens que ocupavam os mesmos postos e recebiam o mesmo soldo que as mulheres. A partir desse descontentamento, após algum tempo, as mulheres foram obrigadas a exercer as funções militares dos postos que ocupavam e uma nova redação foi dada ao artigo 45, como pode ser visto a seguir:

As integrantes do CFRA, além dos serviços peculiares às especialidades, poderão executar serviços ligados à segurança de instalações, de pessoal e outros, na forma em que for determinado pela autoridade competente, em conformidade com delegação de competência dos Comandos-Gerais e Departamentos.

Até 1995, para tornarem-se militares, as mulheres passavam apenas por um estágio de adaptação militar em escolas da Aeronáutica. Em 1996 foi permitido o ingresso de mulheres na Academia da Força Aérea, como cadetes, no curso de Intendência. Pela primeira vez as mulheres passariam quatro anos em uma escola militar, tendo instruções junto com os homens. Essas mulheres sempre concorreram em igualdade de condições com os homens do mesmo quadro (Quadro de Oficiais Intendentes – QOINT) e, no que diz respeito à promoção, podem chegar até o posto de Major-Brigadeiro, assim como eles.

Nos quadros específicos da área de saúde, para profissionais médicos, dentistas e farmacêuticos da Força Aérea Brasileira, aparentemente não há discriminação entre homens e mulheres, nem no momento da seleção e nem no decorrer da carreira. Tanto homens quanto mulheres podem chegar a ocupar o posto máximo de seu quadro: para médicos, o posto de Major-Brigadeiro e para dentistas e farmacêuticos, o posto de Coronel.

Hoje, a FAB conta com aproximadamente 6.000 mulheres – do total de mais de 70.000 militares –, entre Oficiais e Graduados, nas áreas técnica, administrativa, de saúde e, recentemente também, na aviação militar, tópico que será abordado a seguir. A partir desses dados, percebe-se que as mulheres vêm ganhando espaço — pelo menos aparentemente — neste ambiente, que sempre fora socialmente considerado masculino.

## **2.2 As Mulheres na Aviação Militar**

Oficialmente, desde a primeira década do século XX, as mulheres “voam”. De acordo com Willians (2003), no entanto, a atividade feminina como pilotos, restringiu-se, por muito tempo, a aviões particulares ou a atividades de suporte à aviação. O mesmo autor afirma que, nos Estados Unidos, as mulheres pilotos participaram da Segunda Guerra Mundial como membros do *Women's Airforce Service Pilots* — WASPs, fazendo traslado das aeronaves no próprio território americano. Porém, as mesmas só foram consideradas pilotos militares em 1977, quando a Força Aérea Americana (USAF) admitiu mulheres nas turmas de aviadores. Ainda assim, havia restrições quanto à sua atuação no ar. As mulheres americanas só puderam voar em missões de combate na década de 1990.

Segundo Samuelson (1984), outros países também utilizaram o trabalho feminino na Segunda Guerra. Na Inglaterra, as mulheres aviadoras realizavam o mesmo serviço que as mulheres do WASPs. A Alemanha também contou com a participação das mulheres no desenvolvimento de projetos e armamentos e na função de piloto de provas. Na Rússia, as mulheres chegaram a participar como tripulantes em missões de combate.

No Brasil, o Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAV) da Academia da Força Aérea ganhou, finalmente, a presença das mulheres no ano de 2003. As mulheres que foram admitidas nesta turma poderão, dentro de alguns anos, como os homens, atingir o posto de Tenente-Brigadeiro do Ar.

Sob o título “Uma Nova Barreira Vencida”, o Tenente Coronel Aviador Waldeísio publicou em 2003, como Comandante do Corpo de Cadetes da Academia da Força Aérea, uma matéria sobre a entrada das mulheres no curso de aviação. Waldeísio afirmou que o ambiente teve que ser adequado à presença das mulheres para que esta fosse encarada com “naturalidade” e destacou que a adaptação das mulheres à caserna foi facilitada pelas próprias características femininas, como a determinação, a autodisciplina, o senso de organização e a responsabilidade, conforme citado por ele. Os desafios que as mulheres teriam que enfrentar, segundo Waldeísio, seriam obter o condicionamento físico, a desenvoltura psicomotora e, especialmente, a agressividade, a coragem e o controle emocional adequados à atividade profissional que iriam desenvolver, já que a adaptação das mulheres à obediência às ordens, ao cumprimento das regras e ao respeito à hierarquia e disciplina foi facilitada pelas características femininas por ele mencionadas (Campos, 2003).

A turma destas primeiras pilotos militares do Brasil tinha, inicialmente, 20 mulheres matriculadas, das quais, ao final, 11 se formaram aviadoras. Vale deixar claro que é comum que parte dos alunos, inclusive do sexo masculino, que ingressam no curso de aviação da Academia da Força Aérea sejam desligados, ao longo dos 4 anos de formação, alguns por livre iniciativa, outros por não terem alcançado os índices mínimos previstos. Destaca-se o fato da educação militar compor-se não apenas de conteúdos teóricos e práticos relacionados aos cursos oferecidos pelas respectivas instituições, mas também de treinamentos físicos rigorosos, o que pode, em um



primeiro momento, constituir um choque para alguns alunos e também uma das causas de desligamento.

A proximidade da formatura das primeiras pilotos provocou muitas expectativas e ganhou destaque em publicações da área da aviação e na sociedade, de uma forma geral. Cuin e Reynaldo (2006) escreveram:

A inquietação que se fazia comum no meio militar e também na sociedade civil suscitou grande procura da mídia e várias indagações: Como seria seu rendimento, sua reação, sua postura, seu desempenho, seu relacionamento com os instrutores, sua resistência à fadiga? Ocorreriam problemas advindos dos ciclos menstruais? (pp.76 – 77).

Tais perguntas, que os autores atribuíram ao pioneirismo da Força Aérea Brasileira, agora, passado o tempo, puderam ser respondidas com o bom desempenho alcançado pelas mulheres, o que as situou em “igualdade de condições com o gênero masculino” (Cuin e Reynaldo, 2006, p.77). Essa “barreira vencida” foi motivo de orgulho manifesto da instituição, que divulgou em seu *site* um vídeo<sup>6</sup> com imagens da formatura dessas mulheres e a narração de como foi essa conquista, além da notícia “AFA forma as primeiras mulheres aviadoras do país”, publicada no dia 1º de dezembro de 2006. No mesmo site, no dia 27 de dezembro de 2006, a notícia era de que uma das pioneiras havia sido homenageada pelo prefeito de Porto Alegre.

Apesar da admissão das mulheres no curso de aviação militar ser ainda recente, algumas mudanças já podem ser notadas. Nas instruções para o exame de admissão para a AFA, publicado em 2002, por exemplo, havia sido determinado um número de vagas<sup>7</sup> para as candidatas ao curso

---

<sup>6</sup> O vídeo pode ser encontrado no site: <http://www.fab.mil.br/aerovia/index.htm> sob o título “Marco histórico”.

<sup>7</sup> Essas vagas são as vagas destinadas àqueles que não fazem parte do corpo de cadetes da Aeronáutica. A maioria das vagas é pré-destinada para os alunos oriundos da Escola de Preparação de Cadetes da Aeronáutica (EPCAR), que é uma escola apenas para meninos.

de aviação inferior ao número de vagas destinado aos homens. As vagas para ingresso em 2005 e 2006 eram de, respectivamente, 20 e 40 e destinavam-se a ambos os sexos. Já o concurso para ingresso em 2007 contava com 20 vagas destinadas aos homens e 20 vagas destinadas às mulheres. Pode-se entender essa última mudança, tanto como uma atitude para dar às mulheres as mesmas oportunidades que são dadas aos homens no momento da seleção, quanto como uma postura para evitar que o número de mulheres aprovadas superasse o número de homens.

Como já mencionado, artigos que abordam a entrada das mulheres no mercado de trabalho (ver, por exemplo, Rocha-Coutinho, 1998; Sanches e Gebrim, 2003; Vieira, 2005) costumam destacar discriminações salariais e de acesso a postos de maior poder e prestígio sofridas pelas mulheres. O grupo a ser estudado nessa pesquisa é um grupo que se diferencia, neste sentido, pois, supostamente, as mulheres e os homens, enquanto oficiais aviadores da Força Aérea Brasileira, recebem o mesmo salário e têm as mesmas possibilidades de ascensão na carreira. Resta compreender a experiência subjetiva, muitas vezes não percebida, dessas mulheres com relação a suas identidades e funções na profissão escolhida, bem como as possíveis dificuldades e discriminações por elas sofridas tanto na FAB quanto na sociedade, de modo geral, em decorrência da carreira seguida.

### **2.3 As Mulheres em Outras Instituições Militares no Brasil e no Mundo**

No Brasil, no que tange às Forças Auxiliares, são encontradas hoje restrições legais e informais no tratamento dispensado às mulheres, como, por exemplo, a determinação de um percentual máximo para a participação feminina em seus efetivos, como aponta Calazans (2004). Além disso, a autora sugere que a entrada das mulheres nas forças policiais, por exemplo, se deu,

em grande parte, em decorrência da necessidade de certas habilidades que eram tradicionalmente consideradas femininas, uma vez que surgiram, nas últimas décadas, novas concepções acerca de segurança pública, que exigiam tipos de trabalho supostamente mais adequados às mulheres, como os trabalhos voltados para o cuidado e a prevenção.

Em uma pesquisa realizada com jovens do exército francês na década de 1990, Devroux (2005) encontrou evidências de que a transmissão de ensinamentos e valores masculinos operava em todos os momentos da carreira militar. Nesses ensinamentos, pode-se identificar que as mulheres eram tratadas como objeto. Os jovens aprendiam “que seu fuzil deveria ser vigiado ‘como sua mulher’ e sempre mantido sob os olhos, sob pena de virem a ser derrubados por um inimigo, representando o rival, esse homem capaz de, a qualquer momento, apoderar-se de sua propriedade” (Devroux, 2005, p. 579).

Na época da integração das mulheres à Força Aérea dos Estados Unidos (USAF), uma tenente publicou um artigo sobre as barreiras de comunicação existentes entre homens e mulheres no ambiente de trabalho, fato esse que ela atribuiu às diferenças de linguajar de homens e mulheres. A autora, Cutler (1976), apontou que as mulheres tinham problemas em adaptar seu linguajar a ambientes predominantemente masculinos. Ela situou as mulheres como vítimas desse problema de comunicação, pois a elas era atribuída a culpa por qualquer comportamento que adotassem. Assim, elas eram censuradas se fossem dóceis, como era socialmente esperado de uma mulher, e também se fossem agressivas, como deviam agir os militares, algo que foi considerado, por muito tempo, um comportamento impróprio para mulheres.

Calazans (2004), em sua pesquisa sobre as mulheres na polícia militar do Rio Grande do Sul, destaca que a bibliografia que trata da presença de mulheres nas polícias militares é escassa e que a maioria dos trabalhos faz uso de uma metodologia quantitativa. Castro (2004) aponta que

os trabalhos desenvolvidos envolvendo instituições militares no Brasil “tendem” a politizar a instituição militar, já que abordam primordialmente o papel dos militares na política brasileira. Acreditamos, assim, que a proposta desta pesquisa se diferencia das demais, visto que tem como foco o caráter psicossocial do contexto militar e faz uso de uma metodologia qualitativa, que busca “ouvir” o que as mulheres inseridas na instituição têm a dizer. Nosso estudo pretende, com isso, abrir um espaço para maiores discussões e reflexões sobre, não apenas a questão da participação feminina na Força Aérea Brasileira, como também sua participação no mercado de trabalho e na sociedade brasileira, de modo geral.

### **CAPÍTULO 3**

#### **METODOLOGIA**

Como mencionado anteriormente, o papel das mulheres em nossa sociedade vem sofrendo modificações nas últimas décadas. Observa-se a cada vez dia uma maior atuação de mulheres no mercado de trabalho em cargos antes somente ocupados por homens. Assim, tomou-se como foco neste estudo, a participação feminina na aviação militar, com a finalidade de melhor compreender como se desenrola o processo de construção de identidade dessas mulheres no atual contexto de mudanças no papel e na posição de mulheres na sociedade, de uma forma geral, e, mais especificamente, na Força Aérea Brasileira. Optou-se por realizar uma pesquisa psicossocial que faz uso de uma metodologia qualitativa. Foram, para tanto, coletados dados discursivos através de entrevistas semi-estruturadas, que foram gravadas e transcritas na íntegra. Os textos resultantes dessa transcrição foram, então, submetidos a uma análise de discurso.

Buscamos, através da análise dos discursos individuais, as idéias sociais compartilhadas pelo grupo estudado, já que se acredita que os discursos refletem e reforçam as ideologias que vigoram nos contextos em que estão inseridos, e são fundamentais para a “reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem das relações e identidades com que se definem numa sociedade” (Pinto, 1999, p. 24).

Não é nosso objetivo aqui alcançar “a” verdade e nem buscar relações de causa e efeito, uma vez que não se acredita que isto seja possível. A análise de discursos, como todo tipo de análise em psicologia, é, por natureza, interpretativa. Além do mais, não se acredita em uma relação simples entre forma e significado. Uma forma pode ter muitos significados e um significado pode ser expresso de várias formas diferentes. Assim, a forma, o significado, bem

como a função de uma determinada fala em um dado contexto – o da entrevista – foram levados em conta em nossa análise.

### **3.1 Participantes**

Participaram da pesquisa 6 mulheres, com idades entre 22 e 25 anos, aviadoras da turma de 2003, que se formaram em dezembro de 2006. Todas fazem parte da primeira turma em que foi permitida a entrada de mulheres no quadro de aviadores na Academia da Força Aérea.

A escolha das participantes da pesquisa deve-se ao fato de que estas mulheres vão exercer uma profissão que, até o momento, era considerada, na Força Aérea, como a mais tradicionalmente masculina. Elas são, portanto, pioneiras neste ambiente militar. Acredita-se, desta forma, que elas ainda estejam se adaptando a esta nova situação e, como tal, estariam criando um discurso próprio para descrever o processo por que estão passando.

Cabe acrescentar aqui, ainda, que as mulheres entrevistadas encontravam-se, no momento das entrevistas, realizando cursos como estagiárias nos esquadrões. Ao saírem da AFA, após os quatro anos do CFOAV, os alunos escolhem ou são designados – de acordo com a classificação final na AFA e por indicação do instrutor – para a aviação de caça, de helicóptero ou de transporte aéreo e passam o ano seguinte concentrados em um dos três esquadrões responsáveis pelas instruções de vôo.

### **3.2 Instrumento da Pesquisa**

Foram utilizadas entrevistas semi-dirigidas, que tiveram uma estrutura invisível. Este tipo

de instrumento possui um roteiro elaborado previamente (ver anexo) que, não é, contudo, apresentado e nem necessariamente seguido, no momento da entrevista, na ordem exata em que foi elaborado, o que faz com que ela se assemelhe mais a uma conversa informal. Assim, os tópicos estruturados previamente são abordados de acordo com o próprio fluxo da conversa. Apenas quando um tópico não é tratado espontaneamente pela entrevistada, são formuladas perguntas relacionadas a ele. O objetivo nessas entrevistas é que o entrevistado fale o máximo que puder e quiser, pois, quanto mais discorrer sobre os tópicos, mais rica poderá vir a ser a análise de discurso.

### **3.3 Procedimento**

Todas as mulheres foram entrevistadas separadamente, no local e hora que lhes foram mais convenientes. As entrevistas foram todas gravadas e transcritas na íntegra, levando-se em consideração, inclusive, possíveis erros, gírias, entonações e pausas, de forma a representar o discurso das entrevistadas da maneira mais fiel possível. Após a transcrição das entrevistas, os textos daí resultantes foram submetidos a uma análise de discurso, a partir das seguintes categorias: Ser Mulher; Escolha Profissional, Questões e Dificuldades na Carreira; e Aspirações na Esfera Profissional e Familiar. Cabe considerar que, apesar do caráter singular das falas de cada entrevistada, buscamos encontrar os temas comuns e os pontos em que os discursos convergem ou divergem, para desenvolver nossa análise. Os nomes das entrevistadas foram modificados manter a privacidade das mesmas.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DOS DADOS

#### 4.1 Ser Mulher

Nesta categoria procuramos analisar as falas das entrevistadas que se referem ao que é ser mulher, ao que acreditam ser importante para as mulheres atuais, a como vêem a inserção feminina no mercado de trabalho e na sociedade, de modo geral, bem como às diferenças entre as mulheres de hoje e as do passado.

Todas as entrevistadas consideram que ser mulher hoje é diferente do que era ser mulher há algum tempo atrás. Para a maioria delas, as mulheres atuais estão passando por um processo de transição, ainda que cada uma identifique aspectos distintos relativos a essas mudanças, como se pode observar nas falas que se seguem.

Para Ângela, por exemplo, as mulheres estão, aos poucos, se igualando aos homens:

É! Ah, eu acho que agora tá tendo assim tipo uma igualdade assim, tá, aos poucos tá se igualando assim, num tá havendo tanta diferença como era antigamente, eu acho. Eu acho que era bem mais separado, que a mulher tinha suas funções, o homem tinha as dele e hoje em dia eu já acho que não é tanto assim. Já é, num existe mais aquela diferença que ah isso aqui é só pra homem ou é só pra mulher.

Já para Bárbara, as mulheres atuais, diferentemente das mulheres das gerações mais velhas, estão brigando por direitos iguais. No entanto, como sempre estiveram em desvantagem com relação aos homens, precisam provar que são capazes de fazer tudo, ou quase tudo o que eles



fazem – ainda que homens e mulheres sejam diferentes e que as diferenças tenham que ser respeitadas – para conseguir ocupar espaços que nunca tiveram. É difícil, segundo ela, superar essas barreiras e, ainda que agora já estejam começando a conseguir isso, as mulheres atuais ainda estão sujeitas a muitos preconceitos:

Deixa eu pensar um pouquinho então, antes de começar a gravar... sacanagem, achei que fosse uma coisa prática! Pô!... ah, não sei, eu acho que... eu acho que a gente tá... as mulheres né, saíram um pouco atrás aí nessa corrida, e a gente tá brigando aí pra ter os direitos iguais. É, que o, que homens e mulheres não são iguais, isso aí acho que todo mundo já sabe, né. E acho que a idéia não é que sejam vistos como iguais, mas que as diferenças sejam respeitadas, que isso não desmerece a gente pra fazer o que a gente vem se propondo, então, nas diferentes áreas, de um modo geral, poucas coisas a mulher não teria condições de fazer... Então... eu acho que a gente tem que... é, a gente tá na desvantagem porque a gente tem que provar que é capaz de fazer o que eles já fazem. E acho que... o mais difícil é isso, é quebrar essa barreira e eles verem que a gente é capaz de fazer, consegue fazer pra eles respeitarem as diferenças, exatamente por causa desse negócio. E vê que num tem nada a ver, não merece menos nem mais. Ó eu acho que... eu acho que muitas opções foram negadas por muito tempo, entendeu? E agora... tudo tá ficando mais liberal, tudo mais, a gente tá conseguindo é, conseguindo ocupar o nosso espaço, um espaço que a gente nunca teve e que tem muito preconceito ainda e tudo mais, mas acho que isso é normal, a gente passar por essa parte.

Sara também acredita que as mulheres hoje têm um pouco mais de espaço na sociedade, mas afirma que a sociedade ainda é um pouco machista, mesmo que bem menos do que no passado:

Ah, (risos).. eu acho que, hoje em dia a a mulher tem um pouco mais de espaço na sociedade atual, os homens tão ficando com a cabeça um pouco mais, tão ficando mais liberais assim, num sei, tem homem que fica em casa é cuidando dos filhos pras mulheres irem trabalhar, eu acho que a sociedade em geral ainda é um pouco machista mas é bem menos do que no início do mundo.

Vera, por sua vez, afirma não saber o que é ser mulher na sociedade atual, mas acredita que sabe dizer o que não é ser mulher hoje. Para ela, ser mulher é um “conceito” que está se transformando e que já evoluiu. Atualmente, por exemplo, ela já não é mais alguém que fica em casa cuidando da família e a maioria dos homens espera que elas trabalhem e se sustentem:

Ah.. eu acho que que esses conceitos tão se.. são conceitos que tão em, principalmente com relação a ser mulher, é uma coisa que tá se transformando, num é. Num é mais, com certe, eu não sei te dizer o que que é, mas eu sei o eu sei dizer o que não é. Mulher não é mais aquela pessoa que fica em casa cuidando da família, pelo menos eu não vejo mais assim, entendeu. Éé eu acho que a mulher pô hoje em dia eu acho que assim até os homens eles já esperam isso da mulher, que ela não se acomode, entendeu, por exemplo, tem muito cara da minha turma que "ah, pô, vou casar pra mulher ficar em casa eu sustentando, eu sustentando a mulher?", tem menino cara de pau que fala isso "claro que não, pô, tem que arrumar uma mulher que trabalha, num sei que" ou "ah, o bizu é casar com militar porque aí ela vai ajudar em casa também". Então, eu não sei definir assim como é que é, mas com certeza é um conceito que que já evoluiu, entendeu.

Para Rita, a mulher e o homem ainda continuam fortemente ligados aos seus papéis tradicionais. Houve apenas mudanças na imagem de família, o que tornou muito comum o casal se separar. No entanto, mesmo acreditando que a mulher está muito vinculada à maternidade e ao lar, ela pensa que a mulher profissional está “brotando” ultimamente:

Que que é ser mulher? Acho assim, a a imagem da mulher ainda continua muito como a dona de casa, mãe, tá muito forte isso ainda. A profissional tá brotando, né, mas a dona de casa e a mãe ainda é forte. O homem é é segurança, é o dono da casa, essa é minha imagem, né, acho que, não da, a família, a imagem da família tá um pouco ééé mudada ultimamente, mas eu acho que do homem ainda é do provedor, sas coisas... Da família, porque tá ficando muito comum assim o ca ooo casal separar e o filho namorado da minha mãe ser, é normal já ser filho de pais separados. Quando eu era criança ainda era um espanto assim "ah, seus pais são separados", hoje em dia não, as crianças brincam, conversam, comportamento normal.

A única entrevistada que não falou da diferença como algo em processo, mas sim como uma mudança já estabelecida foi Catarina:

Cara, nunca parei prá pensar. Eu acho que antigamente ser homem significava ser chefe de família e tudo, figura assim do pai, eee mulher era que ficava em casa, tomava conta da casa, dos filhos, e educava e eu acho que hoje em dia isso aí mudou completamente. Todos, ambos, é, homem e mulher, hoje em dia têm assim esse papel de de responsabilidade, de cuidar, gerenciar, trabalhar, acho que isso aí é uma diferença, né, entre uma visão atual e de como era antes.

Quatro das seis entrevistadas acreditam que hoje aquilo que é importante na vida de uma mulher é o mesmo que é importante na vida de um homem, sendo que as quatro afirmaram que, de alguma maneira, o importante para ambos é a realização pessoal.

Como se pode observar na fala de Ângela a seguir, apesar dela não definir que aspectos gerais considera importantes para uma mulher ou homem, acredita que a realização dos sonhos e metas é algo fundamental na vida de ambos, independente de serem homens ou mulheres:

(risos) Pô, num sei, é... realização dos sonhos dela... cumprir o que ela tem de meta, o que ela gostaria de alcançar. Eu acho que seria a mesma coisa. Mesma coisa...

Catarina concorda com Ângela no que diz respeito ao que acredita ser importante na vida de mulheres e homens, valorizando tanto a realização nos planos pessoal quanto profissional. Cabe acrescentar aqui que, no caso específico das mulheres por nós entrevistadas, a experiência profissional é ainda bastante nova, o que tornaria a realização profissional mais desafiadora, algo que é mencionado por ela como uma oportunidade, uma experiência nova, como se pode ver na fala a seguir:

Realização, em todos os aspectos, acho que, no nosso caso, realização profissional tá contando bastante porque a gente tá tendo uma oportunidade, né, uma experiência que ninguém nunca teve antes, e eu acho que isso traz bastante realização, bastante importante pra gente. Eu acho que, tanto o homem quanto a mulher, busca realização em todos os aspectos: pessoal, profissional, acho que o desejo não é diferente.

Para Bárbara, como para Ângela e Catarina, as mesmas coisas são importantes na vida de mulheres e homens. No entanto, Bárbara destaca como importantes a família e o trabalho, e afirma que cada um desses aspectos tem peso distinto na vida de homens e mulheres, acabando por reforçar a antiga idéia de que a família tem maior importância para a mulher:

Eu acho importante? Família e trabalho. Também acho que é família e trabalho, só que eu acho que mulher pesa mais a família do que o homem. Não que ela vá ter ma... eu num sei...com relação... um que é, eu sei que é... eu acho né, que a mulher dá mais importância pra família do que o homem, que ela começa a se preocupar com isso mais cedo, assim ela amadurece mais cedo, geralmente começa a, se preocupa em

constituir uma família bem mais cedo do que o homem assim, e acho que ela dá mais valor pra isso também.

Sara, como as outras entrevistadas, também acredita que as mesmas coisas são importantes na vida de mulheres e homens, valorizando a independência, o exercício profissional e o enriquecimento pessoal:

Ah eu acho que, eu acho muito importante mulher ter um a sua independência, trabalhar, assim, tipo num depender totalmente do homem ou depender de alguém assim, depender da família, eu acho que é importante a mulher ter alguma profissão, ter o que fazer eee tipo viver a vida dela, tipo, aproveitar, conhecer lugares, viajar, é trabalhar pra sua enriquecimento pessoal. Ah, acho que, também, acho a mesma coisa.

Rita e Vera também mencionam que a realização é importante para as mulheres. Porém, tanto Rita quanto Vera pensam que homens e mulheres dão importância a aspectos diferentes da vida. Rita apresenta uma visão bastante tradicional de mulheres e homens, destacando a importância da maternidade e da constituição de uma família na vida da mulher e do sucesso na vida do homem, como podemos ver na fala a seguir:

Acho importante realização pessoal, alcançar, acho que toda mulher também quer ser mãe, tem esse sonho essa realização. Depois vêm os complementos, né, a realização profissional, toda mulher quer casar, tem o sonho do ideal da família, acho que é isso, eu pelo menos tenho, né, esse sonho cor-de-rosa, embora na verdade acho que muitas vezes não seja, toda mulher tem esse sonho de casar, da família, filhos... Ah, pro homem, o homem é mais território, né, eu acho assim, é mais sucesso, eu acho que o homem tem mais, mais expansivo, ele quer mais marcar território, carreira é muito importante pro homem, sucesso, sas coisas. (...) Objetivos? Eu acho. Eu acho que são diferentes. Não, a mulher não é que ela não tenha ambições, mas

são menos fortes, eu acho que a mulher ela abdica mais fácil das coisas, dependendo da situação, o homem nem tanto, ele tem o orgulho muito forte nele. A sociedade impõe isso pra ele, que ele tem que ser bem sucedido, ele tem que fi tá bem financeiramente.

Já Vera acredita que o importante para a mulher é a felicidade, que, para ela, está ligada à realização pessoal. A entrevistada se mostrou um pouco confusa ao falar sobre o que é importante para um homem, aparentando dúvida em relação ao fato da família ser ou não importante para ele. Além disso, ela acha que o homem se preocupa mais com as aparências, com a forma como ele vai ser visto pelas pessoas do que a mulher:

Ah, importante é ser feliz, né, fazer, fazer o que for preciso prá que você encontre essa felicidade, essa realização. Que nem eu te falei, não existem mais aquelas barreiras, né, de você achar que você não pode fazer determinada coisa porque alguém vai pensar alguma coisa ou prá, não, acho que a que a mulher hoje em dia mais o que ela busca é ser feliz, através do trabalho ou a ou constituir uma família, se é isso que vai fazer ela feliz, não tem mais nada, não tem mais barreiras assim prá.. com ela mesma, entendeu prá que a, que a restrinja assim, eu acho. Pra ele? Ter um carro! Ah, eu acho que que ah, não sei, é porque eu caio sempre, vou cair sempre num clichê falar do que é importante prum homem, acho que o importante pra homem é ter uma família ou não, né, sei lá. Os homens não parecem querer ter uma família. Mas eu acho que no fundo eu acho que isso é importante sim pra eles, no fundo eles também buscam isso. É porque é fogo, principalmente homem militar eles são muito de “não, eu não vou casar nunca, eu sou feliz assim, eu quero ter meu Honda Civic”, mas isso é uma coisa que eu acho que eles falam da boca pra fora, só pra aparecer, né. (...) Eu acho que (...)o homem ele ta meio, eu acho né, isso eu acho, que o homem ta mais preocupado com o que as pesso como as pessoas vão enxergar ele, entendeu, e a mulher não. Então baseado nisso

as coisas tornam importantes prá uns e não importantes pra outros. Eu acho isso.

Parece, assim, como se pode observar nas falas das entrevistadas, que elas acreditam que o que é ser mulher está passando por um processo de transição na sociedade. As falas a seguir apontam para o fato de que tal processo parece ser sentido em especial no que diz respeito à relação das mulheres com o mercado de trabalho. Sua entrada nele é tratada como uma conquista feminina, como um espaço que está sendo ganho ou conquistado, ou, ainda, no qual elas foram, pouco a pouco, se inserindo. Duas das entrevistadas, contudo, apontam que, apesar das conquistas alcançadas, ainda há desigualdade entre os sexos.

Embora Ângela afirme que vê a inserção da mulher no mercado de trabalho como uma conquista, observamos em sua fala que isso é percebido por ela como algo que ainda está em processo. Ângela afirma, em um primeiro momento, que a inserção da mulher no mercado de trabalho é “praticamente” uma rotina e que existe “praticamente” uma igualdade, mas, logo a seguir, diz que ainda existem diferenças, mesmo que se possa sentir aí uma evolução:

Ah, eu acho que foi uma conquista, que agora já, praticamente, já é uma rotina, né? Já faz um tempo, né, que a mulher já tá entrando, no mercado de trabalho então praticamente agora existe uma igualdade, eu acho. Ainda tem algumas diferenças, né, que não é a mesma quantidade de mulheres e de homens, mas assim, tá evoluindo bastante. .... (risos) Ah porque acho que a, a mulher viu que não tinha que ter essa diferenciação, não tinha que existir essa diferença. O que ela tem que fazer, o que ela pode fazer ou o que ela não pode. Aí ela foi buscando o que ela queria, coisas que a a agradavam, como os homens fazem. Daí, ela foi conquistando o lugar dela.

Bárbara reafirma o que já havia dito sobre as mulheres na sociedade atual, assinalando, contudo, que a mulher tem sempre que provar que é capaz. Para ela, as mulheres têm mostrado que são capazes e, assim, estão ganhando espaço e muita coisa já melhorou. Apesar disso, acredita que ainda falta muita coisa, o preconceito é grande, a sociedade continua a ser desigual e machista e muitos homens, até hoje, não aceitam a entrada das mulheres no mercado de trabalho:

Então foi mais ou menos acho que eu já falei no começo, né? Que a gente tá ganhando esse espaço, tudo mais e aí já é uma coisa que dá trabalho, a gente tem que tá quebrando um monte de paradigma aí, o preconceito é grande porque os, os caras não tão acostumados assim com as mulheres ocupando funções de direção, tudo mais, de poder que tenha algum, principalmente os cargos mais que tenham mais poder assim nas relações de trabalho... Mas eu acho que isso vai melhorando com o.. existe uma porta aberta e a gente vai melhorando conforme a gente vai trabalhado a gente vai mostrando que a gente é capaz, entendeu? E...ah eu acho que é assim mesmo. A gente tá numa fase difícil, a gente tem que superar isso, mas muita coisa já melhorou sim, mas falta muita coisa, com certeza. A sociedade é bem desigual sim, bem machista. Em todos os aspectos. Ah, porque pessoal que fala muito de... a, direitos iguais, direitos iguais, entendeu, não são direitos iguais, num é, a gente quer que seja e a gente tá correndo atrás pra que seja, mas pelo menos por enquanto num é. É muito diferente quando a mulher faz uma coisa e o cara faz a mesma coisa, a, o modo da sociedade ver aquilo ali é, a resposta praquilo ali é muito diferente. Nos mais variados campos assim. A mulher acaba ficando muito restrita pela sociedade. Muita coisa ela não pode fazer porque ela vai ficar mal-vista, mas, pô, se um cara fizer vai ser uma coisa normal. E no trabalho também é muito no, o pessoal não acredita muito entendeu, tem que ficar, ainda tem que encontrar com caras que acham que você não podia tá ali, que não tem condições de tá ali... tem que ficar superando esse tipo de coisa. Muita gente já fica na boa e tal, muita gente acha normal e tudo mais



[incompreensível], mas ainda tem muito cara que, que não aceita bem isso.

Como Bárbara, Vera acredita que muita coisa ainda precisa melhorar e menciona a desigualdade de salários entre homens e mulheres que ocupam os mesmos cargos, fazendo uma ressalva para o caso dos militares. No entanto, mesmo lembrando que os salários na Força Aérea não podem variar de acordo com o gênero, Vera chama a atenção para o tempo mais longo levado pelas primeiras mulheres que ingressaram na FAB para serem promovidas, quando se compara com o tempo de promoção dos homens que ingressaram na instituição na mesma época:

Eu acho que .. que tá.. hoje em dia tá indo bem mas ainda precisa melhorar muita coisa, entendeu? A questão do dos salários, por exemplo, que todo mundo sabe que uma mulher que faz o mesmo, lá fora, né, com os militares felizmente isso não pode acontecer, todo mundo tem o mesmo salário, mas lá fora, pô, mesmo cargo, mesma função, salário diferente, menores prá gente. Na na FAB, o que acontecia muito, num sei se ainda acontece, quer dizer, acontece porque ainda tem gente nessa situação, por exemplo, uma uma mulher pedagoga que já tava há um tempo de ser promovida, continuou, todo mundo que formou no mesmo ano que ela já é major e ela é, continua sendo capitã, por exemplo. É, não sei se é porque são mulheres, não sei, mas né, você olhando assim a primeira impressão que você tem é essa, né, poxa, eu já conversei com algumas majores das turmas antigas, né, e elas me falaram que isso é um fato. Trinta anos de carreira, ela já tinha já tinha, já tem tempo prá ser Coronel, que eu acho que é o máximo que elas podem chegar, e a maioria é major ainda, entendeu? Eu acho que falta evoluir ainda mas o lado positivo é que a gente tá chegando lá.

Catarina acredita que a inserção da mulher no mercado demorou a acontecer, mas está em curso e bem encaminhada:

Eu acho que isso é uma coisa que demorou até prá acontecer, tem acontecido, até um tempo atrás, de forma lenta, hoje em dia acho que tá bem encaminhado isso aí, a mulher tá presente em, se não todos os ambientes de trabalho, que antigamente [um homem abriu a porta e perguntou por uma pessoa], todos os ambientes que antigamente era só restritos a homens, né, hoje em dia a mulher tá presente em todos eles.

Para Sara, as mulheres estão conseguindo ganhar um espaço grande no mercado de trabalho. Ela acredita que as mulheres estão estudando mais, mudando sua cabeça e, assim, elas estão conseguindo mais espaço e já não se pode falar em “coisas de homem” e “coisas de mulher”:

Ah, eu acho que que as quee ... ah, eu acho que .. as mulheres estão cada vez mais estudando, tão estudando um pouco mais assim ee tão conseguindo ganhar um espaço grande assim no mercado de trabalho ee tão se saindo bem é nas profissões assim até tão até conseguindo entrar em meios que eram praticamente masculinos, né, t assim, num tem mais limite assim, tipo "ah, essas aqui são mais de homem, essas mais de mulher", hoje em dia tá muita coisa tá misturada. Ah, eu acho que porque as mulheres tão mudando também a cabeça delas, a sociedade tá dando um pouco mais de espaço, acho que é por isso.

Rita acredita que a mulher está se inserindo mais no mercado de trabalho e está ocupando cargos melhores e mais altos. Além disso, acha que as mulheres estão levando características femininas para o trabalho e que isso está sendo produtivo:

Ah, eu acho que tá sendo produtivo em todos os aspectos porque a gente tá trazendo características femininas positivas prá esse lado éé, vamos supor que a mulher seja mais detalhista ou repare em alguma coisa que talvez o homem não perceba, e isso é interessante porque tá trazendo esse ponto de vista e tá engrandecendo, então eu acho que a gente tá ganhando todo

mundo com isso. (...) Com certeza, acho que tá conseguindo postos de chefia, hoje você vê uma diretora de empresa, uma chefe bem bem desenvolvida assim, acho que hoje em dia é mais comum isso e tá tá não só se inserindo como galgando postos altos, postos de confiança, tem mulheres também [abaixando a voz].

Todas as entrevistadas acreditam que, atualmente, não existem mais funções destinadas apenas a mulheres ou homens. Quatro delas desenvolvem mais esse assunto e se referem às funções como não mais sendo exclusivas, mas, antes, falam de uma divisão de funções entre homens e mulheres. Para essas entrevistadas, existe, de alguma maneira, uma tendência de homens e mulheres procurarem algumas profissões e não outras, seja por estarem mais de acordo com o perfil ou com as características femininas ou masculinas, seja simplesmente porque mulheres e/ou homens não estão querendo mais desempenhar certas funções.

Bárbara e Catarina utilizaram a própria profissão, bem como o curso que estão realizando, para falar sobre a questão da diferença no exercício de determinadas funções por homens ou mulheres. Bárbara acredita que a profissão de Piloto de Caça, por exemplo, é mais propícia para homens. Para explicar seu ponto de vista, ela expõe algumas características necessárias para exercer a profissão, dentre as quais a autoconfiança, a agressividade e a frieza, afirmando que estas características são mais típicas do que ela denomina “perfil masculino”. Ela afirma que, diferentemente do homem, a mulher geralmente é mais emotiva. Entretanto, como a própria Bárbara assinala a seguir, algumas mulheres podem se enquadrar muito bem na atividade de Piloto de Caça:

Não, exclusivas não, mas tem, acho que tem coisas que são mais, tem mais a ver, entendeu, no geral. Por exemplo, a minha profissão tem mais ver com homem, com certeza, tem muito

mais a ver com o perfil deles, a procura deles é muito maior. Eu acho que na média os homens se adaptam muito melhor do que as mulheres. O q... O que não quer dizer que não tem mulheres que não vão se adaptar e vão fazer muito bem. Eu acho que eles se adaptam melhor porque é um troço que exige é..., na minha é..., caça, especificamente, é um troço que cê tá sempre sozinho, entendeu, cê vai tar sozinho no avião, tem que tomar decisões sozinho, tem que ser muito autoconfiante e... e tem uma certa agressividade a missão exige isso de você, entendeu, então tem que ter uma certa frieza ali, uma calma, a mulher geralmente ela é mais emotiva ela mistura mais os dois lados, a emoção com a razão. Por mais que ela consiga agir baseada na razão, né, somos inteligentes, mas a gente mistura muitas coisas, pra gente separar a parte emotiva é mais difícil, pro homem é mais simples e é e, a nossa profissão exige muito isso, entendeu? Muito auto-controle, muito domínio, acho que tem mais a ver com o perfil masculino, entendeu, não são muitas mulheres que eu acho que se enquadram nisso. Mas, várias mulheres se enquadram muito bem. Não tem problema nenhum, entendeu? Várias mulheres vão vir e vão fazer e vai dar tudo certo, eu acho que não tem nada restritivo, só que no geral, na média, e a procura feminina também é menor, porque interessa menos, eu acho. A mulher acaba procurando menos esse tipo de profissão, que não é uma coisa que salta aos olhos de qualquer mulher. Mas algumas mulheres...

Já para Catarina, ela e as outras meninas da primeira turma estão provando que é possível e que não há restrições para que mulheres exerçam a profissão de piloto, embora existam, na sociedade, funções mais talhadas para os homens ou para as mulheres, isto é, em que um deles pode “levar mais jeito”. Catarina se refere também a uma “habilidade natural” e situa “tarefa de mulher” e “tarefa de homem” entre aspas:

Não, exclusivo não, eu acho que, que existem funções que a mulher pode levar mais jeito, ter mais habilidade natural, né, assim como o homem também, mas num acho que seja alguma

coisa que impeça, entendeu. Acho que nada restringe o homem fazer uma tarefa que seja de mulher ou a mulher fazer uma tarefa que seja de homem entre aspas. Acho que a própria, o próprio curso de de piloto que a gente tá fazendo aqui, piloto militar, piloto de caça. Até ano passado, né, que esse ano foi a gente que começou, isso era uma profissão exclusiva de homens, não que restringisse ter mulher, mas ninguém nunca tinha feito a experiência, então a gente tá aqui provando que dá certo e que não tem restrição nenhuma. É uma tarefa, era uma tarefa exclusivamente masculina e que, até então, o homens teriam mais aptidão, mas a gente tá mostrando que isso não tem nada a ver, que a gente tem condições também, a gente pode não ter agora um número expressivo, porque somos três só, mas eu acho que daqui pra frente, quando isso se consolidar, vai ver que, vai ficar claro que num tem nada a ver, que é uma tarefa comum, que tanto o homem quanto a mulher podem executar.

Para Rita as funções não são exclusivas de homens e mulheres, mas sim “preferenciais”.

De acordo com esta entrevistada, profissões que exijam cuidado têm mais a ver com características comuns em mulheres e funções mais brutas, que exijam mais força, com características comuns em homens:

Eu num diria exclusiva, eu digo preferenciais. É, acho que são preferenciais, num é que sejam exclusivas, mas têm características que você vai ver mais em homens, mas num impede que uma mulher tenha essa característica e desempenhe. Ou que, vamos supor, um exemplo, cabeleireiro por exemplo, nada impede ter um cabeleireiro ótimo homem, e mas você sempre acha que tem que ser mulher do ponto de vista social. Acho que são preferenciais. Geralmente são homens, mas pode ter uma iluminada lá no meio que faça e faça bem. Por exemplo, babá. Babá é uma coisa de mulher, você imagina que a mulher vai ter mais cuidado com o bebê, com o cuidar de criança, cuidar de casa, mas pode ser que tenha homem que tenha todo esse cuidado assim e seja uma maravilha. Empregadas doméstica, por exemplo também (risos), um empregado

doméstico, eu num imagino isso, né, mas pode ter um iluminado que faça. De homem...ah, sei lá, por exemplo, a gente sempre tem aquele estereótipo, né, pedreiro, sempre uma coisa bruta, trabalho forte, mas pode ter uma mulher que goste de fazer aquilo tudo, sei lá, saiba fazer bem e faça melhor até e tá lá.

Vera atribui à falta de vontade das mulheres a sua ausência em algumas profissões. Para ela, as mulheres têm capacidade para desempenhar qualquer função, mas acredita que trabalhos que requerem do trabalhador um esforço grande ou muita disponibilidade de tempo não são atrativos para as mulheres. Para a entrevistada, as mulheres não querem parar de se dedicar à família e a si próprias, embora busquem se inserir no mercado, afirmando, a seguir, que ela própria almeja conciliar a profissão que escolheu com sua vida pessoal e familiar:

Olha..ah... mmm eu acho que eu acho que hoje em dia nada mais é impossível, mas tem algumas coisas que as mulheres num querem fazer, entendeu. É a pô, sei lá, ser.. Deixa eu ver uma profissão bem ruim. (risos) É que eu vi uma reportagem na, acho que foi na veja outro dia. As piores profissões do mundo. Não, foi no site da Globo. E tinha lá: cara que mergulha na fossa pra limpar. Aquilo ali, pô, se fosse uma mulher ela não ia fazer aquilo ali, que nojo, entendeu! Cara que.. mergulhador de fossa, é basicamente isso o trabalho do cara. O cara veste uma roupa, entra pra vasculhar.. ah, eu acho assim que, falando em termos físicos, capacidade mental, essas coisas assim eu acho que num existe mais não. Agora, logicamente tem algumas coisas que a mulher por outros problemas num quer fazer, um trabalho que sei lá exige um esforço muito grande, ou que ocupe um tem um tempo muito grande da vida dela porque, por mais que a gente queira se inserir no mercado, eu acho que a maioria das me, nenhuma, a maioria das mulheres num pensa assim em fazer um trabalho que que ocupe totalmente o tempo da vida dela que ela não tenha tempo pro pra família ou pra ela mesma, eu penso muito nisso na aviação, né, eu não quero, fim do ano eu vou embora daqui eu não quero escolher um esquadrão queee eu

passa muito tempo fora de casa, é uma coisa que eu peso pra mim na minha escolha. Enquanto os garotos, eles, a maioria deles busca um esquadrão que eles voem o máximo de tempo possível, pra ganhar diária, num sei o que. Que é aquela questão que ce falou o que é importante pra um e o que é importante pro outro. Pra mim num é importante agora ganhar muita diária, muita ajuda de custo, não, eu quero voar mas eu quero também ter tempo pra fazer minha faculdade, cuidar do marido, possivelmente, esse tipo de coisa.

Sara e Ângela afirmam que não há mais funções femininas e funções masculinas, como se pode observar na fala de Sara abaixo. Ela, inclusive, após tentar se lembrar de alguma função que seja exclusiva de um dos sexos, acaba por dizer que acha que isso, na verdade, não existe mais:

Eu num consigo lembrar de nenhuma agora (risos), assim, ah, tipo, hum nada acho que até mecânica de avião dever ter eu acho. Num sei, eu acho que não. Tem homem baby siter tem mulher baby siter, tem homem .. que .. é, tem aeromoça e tem também o comissário também, eu acho isso é.. não existe mais.

Já Ângela afirma, simplesmente:

Eu acredito que não.

Quando solicitadas a falar sobre a situação da mulher no mundo atual, de maneira geral, as entrevistadas, de forma coerente com seus discursos anteriores, mencionam algumas conquistas em andamento, como o fato de que as diferenças com relação aos homens vêm diminuindo, os papéis estão menos definidos, há menos preconceito, mais liberdade, e a situação hoje é melhor do que a que existia há algum tempo. Independência, liberdade, autonomia e vontade foram algumas das palavras utilizadas por elas para se referir à situação da mulher na contemporaneidade.

Para Bárbara, Catarina e Sara, a visão da sociedade com relação à mulher mudou muito nos últimos anos. Bárbara considera que a mulher hoje tem possibilidade de fazer escolhas e, mais uma vez, afirma que estamos em pleno processo de mudança, ainda que lento:

Ah, eu acho que já melhorou muito. É... O que que mudou que eu acho que antes ela num, ela num tinha, deixa eu ver, num tinha nem a oportunidade, assim, era mais restrito né. Os papéis eram mais definidos, o homem trabalhava a mulher ficava em casa, esse tipo de coisa e agora a gente tá tendo mais oportunidade de escolha enfim e da gente fazer o que a gente realmente quer que antigamente eu acho que nem que ela quisesse ela num tinha essa opção. Aí isso aí eu acho que tá melhorando bastante e as coisas, é um processo lento mesmo, as coisas tão evoluindo, é meio devagar, né, tudo anda meio devagar, mas tem que insistir.

Catarina credita a melhora da situação da mulher na sociedade à independência que adquiriu e à sua inserção no mercado de trabalho:

Melhorou muito desde que a mulher pôde ter mais independência, começar a trabalhar, é, estudar, sustentar a casa, acho que melhorou muito essa, essa visão, deixou de ser assim mais preconceituosa, mais machista, tá entendendo, e passou a ser uma visão de igual pra igual.

Sara vincula a melhora à ocupação, pelas mulheres, de cargos mais importantes, apesar da diferença de salário permanecer:

Eu acho que hoje em dia tá bem melhor. O que mudou? Que as mulheres tão ocupando cargos cada vez mais importantes, tem mulheres éé que são presidente de empresa, outras tão trabalhando no, um po assim tem diferença de salário ainda, mas acho que tá bem melhor do que antes.



Na visão de Ângela, a mulher foi entrando devagar no mercado de trabalho e hoje já assume todos os papéis em uma empresa. Para ela, a diferença que existe hoje entre homens e mulheres nesse campo é bem sutil:

Ah, eu acho que a mulher agora ela tá presente em todos os papéis assim, todas as empresas, a gente sempre vê uma mulher trabalhando, chefiando, então, ela interagiu realmente com o mercado... e tá, taí. ... Eu acho que é is é esse negócio mesmo que antes ela num, num tava no mercado e agora ela foi entrando... devagar... e agora já não vê mais diferença. É bem sutil a diferença.

Além de tocarem, de alguma maneira, na relação da mulher com o trabalho, Rita e Vera mencionaram, também, as mudanças ocorridas no plano familiar. Para Rita, a possibilidade de pedir o divórcio sem sofrer repreensão por parte da sociedade deu mais autonomia às mulheres:

Ah, assim, deu uma liberdade né pra mulher acho que havia uma pressão muito grande assim práá aquela coisa da sociedade que obrigava que o homem podia fazer o que ele quisesse e a mulher era pra tar em casa, a média, e acho que isso mudou um pouco porque hoje em dia, se a mulher não tá satisfeita, ela pede divórcio e vai recomeçar a vida dela. Antigamente divórcio era visto como coisa feia. Era reprimido e tal, então acho que nesse aspecto a mulher ganhou um pouco mais de autonomia e mostrou um pouco da vontade dela, o que ela quer e o que ela num quer. No trabalho pra o social também vem a parte do da chefe de família, né, muitas mães tiveram que sair pra trabalhar e aí conquistaram independência financeira hoj hoje mui tem muitas mulheres que são a fonte principal de renda da casa, além da da inserção que nem a gente falou do trabalho, mudou muito.

Vera aponta que a principal mudança na situação das mulheres está relacionada à queda de certos padrões sociais que acabavam, inclusive, por permitir que maridos e pais proibissem alguns comportamentos e atitudes por parte de suas esposas e filhas:

ÉÉ é aquilo que eu te falei, né, antigamente, no tempo das nossas mães e avós, éé existia muito a barreira talvez não pela pelo que a mulher pensava, mas pelo que ela achava que os outros iam pensar dela, acho que é isso assim que ta mudando, pô, éé, a barreira era mais social, tinha uma barreira social muito grande, né, o marido não deixava porque pra ele ia ser uma vergonha ou sei lá uma humilhação a mulher ajudar a pagar as contas, “que absurdo”, ee e aí eu acho que essa é a principal mudança com relação... as pessoas já não se, é, elas ficam impressionadas, mas pra ela é uma coisa é uma vitória que uma mulher com uma coisa que ela nunca fez. Aparece no jornal “as primeiras pilotos”, né, e de repente antigamente isso seria uma censura “como é que o marido dessa pessoa, como é que os pais dela deixaram ela fazer isso?”, entendeu.

#### **4.2 Escolha Profissional, Questões e Dificuldades na Carreira**

Nesta categoria buscamos entender os motivos que levaram as mulheres entrevistadas a escolher a carreira de piloto militar, como foi sua entrada na Academia da Força Aérea, como foram recebidas, quais as facilidades e dificuldades que encontraram e que tipo de apoio ou preconceito sentiram por parte de familiares, amigos e pessoas de dentro da Instituição. Além disso, objetivamos observar que características consideraram necessárias para a carreira que escolheram e quais são as que acreditam possuir e que podem ser favoráveis ou desfavoráveis ao

desempenho da profissão. Procuramos, ainda, perceber se as mulheres entrevistadas acreditam que todo esse percurso teria sido diferente se fossem homens.

Das seis aviadoras entrevistadas, apenas duas revelaram que sempre quiseram ser piloto de avião. Como antes não havia a possibilidade de se tornar piloto militar, uma delas contou que já tinha a idéia de fazer o curso de piloto civil. As outras quatro entrevistadas, na época da abertura de vagas para mulheres no curso de aviação da Força Aérea Brasileira, haviam decidido que tentariam seguir a carreira militar. As quatro queriam ser Oficiais de alguma das Forças Armadas e foi apenas quando se inscreveram para o concurso ao curso de Intendência da AFA, que ficaram sabendo da possibilidade de se tornar oficial aviadora.

Integrar a primeira turma com mulheres do CFOAV da AFA é, para quatro das entrevistadas, bom e gratificante, algo que as faz felizes e orgulhosas. Três dessas quatro mulheres (Ângela, Catarina e Sara) associam a felicidade e o sentimento positivo que experimentam, agora que fazem parte dessa turma, às dificuldades encontradas, aos obstáculos que tiveram que ultrapassar e ao trabalho que deu chegar até a formatura.

Ângela se sente feliz e acha que ela e as outras meninas da primeira turma tiveram um papel importante por terem rompido com a idéia de que a aviação era uma carreira só para homens:

Ah, foi uma conquista, né? Tanto pra quem entrou né, quanto pro mundo assim, né, que pelo menos no Brasil não tinha aviadoras, né. Então foi mais uma coisa que a gente conquistou e quebrou mais aquele negócio "ah, aviação é só pra homens", não, não é mais. Então acho que a gente acabou pegando um papel importante. Ah, eu me sinto feliz, porque foi algo que eu sempre quis, que eu consegui e foi trabalhoso, mas, pô, eu tô muito feliz.

Assim como Ângela, Bárbara também se sente feliz por fazer parte da primeira turma. Ela gosta de estar seguindo a carreira que sempre quis e acha “legal” estar participando dessa “inovação” – termo que utiliza –, em que todos estão aprendendo juntos, uma vez que tudo é ainda muito novo:

Ah, eu achei... bom, cara, achei, muito legal assim. Eu sempre quis voar então se eu fosse tar na Força Aérea ou qualquer Força Armada, seria pra isso, pra voar, que era uma coisa que eu queria muito fazer, então, eu fiquei muito feliz quando eu tive a oportunidade, consegui entrar na Força Aérea fazendo o que eu queria fazer. Então eu acho que é uma oportunidade legal, que a gente teve, né, que a gente tá tendo, poderia ter acontecido muito antes, como em muitos países já tinha sido, muita coisa podia ter sido antes, mas antes tarde do que nunca, né? Pelo menos tão acontecendo, as coisas tão evoluindo. Ah, eu me sinto feliz e pra mim é um orgulho ter tido a oportunidade de entrar e ter a sorte de ser a primeira turma ainda, que é uma coisa mais legal, né, que acabou somando, né, mais uma coisa. A diferença?... A diferença [de ser a primeira turma] é que é tudo novo assim, é, meio que, num tem nada planejado ainda, assim, num tem nada pronto, eles não esperam nada, tudo é novidade. Da mesma forma que é novidade pra mim, que to chegando, né, cada vez um step novo, pra eles também é, tudo é novidade, eles também, cada vez que a gente tem, aí pra eles também “ó”, eles acham que é... é tudo novo, assim. E aí, da mesma forma que eles vão aprendendo a gente vai aprendendo também, então, é maneira, é legal participar, poder tar participando de uma inovação assim, é muito legal.

Catarina também considera o fato de pertencer à primeira turma muito bom e diz que se sente feliz e honrada por isso. Ela ressalta que estar fazendo parte de um momento histórico, que ficará guardado para sempre, é muito gratificante:

Eu acho que a gente teve uma experiência bem parecida com as que entraram em 96 foi a primeira turma de intendentes, né. Elas sim foram realmente as primeiras mulheres que fizeram um curso de carreira igual o dos homens, né. Aí, o nosso caso a gente, mudou o curso, a gente foi do primeiro curso de aviação, elas fizeram o curso de intendência. Mas é uma situação muito boa, muito gratificante assim, a gente vê que a gente tá fazendo parte de um momento histórico assim, porque é uma coisa que, queira ou não, vai ficar guardada aí como um, um momento assim, um acontecimento na história da evolução da mulher e é gratificante. Pra caramba. Eu me sinto muito feliz, muito honrada eee isso é o que dá força cada dia que a gente precisa passar por um obstáculo assim, porque, a rotina aqui não é fácil, né, a gente rala bastante, então, é, normalmente é disso aí que eu procuro tirar o meu ânimo, entendeu. É ver que, apesar de ser difícil, é uma oportunidade que eu e mais dez estamos tendo no meio do Brasil inteiro; muitas mulheres. É gratificante pra caramba.

Sara diz que se sente orgulhosa por ter conseguido ultrapassar tantos obstáculos e afirma que, apesar de não saber o que vai acontecer quando ela e as colegas forem para os esquadrões, está satisfeita com o desempenho das mulheres. Sara afirma, ainda, que seu estilo de vida mudou bastante quando ela foi para a Academia:

Ah eu acho que que é muito bom assim tipo, eu me sinto é orgulhosa assim de mim mesmo por ter conseguido passar tantos obstáculos na Academia e me formar e tipo, até hoje em dia eu fico meio assim poxa a gente não sabe como é que vai ser nos esquadrões, assim operacionais normalmente, né, que agora a gente tá em formação ainda, mas tipo eu eu ac eu tô bem satisfeita assim com o desempenho assim das meninas e o meu também, ee é um desafio, né. Ah.. no início nós éramos as únicas meninas lá da na na aviação. Só tinha homem aviador e todos os mais antigos que a gente na Academia, eram aviadores, eram homens, então eles não sabiam bem como é que a gente ia reagir a a tanto a a doutrina né que militar ee tanto no vôo, né,

que era meio complicado. Eu cheguei lá tive um choque, num tava acostumada com, tipo, eu via só sabe de longe, num sabia que era, como é que era o treinamento, nada disso. Num praticava exercício físico nenhum, eu cheguei lá pessoal tive que correr cinco quilômetros por dia, aí ficava assim é tendo que transpor limites, é no campo físico, é pressão psicológica também né, e foi bem difícil na parte do vôo. Eu nunca tinha voado sozinha, nunca tinha passado por alguma espécie de treinamento de aviação, nunca num sabia nem como é que era, num tinha ti, num sabia nem dirigir. Aí eu cheguei lá, fiquei meio perdida mas depois eu comecei a pegar o ritmo, às vezes também é lá dentro é bem mais dinâmico assim do que eu tava acostumada, eu só estudava, ficava em casa, mas aí foi bem diferente o estilo de vida quando [incompreensível], né.

Duas das entrevistadas mencionaram alguns aspectos negativos de fazer parte dessa primeira turma. Rita diz não se sentir bem com as dúvidas que surgem, agora neste período inicial, sobre a capacidade profissional das mulheres. Ela afirma, ainda, que não gosta de ser tratada de maneira diferente, mas compreendeu que isso vai passar quando a situação se tornar “normal”, isto é, quando as pessoas se acostumarem com isso:

Assim, já tinha mulher na Academia, intendente desde 96, isso, então, na Academia eles já tavam mais ou menos acostumados, porque já tinha feito adaptação de alojamento, os oficiais, já tava tava todo mundo convivendo com aquilo. O que houve um pouco mais de, assim, pra mudar foi no esquadrão de vôo que a gente chegou e ninguém sabia como é que a gente ia ser, como é que a gente num ia ser, mas até então, pela Academia, não houve mudança, agora que foi todo mundo perceber a diferença, assim quando a gente passa aí fica estranho ver uma mulher de macacão, rí, aí aponta, rí, brinca, é engraçado assim, porque de cara todo mundo tem uma inércia assim "caramba, será que elas trabalham bem, será que elas voam bem?". Aí depois con aí depois que conhece vê que num tem problema nenhum. A primeira situação foi aqui no 1º/5º e quando a gente sai todo

mundo tem aquela, aquele susto assim, aí depois vê que é igual, a gente brinca em rodinha de menino, menino fala besteira, num tem problema, porque a gente convive com aquilo desde a Academia, entendeu, é normal. Eu me sinto mal, assim, qualquer coisa quando tem, alguém duvida, lógico duvidou de você você fica assim chateada, no início do ano, "quero que passe logo pra..." eee issoo, eu tenho que me acostumar porque sempre vai acontecer, qualquer lugar que eu chegar até que vire nor, fique normal, ninguém vai parar de achar estranho. Então, eu não gosto quando alguém me trata diferente, eu me sinto mal, por me tratar diferente, eu só quero ser tratada igual. Aí então, depois que acostuma fica normal, o pessoal até fala que a gente tem tem como dizem, né, tem mulher que voa melhor do que homem, tem mulher que voa igual a homem e tem mulher que voa pior que homem, então é normal, a gente tem um desempenho normal. Num é porque é mulher, aqui já provou que tem mulher que é melhor, que é pior e que é igual.

Para Vera, foi assustador fazer parte da primeira turma. Ela não gostou do assédio da imprensa e das pessoas, que ficaram curiosas com a novidade. Na visão da aviadora, havia, inclusive, um certo preconceito e ciúme por parte dos meninos no início do curso. Embora não se sinta bem com toda essa situação – talvez pela falta de privacidade –, disse ter entendido que fazer parte dessa turma implica estar no foco das atenções, em muitos momentos, algo que vai acontecer sempre, por fazer parte de uma história em que foram as pioneiras:

Ah, assustador. É. Porque mmm como eu te falei eu entrei caindo aqui de pára-quedas na situação. Chegou no primeiro dia da AFA câmara, repórter, globo.. “ah, o que que é isso? Pô,.. o que isso tem de importância na minha vida?” Aí no começo eu ficava de saco cheio, a gente ficava de saco cheio porque lá na Academia tinha um preconceitozinho entendeu dos meninos, uma, um ciúme, recalque mesmo então os mais antigos não gostavam da gente, não achavam que a gente devia ta lá e cada vez que aparecia um repórter eu me sentia mais péssima ainda

porque eu sabia que eles tavam falando “olha só aquilo ali. Que merda!”, entendeu. Aí aí eu não gostava de.. eu não gostei nem um pouco do assédio assim que teve a gente porque cada vez que ela, que os repórteres apareciam era um motivo a mais pra eles ficarem lembrando que a gente existia, entendeu. Quanto mais esquecesse melhor. Mas eu eu vejo que que realmente é um acontecimento assim entendeu, uma coisa que que nem explicaram pra gente. Que a gente faz parte e assim.. agasalha, entendeu, vai ser assim pra sempre, até vai ser foi a primeira aviadora, a primeira a solar, a primeiraa tudo vai ser a primeira, entendeu, sempre vai ter alguém interessado na na nossa história. Pô, quando uma mulher virar Brigadeiro com certeza isso vai ser um acontecimento, entendeu. É agora é eu me sinto menos péssima. (risos) Não eu é é porque eu eu vesti a camisa assim, eu aprendi que é importante praa pra pra história, né. E a gen já que a gente faz parte disso vamo vamo colaborar, vamo fazer.. bem feito assim, vamo vamo realmente passar uma uma impressão boa das coisas porque não adianta ficar.. até porque agora que a gente já saiu da Academia não tem mais essa pressão, todo mundo já se acostumou e aí.. se tornou uma coisa normal, entendeu.

Apesar de ter dito que se incomodou com o assédio inicial, em um momento posterior da entrevista, Vera afirma que é legal ser mulher aviadora e fala sem problema sobre o interesse e a curiosidade de outras mulheres a respeito de sua profissão:

Ah... é legal. Não é eu acho,.. eu acho muito.. legal porque num tem muitas no mundo, né. E quando a gente conversa, [incompreensível] em Orkut, MSN, tem sempre, tem sempre alguém atrás da gente, né. Tem menina que caça, acha uma aviadora no Orkut, começa a mandar recado, aí te convence a adicionar no MSN, fica,.. aí mas você percebe que são pessoas parecidas assim no no que gosta, na vida, no na maneira de enxergar as coisas e na principalmente também na na parte de de gostar do que faz, entendeu.



Quando questionadas sobre como achavam que as pessoas próximas tinham se sentido sobre sua decisão de ser piloto militar, todas afirmaram que, hoje em dia, seus familiares e amigos apóiam, sentem orgulho e/ou se interessam pela carreira que escolheram. Para três delas, essa foi uma postura presente desde o início. As outras três afirmaram que, no começo, sentiram certa resistência por parte de algumas pessoas.

Ângela fala do apoio que sempre recebeu de suas amigas e familiares:

Ah, eu posso falar pelas minhas amigas assim, família, sempre me apoiaram, tanto antes quanto durante a AFA, tavam sempre pô, apoiando, ligando, incentivando... É, tipo assim também, um orgulho, né?

Bárbara acredita que o fato de seu pai já ser piloto facilitou a aceitação da sua escolha e contribuiu para o apoio que recebeu por parte da família:

Eu acho que, assim, na minha família foi tranquilo, porque meu pai já era piloto, mesmo não sendo militar, mas já era piloto civil então o pessoal já tava acostumado com esse negócio de avião e tudo mais. Lá em casa já é até normal, então o pessoal me apoiava bastante. E no geral assim, pessoal de fora da família, eu acho que é super positivo, todo mundo acha legal, todo mundo “ah, que diferente”, todo mundo quer saber, pergunta pra caramba, milhares de coisas, acho que o pessoal apóia assim, todo mundo acha bem maneiro.

Vera ressalta o orgulho que sua família sente e diz que, além da família, os amigos dão muito apoio. A aviadora relatou, contudo, que, às vezes, escuta piadinhas machistas:

Ah, família nem se fala, né, só orgulho. As pessoas, uma vez ou outra a gente ouve uma piadinha machista assim: “pô, você é piloto? Ih, quero voar contigo não”, esse tipo de coisa. Mas a

minha família tem muito muito muito orgulho de mim, [incompreensível] bem. Quando eu quando eu to desanimada, desmotivada com a carreira por algum motivo eu penso neles, entendeu. Nos meus amigos, na minha família que sempre me apoiaram e de um modo geral as pessoas que eu conheço e gostam de mim me dão muito apoio com relação a isso. Achrom muito legal, muito mais legal do que realmente é, entendeu.

De acordo com Sara, apesar do receio inicial do pai, sua família também sente orgulho e a apoiou muito:

Ah, pelo menos a minha família assim me apoiou muito, meu pai, meu pai ficou meio assim, com medo assim porque ele falou que aviação era uma coisa que ele nunca escolheria pra ele e eu acabei escolhendo e ele, ele ficou orgulhoso, mas meio receoso assim no início. Hoje, agora ele adora, né, a minha família toda, todo mundo fica babando. Meus amigos também gostam.

A mãe de Catarina foi contra sua escolha no início, mas hoje a apóia incondicionalmente:

As pessoas da minha família? Tá. Os meus, meus amigos ficaram surpresos, mas eu acho que ninguém conhecia muito a ponto de questionar ou qualquer coisa do tipo, mas a minha família no começo era contra, né. A minha mãe ela foi contra até o primeiro ano que eu tava na Academia. Aí depois que passou o primeiro ano assim que a gente começa o curso de segundo ano, né, aí depois disso eu acho que ela foi, começou a se acostumar mais com a idéia, fí gostando e tudo, aí no final do curso lá na Academia ela já tava super feliz, super empolgada. Hoje em dia ela apóia incondicionalmente. O meu pai não, o meu pai sempre me apoiou apesar dele não entender muito, de não conhecer, porque a gente num tem nenhum parente militar e nem piloto na família, mas ele apoiava porque sabia que era uma coisa que eu queria fazer, aí ele nunca se opôs não, ao contrário da minha mãe que resistiu bastante, mas hoje em dia ela apoia até mais do que o meu pai. Reverteu o quadro.

Já o pai de Rita não gostou da sua escolha por isso ter implicado em sua saída da faculdade, mas hoje em dia acha “lindo”. Por outro lado, sua mãe sempre a apoiou, embora tenha medo:

Bom, falar do meu pai e da minha mãe (risos). Meu pai ficou chateado porque eu larguei a faculdade "ta pra se formar, vai largar a faculdade, você é louca", "você é louca, largar a faculdade, num sei que, num faz isso". Aí depois ele parou pra pensar "bom, ela num tá fazendo besteira tá numa carreira que é segura, tudo", aí hoje ele adora, acha lindo, conta pra todo mundo, mostra foto, revista. A minha mãe desde o início me apoiou, minha mãe só tem medo assim das coisas, né, quando eu fui saltar de pára-quedas eu num contei pra ela, eu só contei "mãe, cheguei e já saltei, tô viva" porque se eu contasse "mãe, eu vou saltar amanhã" ela ia ficar morrendo de medo, então eu num conto, antes, né, eu só contei depois. Aí hoje em dia ela me viu lá no Rio eu fui voando lá ela ficou toda feliz, ela adora, foi legal.

Três das entrevistadas concordam que a determinação é importante para o desempenho da profissão e acreditam que possuem essa característica, como se pode observar na fala de Ângela, a seguir:

Acho que tem que ter determinação, dedicação... [E eu]Acredito que sim [tenho].

Catarina acredita que teve determinação para chegar aonde chegou e acha que as outras dez meninas também tiveram. Ela mencionou, ainda, dificuldades do próprio curso como obstáculos a ter que ultrapassar, até porque ninguém da turma (mulheres e homens) tinha tido contato com a aviação, o que levou muitos a serem desligados do curso:

As minhas características eu acho que a principal delas é a determinação. Acho que a determinação que eu tenho e que todo mundo teve, todos, nós onze tivemos pra chegar até onde a gente tá agora, entendeu, porque com certeza a maioria não tinha muito conhecimento, assim como eu não tinha quando eu entrei e a gente passou por muito obstáculo que se não fosse determinação a gente teria ficado pelo caminho como ficaram as outras nove, né. Não por falta de determinação, pode outros motivos terem levado também, mas teve umas ali que desistiram, desanimaram, entendeu. Isso poderia ter acontecido com a gente se não fosse, né, essa desejo assim de continuar e fazer melhor e conseguir chegar até aqui. Obstáculo, eu acho assim, o curso em si, né, porque a maioria não tinha nenhum contato com a aviação, com instrução de vôo, né, então isso é uma surpresa pra todo mundo, não só pras mulheres mas pros homens também que não tinham esse contato antes. Então, o primeiro contato assim teve muita surpresa e teve bastante surpresa negativa também porque teve muita gente da turma que não se adaptou e foi desligado e tudo, então você começar numa turma com cento e oitenta pessoas e terminar [uma pessoa interrompeu pedindo que Catarina trancasse a porta ao sair] começar numa turma com cento e oitenta pessoas, cento e oitenta aviadores, no todo, né, e terminar com cento e quinze, pô, você vê a sua turma que cresceu junto com você ali, oitenta pessoas, setenta pessoas indo embora. Isso aí é um, eu acho que é uma dificuldade muito grande porque mexe muito com o psicológico da pessoa entendeu. Você tá ali se esforçando e de repente, num dia o cara que mora com você, porque a gente morava em alojamento lá em quatro ou cinco pessoas junto, o cara que m dorme do teu lado ali foi desligado, entendeu. Faz a mesma atividade que você, você via ele se esforçando tanto quanto você e o cara foi desligado. E a primeira coisa que vem “caramba, pô, o cara foi desligado, será que isso vai acontecer comigo também?”, entendeu. Então ce ficar o ano inteiro nessa expectativa de perder tudo o que você conseguiu até então, isso aí é uma dificuldade grande, eu acho.

Vera também menciona a importância da determinação e da disciplina como algo muito importante na Academia. Assim como Catarina, Vera se refere à possibilidade de desligamento a qualquer momento, inclusive como algo que fortaleceu esta determinação:

É, determinação e disciplina. Porque pô pra levar, na Academia pra você voar você tinha que decorar um calhamaço de coisa e se você, no primeiro dia de vôo, ah, você não soubesse responder tudo, já tava com um X nas costas pronto pra ser desligado, entendeu. Você fica muito mal visto. E depois a gente percebe que [tosse] tudo isso é realmente necessário. Pra você conseguir pilotar um avião você tem que decorar muito, as coisas têm que tá já na marca do sangue senão se deixar pra pensar na hora não dá certo. Então eu acho que o que me ajudou muito é que eu sou muito determinada assim e sei muito bem o que eu quero, entendeu.

Bárbara acha que ser responsável é uma de suas características que vê como positiva para o desempenho da profissão. Ela menciona, ainda, o fato de gostar de desafios e a dedicação como algo também importante:

Ah eu acho que... é ruim ter que falar de mim mesmo!? É, falar de geral, agora falar de mim... Ah pô, eu gosto muito de tá aqui, entendeu, eu tô gostando do curso, o curso é difícil, mas pô, eu tô gostando pra caramba, eu acho que eu tenho, acho que eu sou bem responsável assim, entendeu, o curso exige uma certa responsabilidade e acho que isso aí tem a ver, dedicação também, eu gosto de, eu gosto, eu gosto de um desafio. Alguma coisa que você tem que se dedicar pra fazer e, claro, se espera que se faça bem feito, né. Um troço que exija, que tenha, um troço que tenha um grau de facilidade muito baixo, num, num gosto, prefiro um troço mais difícil que eu tenha que me dedicar pra conseguir o que eu quero, eu acho legal, então por isso que eu acho [incompreensível] tá aqui.

Apesar de não utilizar a palavra dedicação, Sara diz, talvez com sentido semelhante, que uma de suas características positivas é gostar de estudar. Além disso, ela considera necessário também ser paciente e tentar dominar o nervosismo:

Positivas? Ah, eu acho que tem que gostar de estudar, né (risos), éé.. eu acho que ser paciente assim, num ser muito, eu fico nervosa, mas eu acho que você tem que aprender a dominar um pouco assim essa parte de nervosismo assim tanto no vô porque vai que tem alguma pane, alguma coisa assim, ce tem que sanar e aí você num pode deixar o nervosismo sobrepor é seu raciocínio, assim na hora, entendeu, eu acho que éé (risos).

Rita afirma que uma de suas características positivas é o perfeccionismo, além de ser detalhista e cobrar de si mesma fazer tudo bem feito, mencionando um fato ocorrido quando aluna da Academia para exemplificar seu perfeccionismo:

Ah, uma característica m que eu eu sempre gosto de fazer uma coisa bem assim, eu estar faz tendo a certeza que eu tô dan fazendo o máximo, então eu acho que quando eu te eu tive uma fase na Academia que tomei um vô deficiente porque eu dei chan dei mole, dei bobeira então meu deficiente foi justo então eu não fiquei chateada só que eu voei o seguinte e tomei um satisfatório nos mínimos, que é o nível logo acima do deficiente, e eu tinha feito tudo que eu podia eu fiquei achando assim "meu Deus, como isso tá acontecendo?" e configurou um problema, né, tinha um deficiente com um satisfatório no mínimo, ou seja, logo viraria um deficiente. E o comandante veio falar comigo, que que tava acontecendo, se eu tava com problema em casa, e eu fiquei chateada porque tavam.. duas situações, uma que eu dei chance e a outra que eu tive um instrutor um pouco mais exigente, uma coisa assim, que configurou uma crise que eu não tinha. Então eu fiquei me cobrando pra superar logo isso, eu fiquei numa briga interna minha, e eu acho que isso é bom assim por eu tá buscando sempre fazer bem o que for fazer,

perfeccionismo, detalhe, o pessoal até fala que mulher é mais suave. O avião ele precisa de suavidade, lógico, a aviação de caça, vamos supor, uma uma missão mais agressiva, precisa ser mais ampla, mas no no geral o avião é suave, as coisas são suaves e nesse aspecto eu acho que a gente, a gente consegue assim ser um pouco mais suave.

Foram muito diversas as características que as entrevistadas apontaram em si próprias e que consideravam negativas para o desempenho da profissão. Nervosismo, ansiedade, insegurança, falta de responsabilidade, muita cobrança sobre si mesma e a valorização da família foram algumas das características mencionadas pelas aviadoras, como se pode observar nos trechos de fala a seguir:

Nervoso. Atrapalha. Se eu ficar nervosa, aí o meu desempenho cai, eu não consigo absorver (Rita).

Muita ansiedade assim que às vezes eu começo a atropelar e faço tudo errado [incompreensível]. Mas eu acho que eu sou muito ansiosa (Sara).

Ah é que as v eu sou, eu me acho uma pessoa muito insegura às vezes “pô, será que é isso mesmo?”. Se alguém falar pra mim que não é eu já eu eu já fico assim “pô, mas..”, por mais que eu no começo eu tenho certeza, mas se alguém falar “não mas eu acho que é isso”, aí eu já não tenho mais tanta certeza entendeu. Então é eu acho que é uma característica que que atrapalha às vezes. Isso pra tudo na minha vida (risos). Eu sou difícil de tomar, não difícil, mas eu sou, ah eu fico muito insegura com as minhas decisões, entendeu. Foi uma coisa que eu tive que trabalhar bastante principalmente quando eu comecei a pilotar porque na hora era aquilo, tinha que decidir alguma coisa aí eu aí ce é obrigada a decidir, entendeu. Acho que o que me atrapalhou um pouco foi isso (Vera).

ah eu... num saberia dizer.... Acho que, falta de responsabilidade, coisas assim (Ângela).

Eu tenho uma característica que eu percebi em mim, tenho percebido já há bastante tempo, ela pode ser uma coisa positiva, mas dependendo do jeito com que é levada pode ser negativa também. Eu acho que eu me cobro muito. Me cobro dum jeito que, quando eu num consigo atingir o que eu esperava, eu fico chateada, com raiva assim de não ter conseguido, então, isso é uma coisa boa, né, até o ponto que não prejudica, que é bom você se cobrar e querer sempre fazer melhor, a gente precisa disso no vôo, tem que tá sempre se cobrando pra fazer o melhor sempre porque tem que tá preparado pro pior, então ce tem que saber fazer o melhor pra poder é sair duma situação, se precisar, uma situação de emergência, entendeu... agora, a partir do momento que isso começa a atrapalhar, entendeu, aí é uma coisa negativa. Isso é uma coisa que acontece comigo às vezes. Fico meio chateada assim eee por não conseguir fazer uma coisa que eu num sô obrigada a fazer. Eu preciso fazer, mas se eu não conseguir eu também não preciso ficar me martirizando, me culpando, aí acho que isso, o fato de cobrar demais é um ponto negativo pra mim (Catarina).

Negativas?... negativas eu acho que... eu acho que, de um modo geral, pra todos os profissionais, quanto mais você priorizar sua carreira, melhor pra esse seu lado profissional. E, eu como mulher ou não, num sei, homens também, mas, mas eu acho que eu dou muita importância pra família, entendeu, então isso é uma coisa que eu acho que talvez pode vir a dar um atrito ali com a minha carreira, entendeu, de eu ter que abrir mão de certas coisas, entendeu, da minha família ou da minha profissão em determinada fase da minha vida pra conseguir conciliar tudo, entendeu, e fazer as coisas darem certo. Porque o militarismo é uma carreira assim meio egoísta, né? Tem que tar meio que se dedicando muito a isso, entendeu, num deixa muito espaço pro resto. E a gente te que tá mesmo deixando espaço pras outras coisas. Mas eu acho que isso aí, e... ah, quer mais coisa? (Bárbara).



Para duas das seis mulheres entrevistadas, ser detalhista é uma característica das mulheres, em geral, que consideram positiva para um bom desempenho no voo, até porque, como afirma uma delas (Ângela), a seguir, é preciso se concentrar em pequenas coisas quando se está voando:

Acho que mulher é mais detalhista... ela acaba se apegando mais aos detalhes assim e isso é bom. Porque o voo em si é cheio de detalhes, entendeu? São pequenas coisas que você tem que se concentrar, por isso que eu acho que, ajuda.

Bárbara acredita que as mulheres, na profissão que escolheu, além de serem detalhistas, acabam por trabalhar mais o aspecto psicológico. Na visão de Bárbara, as mulheres são mais frágeis e sentimentais e se “abalam” mais facilmente do que os homens. No entanto, segundo a entrevistada, na aviação não há muito espaço para isso e as mulheres acabam se fortalecendo psicologicamente:

Deixa eu ver... Acho que a mulher é detalhista, isso é bom ... Até porque tem, até porque a cobrança sobre ela é maior. Então aaa, quando ela quer se sobressair assim no trabalho, ela acaba, ela já é naturalmente mais detalhista e como a cobrança sobre ela é maior ela acaba se dedicando mais ainda e fazendo questão de fazer o trabalho bem feito pra deixar bem claro que, pô, que ela merece tar ali e que não é pra ninguém ficar enchendo o saco. Então eu acho, que isso é ruim porque a gente tem que, mas acaba sendo bom. É ruim as pessoas ficarem grudadas em cima, mas no final, talvez, acabe até tendo um, um efeito positivo assim, você acaba se superando assim e melhorando muita coisa, e... e uma coisa que eu acho que a gente acaba trabalhando mais aqui assim, as mulheres, é o lado psicológico. Que eu acho que a mulher é mais frágil assim, sei lá, acho, que o homem. Eu acho, né? Ela é mais sentimental e tudo mais. E, acho que se abala mais fácil. Aí você começa a

vim pra cá, que é um lugar muito masculino e tudo mais e muita croba, cobrança e tudo mais aí você acaba trabalhando mais esse seu lado psicológico, se fortalecendo. Aqui cê num pode ficar mostrando fraqueza e tudo mais. Não que isso não aconteça com os garotos, em vários momentos eles vão passar momentos ruins e tem momentos que vão ser difíceis pra eles também e va e cê vai perceber, mas acho que num modo geral o homem consegue disfarçar melhor assim, fica mais, o mundo tá acabando e ele é mais controlado, e a mulher ela não, ela se abate mais fácil assim, fica mais aparente. E você tem que trabalhar isso, né... superando os problemas, sem deixar transparecer e sem deixar isso afetar as outras áreas do seu trabalho, então, isso é uma coisa que tem que ser trabalhada, que eu trabalhei bastante.

Sara também aborda a questão emocional quando fala das características femininas. Ela reforça, implicitamente, a lógica dualista mulher-emoção versus homem-frieza ao mencionar que raciocinar mais friamente e se desconectar das emoções pode trazer benefícios para sua atividade profissional:

Ah, eu acho, pelo menos pra mim que foi difícil assim, que você tem que deixar um pouco o lado emocional pra de la tem que deixar de lado mesmo assim essa parte emocional. Tem que começar a raciocinar a pensar nas coisas mais um pouco mais friamente, eu acho que eu precisava disso. Até na Academia, acho que eu não teria tanto problema na Academia se eu seu eu raciocinasse mais friamente. Tipo assim, os garotos, coisas que num faziam diferença pros garotos às vezes eu ficava assim, às vezes pra mim fazia, entendeu. Eu, eu ficava meio meio nervosa demais assim durante a instrução, durante, eu acho que é isso, a gente tem que raciocinar mais friamente.

Catarina afirma que as mulheres são mais caprichosas e cuidadosas. Talvez, pelo menos em parte, essas características por ela mencionadas estejam próximas do que Ângela e Bárbara querem dizer ao falar que as mulheres são mais detalhistas do que os homens. Pode-se dizer, de

qualquer modo, contudo, que estas características por elas mencionadas parecem estar ainda vinculadas ao papel tradicional das mulheres como “cuidadoras” ou a um “instinto feminino”, como podemos observar na fala de Catarina, a seguir:

Eu acho que dedicação não, porque isso aí eu acho que é indiferente, né, é independente da pessoa, independente do sexo, pode ser homem ou mulher que isso aí vem, acho que vem de dentro. Mas tem algumas fases do vôo assim que um certo capricho a mais, um cuidado ali, faz a diferença. Isso aí eu acho que pelo instinto feminino pode trazer algum benefício.

Rita acredita que as mulheres são mais suaves, característica necessária para se manejar um avião:

o pessoal até fala que mulher é mais suave. O avião ele precisa de suavidade, lógico, a aviação de caça, vamos supor, uma uma missão mais agressiva, precisa ser mais ampla, mas no no geral o avião é suave, as coisas são suaves e nesse aspecto eu acho que a gente, a gente consegue assim ser um pouco mais suave.

Para Vera, as mulheres são, além de determinadas, inseguras, e entende que essas características podem ser consideradas, respectivamente, uma característica positiva e negativa das mulheres, de modo geral, para o desempenho da aviação:

Ééé, as positivas, como eu te falei, eu acho que principalmente a determinação, a vontade, e a, a mulher no geral se alguém fala pra ela que ela não pode ela fica.. com raiva e vai querer fazer, entendeu. E a, a negativa, num sei eu acho que talvez a insegurança também. Principalmente, por exemplo, o caso da aviação, a gente ta fazendo algo novo, que todo mundo já fez aí se alguém falar pra você que não é daquele jeito, você inexperiente, cê fica “pô, será mesmo? Num sei.”. Eu acho que

talvez seja insegurança que eu acho que é uma característica assim de muitas mulheres.

Cinco das seis entrevistadas falaram sobre como é ser mulher e aviadora. Das cinco, quatro acreditam que ser mulher aviadora é diferente de ser homem aviador. Duas disseram que é mais difícil para as mulheres conciliar a relação familiar com essa atividade profissional. Uma mencionou a vaidade feminina e o dia-a-dia no trabalho e a outra falou sobre o pequeno número de mulheres aviadoras no mundo. Para a quinta entrevistada, não há diferença entre mulheres e homens aviadores.

Rita afirma que, devido às constantes viagens que a profissão exige e às transferências de cidade e estado pelas quais terá que passar ao longo da carreira, necessitará de um marido não apenas compreensivo mas que tenha também uma profissão que lhe permita acompanhá-la. Além disso, precisará escolher bem o momento de ter filhos. Segundo ela, ao contrário da mulher, o homem não passa por esse tipo de dificuldade, já que a sociedade aceita que ele viaje e, além disso, o homem não necessita atrasar sua carreira por causa da paternidade, ou vice-versa:

Assim, a única questão, vamos supor, negativa, falar da negativa que é uma coisa que eu penso é que a gente sempre tá sendo transferido eee tem a progressão operacional a seguir, u u quando a gente for ter filho vai ter que ser muito planejado porque não pode ser uma gravidez por acidente, porque você vai estragar todo sua, não assim estragar, né, mas se vai atrasar ou não conseguir alcançar todas as marcas operacionais. Então, vamos supor, hoje se eu engravidar, eu só vou eu vou ter que refazer o curso desse ano ano que vem todo e isso se eu tiver saído da licença maternidade, senão eu vou só daqui a dois anos. Então isso é uma questão detectada além do meu marido, ele tem que entender tudo o que eu faço, entender que eu vou viajar com mais um monte de homem, que eu vou ficar fora quinze dias no meio da Amazônia com um monte de homens e ele não

pode se importar, ele não pode se importar de ser transferido comigo, ou seja, ele tem que se ou ta no mesmo meio que eu, ou ser um funcionário federal porque ele vai poder ser levado comigo, senão... senão fica complicado, então esse aspecto eu acho que pesa pro lado mulher.. pessoal assim, filho e marido que eu acho que vai pesar lá naquela questão que eu te falei da da consciência social assim, uma mu, ideal assim de ser dona de casa, mãe, perfeita, isso eu num vou poder ser. Homem aviador, eu acho que homem aviador ele consegue o auge do do status dele porque tem es a sociedade, as meninas vêem muito bem o aviador, aquela coisa do galãã e isso pro homem aviador isso é mara, como eu te falei, é maravilhoso pro ego, massageia o ego, ele tááá, e a sociedade aceita bem isso do homem viajar, do homem tá fora de casa, isso é bem aceito, então...

Sara, como Rita, menciona a dificuldade de conciliar família e trabalho. Ela afirma que é complicado planejar casamento e filhos, pelo menos por enquanto. Para ela, os homens aviadores aproveitam mais, pois, nesse momento da vida, ainda não estão preocupados com a constituição de uma família:

Ah, então, é bom, mas éé acho que ce tem que aprender bastante a lidar com suas emoções assim.. e também complicado você fazer planos tipo de casar, de ter filhos, eu num sei quando é que eu vou casar, quando é que eu vou, eu penso assim depois de trinta anos assim, sabe, sei lá.. é difícil você conciliar as duas coisas assim, mas dá pra conciliar. [Quanto ao homem]Ah, eu acho que tem [diferença] porque garoto na minha idade, eles tão pensando em curtir a vida, tão querendo sair, fazer isso tudo, aí eles tiram, é, como é que eu posso dizer, eles ap aproveitam mais o que a carreira proporciona, tipo, parar em cada lugar, assim tipo vai vai fazer viagem, cada lugar que eles passam ele saem pra noite, ficam com todo mundo, entendeu, a gente não, a gente num tá muito [incompreensível] coisa, eles aproveitam mais.

Catarina diz esquecer que é mulher quando está no trabalho porque em sua carreira tudo é muito profissional e a profissão não exige que ela seja vaidosa. Ela afirma que não tem porque ser feminina no ambiente de trabalho e que deixa, então, a feminilidade para o fim de semana ou para outros ambientes. O necessário, no trabalho, é fazer o que os homens fazem. A entrevistada acredita, ainda, que a mulher sofre uma mudança maior por estar “lá dentro” do que o homem, embora fique em dúvida se os homens se incomodam ou não com alguma coisa ou se sentem privados de fazer algo devido à profissão escolhida. Questionada sobre se ela própria se sente incomodada, afirma que não, que tenta conciliar o ser aviadora, durante a semana, com o ser mulher, nos finais de semana:

A gente acaba que tem que conciliar, né. A gente aqui durante a semana, a gente é aviadora, a gente é piloto, né. Aí quando a gente sai daqui, final de semana, aí a gente lembra “é, a gente é mulher também, né” (risos) “vamos sair, vamos se arrumar, faz o cabelo, faz maquiagem” aí volta. Aí segunda-feira “não, vou voltar, vou ser piloto”. Dá pra conciliar? Dá, mas num é necessário, né, num tem porque a gente aqui querer se maquiar e passar um batom, a profissão num exige isso, então, como é tudo muito profissional, a gente faz o que é necessário e não é necessário que a gente seja feminina aqui. É necessário que a gente faça as mesmas coisas que os homens fazem, então por isso que a gente acaba ficando um pouco separado assim. Aqui a gente tá trabalhando então a gente é uma pessoa e quando sai do trabalho aí a gente pode ser a gente mesmo, mulher de verdade, feminina. Talvez seja um pouco diferente [para o homem] sim, porqueee, acho que muda mais pro homem, muda mais pra mulher tá aqui dentro do que pro homem, né. Num sei, é isso é uma coisa que talvez um homem responda melhor, se ele se sente incomodado de tá aqui, se ele se sente privado de fazer alguma coisa. [Eu] Não. Não me sinto incomodada não. Não porque realmente não precisa, entendeu. A gente faz o que é

necessário e num precisa a gente ficar sendo feminina aqui dentro. O ambiente não pede isso.

Vera acha “legal” ser mulher aviadora porque não há muitas no mundo e afirma que os homens aviadores são bobos, se acham bonitos e capazes de tudo:

Ah... é legal. Não é eu acho,.. eu acho muito.. legal porque num tem muitas no mundo, né. E quando a gente conversa, [incompreensível] em Orkut, MSN, tem sempre, tem sempre alguém atrás da gente, né. Tem menina que caça, acha uma aviadora no Orkut, começa a mandar recado, aí te convence a adicionar no MSN, fica,.. aí mas você percebe que são pessoas parecidas assim no no que gosta, na vida, no na maneira de enxergar as coisas e na principalmente também na na parte de de gostar do que faz, entendeu. [O homem aviador é] Boçal e soberano. (risos) Homem aviador é muito bobo, ele se acha o cara mais.. bonito do mundo. O cara pode ser feio um montão, mas se ele for um homem aviador ele se acha bonito, ele se acha capaz de tudo, homem piloto é horrível. Eu não casaria com um piloto.

Pode-se perceber que, apesar de Ângela afirmar que não vê diferença entre ser mulher e homem aviador, ao mencionar que “num tem diferença” e, logo a seguir, que “não muda muito”, de alguma maneira, ela parece oscilar, acreditando que existem diferenças, ainda que pequenas, até porque a profissão é nova para as mulheres:

É a mesma coisa (risos). Num tem diferença. É uma profissão só que a gente tem, que é nova, mas não muda muito.

Quando perguntadas sobre o tratamento recebido no dia-a-dia, quatro das seis entrevistadas começaram por negar que haja diferença no tratamento cotidiano dado a homens e mulheres no trabalho. No entanto, podemos observar que duas delas mencionam que houve

necessidade de uma adaptação inicial de todos à entrada das mulheres no curso e apontam uma diferença no tratamento inicial dado a elas decorrente do fato de estarem no foco das atenções.

Catarina afirmou que no início houve um certo desconforto de ambas as partes – mulheres e instrutores –, que logo desapareceu, e o relacionamento se tornou, então, bem espontâneo. Para ela, os instrutores, inclusive, deixaram de se preocupar com o que estavam falando na frente das mulheres quando se sentiram mais à vontade:

Não. Eu acho que o que aconteceu, o mais próximo disso, foi logo no começo que a gente entrou na Academia, mas num, eu não acho que seja, que tenha acontecido por uma diferença de tratamento proposital, entendeu, “ah, é mulher num gosto dela, vou dificultar as coisas pra ela”. Eu acho que aconteceu uma adaptação, porque os instrutores, principalmente os instrutores de vôo, não tavam acostumado, acostumados a dar instrução de vôo pra mulheres, então, no começo gerou assim, acho que ficou um certo desconforto pra ambas as partes entendeu, pra eles que num sabiam como lidar e pra gente que num sabia o que fazer pra situação poder ficar o mais normal possível, entendeu, mas se logo se ajeitou, a gente passou um ano, o primeiro ano tendo instrução e no meio do ano já tava bem tranqüilo já, os instrutores já conversavam com a gente normal assim como conversam com os garotos, sem medo de “ah, num posso falar um palavrão que senão ela vai ficar incomodada” (risos). No começo tinha um pouco disso, mas depois do meio pra lá a gente já tava realmente num ambiente de homem já, então é, acho que eles foram se sentindo mais a vontade e o relacionamento ficou bem espontâneo.

Rita considera que as mulheres foram tratadas de forma diferente no início porque estavam no foco das atenções, já que ninguém sabia bem como eram as mulheres, como iam reagir e como lidar com elas. Logo a seguir, no entanto, o tratamento dado a elas passou a ser igual ao que era dado aos homens:



Não, o que eu te falei foi isso. No início as pessoas ficam observando mais a gente, acho que a gente vira foco, assim, então pô, que que tá todo mundo observando se eu sou mais uma? Ce entendeu? Eu num quero ser muito observada, eu quero que me olhem igual. Então no início tem um foco assim, todo mundo foca "como é que são as meninas?" Todo mundo pergunta "como é que estão as meninas voando? Ah, e o resto?" Entendeu? Fica muito foco assim, no início, mas depois... num num tem tratamento diferenciado, assim, de vôo, de instrução é tudo igual, tanto que a gente tem a oportunidade agora de voar, observar a instrução de outro e você depois voar e outro observar o seu vôo. Então, não tem nem como alguém ser privilegiado ou privilegiada por causa disso.

Ângela também começa seu discurso negando que houvesse diferença no tratamento dispensado a homens e mulheres. Porém, mais adiante, admite a possibilidade de ter encontrado pessoas que tratavam homens e mulheres de maneira distinta, ainda que elas não fossem maioria:

Não, também é a mesma coisa, não existe diferença. Mesmo a gente sendo em número reduzido aqui, é como aí fora, não existe diferença assim. (Entrevistadora: Aqui fora também não tem diferença?) Alguns lugares deve ter, mas aqui não. (Entrevistadora: O que você chama de "fora" e "aqui"?) Ah, tipo assim, no mundo militar e no, no civil. Tipo numa empresa, comparando uma empresa com a FAB, né. (Entrevistadora: Na FAB, de uma maneira geral, não tem diferença?) Algumas pessoas até podem tratar com diferença, porque é difícil generalizar se todo mundo concorda ou não. Só que a maioria concorda, trata a gente normalmente. Entendeu? Porque aqui você prova muito sua capacidade, né? Então, por exemplo, o que você faz no vôo é o que acaba determinando mais ou menos como você é. Então, pô, se uma mulher faz a mesma coisa que um homem, eles não tem, não tem porque tratar diferente. Porque sabe que tem as mesmas capacidades, que atingem os mesmos níveis, então o tratamento acaba sendo igual.

Sem se estender, Sara diz, a princípio, que não há diferença no tratamento dado a homens e mulheres. Contudo, como podemos perceber em seu discurso, ela, na verdade, não parece acreditar em um tratamento igualitário, mas apenas no fato de que eles “procuram” sempre tratá-los da mesma forma:

Não. Eles procuram sempre tratar da mesma forma.

Bárbara e Vera afirmam que há diferença no tratamento dado a homens e mulheres, mas, de forma alguma, vêem isso como algo negativo ou acreditam que o tratamento deveria ser igual. Bárbara lembra, inclusive, que as pessoas da instituição são parte da sociedade mais ampla, que tem visões distintas sobre mulheres e homens e acrescenta que considera normal que os homens na instituição, como na sociedade, sejam mais cordiais e educados com as mulheres:

Eu acho que tem diferença sim, entendeu, mas não, não que essa diferença seja intencional ou que seja preconceituosa, não é isso, mas é porque a visão da sociedade sobre a mulher e sobre o homem são diferentes, entendeu, e aqui é uma parcela da sociedade, nada, não é nada diferente disso, então é a mesma coisa. Então, o tratamento normalmente é diferente, como é lá fora também, entendeu, não que, eles não fazem nem intencionalmente não "porque você é mulher eu vou tratar te diferente", num é, mas o jeito assim, a cordialidade tudo mais, eles acabam sendo mais educados e tudo, você percebe, entendeu. Ele num vai falar, dificilmente o cara vai falar com você como se tivesse falando com um outro homem e tal, ele vai ter esse cuidado e tudo mais. Aí a gente acaba percebendo isso aí nas nas pequenas coisas do dia-a-dia você repara isso aí, mas é normal, acho que tem que ser assim mesmo. É, acho que eu num vejo problema nenhum nisso aí não, é normal.

Vera, apesar de acreditar que, no que diz respeito à instrução, o tratamento seja igual, também concorda que há diferenças que se devem à cultura. Para ela, é positivo, inclusive, quando um homem evita falar certas coisas diante das mulheres:

Ah, uma coisinha ou outra por questões de cultura mesmo, entendeu... de.. às vezes é bom, às vezes eu gosto por exemplo que o cara não fique falando palavrão na minha frente, eu não gosto. Principalmente palavras baixas mesmo, entendeu. Que os garotos da nossa turma nem respeitam mais, né, eles não tão nem aí, eles falam piada de sacanagem na nossa frente, tão nem aí. Mas quando um mais antigo fala ééé, você percebe que ele ta tentando não falar alguma coisa que eles iam falar, eu acho isso positivo. Eu a, eu só não acho que ele precisa demonstrar, por exemplo, tem cara que fala “não, não vou falar isso porque as mulheres tão aqui”, aí isso eu já não gosto. Ele tem, ele tem que não falar e não falar, entendeu, simplesmente. Aí eu, alguns oficiais eles mudam um pouquinho quando eles tão na nossa frente, de repente, quando a gente vai passar num lugar eles deixam a gente passar antes, mas aí.. bobagem, mas com relação à instrução mesmo eu acho que é que o tratamento é igual assim, num mudou nada.

Apesar de afirmar no trecho de fala acima que acha que o tratamento dado pelos instrutores aos homens e às mulheres é igual, Vera, logo a seguir, se contradiz, dizendo que, por ser emotiva, não teria um bom rendimento se o instrutor gritasse com ela da maneira como grita com os garotos. Segundo ela, os instrutores parecem ter percebido que se tratassem as mulheres como tratavam os homens elas não iam render e, assim, lidavam com elas de forma distinta:

Éé.. lógico que eu por exemplo eu sou uma pessoa extremamente emotiva, então, quando o instrutor se ele, se no treinamento, ele gritasse comigo de repente como ele grita com um garoto, eu eu não ia render nada. Talvez eles tenham percebido isso, então, com a gente o que acontecia muito é que o

instrutor ficava irritado quando a gente errava, mas ele não ficava xingando. Com os garotos, tinha instrutor até que batia em pleno vôo. Esse tipo de coisa eles não faziam com a gente, mas.. porque senão a gente não ia render, não adianta. Mulher, pô, não dá. Um homem gigante gritando comigo eu ia chorar, entendeu. Éé, mas eu acho que a gente se saiu.. é eu percebi que a gente tem as mesmas dificuldades nos pontos chaves de vôo por exemplo, entendeu.

A maioria das mulheres entrevistadas diz que não existe diferença no tipo de treinamento dado a homens e mulheres, pelo menos ao longo de sua trajetória na Força Aérea, como podemos observar nas cinco falas que se seguem:

(respondeu antes de terminar a pergunta) Nenhuma. Nada. Não, não pode. Não pode haver diferença (Ângela).

Não. Igual (Sara).

É, treinamentos assim, né, foi bem, desde a Academia, vala comum, isso na minha visão, né (Vera).

Pois é, aqui não porque a gente pode até observar. Na Academia, acredito também que não porque pre é ce primeiro que te por essa ética, por, tem toda uma padronização pro instrutor, que que ele vai fazer, que que ele pode fazer e que não pode, então, num tem muito o que fazer, a gente vai fa vai o observar depois que acaba, né, mas é padronizado, é igual (Rita).

Não, todo, todo treinamento militar que a gente fez na Academia, na Academia porque aqui a gente ainda num teve nenhum exercício, a gente tem instrução de vôo, né, eu digo treinamento militar assim tipo acampamento, né, sobrevivência, isso aí tudo sempre foi igual. [...] todo exercício militar ou treinamento ou exercício de sobrevivência, isso aí tudo sempre foi igual, tanto, lugar pra dormir, lugar pra tomar banho, comida, ih, comida então, nem se fala, né, o único, a única coisa que

podia ser assim, “não, mas, pô, pra dormir tem que dormir junto, separado”, pô, no terceiro ano a gente fez um exercício que se você não dormisse junto com o cara, você devia ficar, não dormir de tanto frio, entendeu, então era melhor você ficar junto da pessoa e juntar dormir todo mundo junto do que ficar sozinho, então, e ninguém nunca se incomodou com isso assim, eu nunca me incomodei, então acho que nenhum homem tenha se incomodado também da gente dormir junto, ficar junto pra passar uma dificuldade, a questão da dificuldade, né, quando ce, ce se encontra num num obstáculo assim, ce esquece que existem uns tabus e acaba querendo sair daquela situação da melhor maneira possível. E era isso que a gente sempre fazia, se juntava pra poder passar pela aquela dificuldade e sempre foi assim, nos quatro anos nunca teve problema (Catarina).

Para Bárbara, o curso é e tem que ser igual para homens e mulheres. No entanto, ela pensa que, naturalmente, as mulheres de sua turma receberam mais atenção, já que eram poucas e faziam parte da primeira turma de aviadores que incluía mulheres:

Não, o curso é a mesma coisa e tem que ser a mesma coisa porque afinal de contas a gente vai voar o mesmo avião, nas mesmas situações, então, eu tenho que ter o mesmo controle que um cara da minha turma vai ter e tem que ser a mesma coisa, tem que ser tudo igual. Só que eu acho que, por ser mulher, e serem poucas e também por ser a primeira turma e ser novidade e tudo mais, eles acabam dando mais atenção pra gente. O que eu também acho que é natural, entendeu. Vamos supor, eles acabam acompanhando a gente de muito mais perto do que acompanham os garotos. Todos somos acompanhados, né, tá todo mundo se formando, todo mundo estagiando e tudo mais, todo mundo aprendendo. Mas acaba que eles voltam mais as atenções assim pra gente, ficam mais [incompreensível] ali, "como é que tá indo", fica acompanhando e tudo mais, mas acho que isso é normal também.

Houve quase um consenso entre as entrevistadas no que diz respeito ao desempenho das mulheres nos treinamentos. Todas acreditam que algumas mulheres têm desempenho melhor do que outras, e até do que alguns homens, assim como acontece com os homens, isto é, o desempenho independe do sexo:

É na média mesmo, assim. Tem umas que vão melhores, outras que vão mais ou menos, não dá pra, não existe "ah, são melhores ou são piores", é bem distribuído. No começo eles [os instrutores] falavam assim que a aviação exi é, exigia um pouco mais de força, só que de todas as as meninas da nossa turma, ninguém nunca vi reclamar assim "ah, não consigo, tá muito pesado", nunca ninguém teve isso. A gente teve um preparo também antes com musculação, treinamento, mas eu nunca vi ninguém reclamar ou questionar ou não conseguir fazer uma manobra porque tava muito pesado, não conseguia, não teve isso. Eles tavam, no início, tavam com receio. Ninguém sabia como ia ser nosso comportamento no vôo, se a gente ia conseguir atingir os parâmetros. Então, eles assim, ah, como algumas manobras elas realmente exigem mais né, da musculatura, eles achavam que a gente não ia atingir. Só que não teve esse problema (Ângela).

Ó eu... o melhor seria cê perguntar pro instrutor, né, o que eles tão achando, mas, pelo que eu vejo, tudo normal, a mesma coisa. Vai ter, é muito, é mais individual do que por gênero, assim, depende muito mais da pessoa do que se é homem ou se é mulher. Uns vão ter facilidade em umas coisas, outros em outras, outros mais dificuldade em umas coisas, outros em outras, acho que é normal (Bárbara).

Nenhum problema que se possa dizer assim "ela num conseguiu fazer porque é mulher". Tudo a gente fez, algumas, sei lá, pode ter tido mais dificuldade, assim como alguns homens tiveram dificuldade também. Então, acho que não é nada que se possa dizer que o fato de ser mulher tenha atrapalhado (Catarina).

Bem. Tem mulheres que vão muito vão muito melhor do que homem. Isso acho que depende do da dedicação, do esforço pessoal de cada um, acho que não depende do sexo (Sara).

Ah, eu acho que a gente teve as mesmas dificuldades que os garotos, entendeu (Vera).

Apesar de ter dito que as mulheres, de modo geral, tiveram um desempenho igual ao dos homens, Rita menciona que as mulheres, com exceção de uma delas que já era instrutora de vôo, tiveram, como os homens, dificuldade no pouso, mas, diferentemente deles, mantinham um desempenho estável depois que aprendiam, enquanto que o desempenho dos homens às vezes oscilava:

Ah, no treinamento da gente, sim o que aconteceu, na Academia teve uma menina, que ela já tinha voado antes, ela já era instrutora de vôo e tudo, então ela já tinha uma bagagem aeronáutica muito maior, então ela teve mais facilidade. Agora, no geral, a gente teve um desempenho normal também, alguma dificuldade no pouso foi coletivo, todas as mulheres tiveram essa dificuldade no pouso, mas tod, foi o que falaram, um instrutor falou, as mulheres tinham uma dificuldade pra aprender, mas depois que aprendiam mantinham, enquanto os homens às vezes oscilavam no desempenho, a gente mantinha o que tava acontecendo.

Três entrevistadas acreditam que o nível de exigência com relação às mulheres é o mesmo que o dos homens:

É mesma coisa. É tudo padronizado né? Cada vôo tem uma ficha e você tem níveis a atingir. Então, não tem assim ah, pra mulher um nível, pra homem é outro. Não, é o mesmo nível. Então por isso que não tem diferença (Ângela).

É o mesmo (Sara).

Eu acho que é o mesmo. Mesmo nível de exigência. Poxa, porque a gente ta trabalhando com aviação cara porque se exigir menos da mulher, pô, de repente ali ela pode quebrar um trem e colocar a vida de várias pessoas em risco, entendeu. Eu acho que nenhum instrutor seria insano de “não, pô, ela não fez direito, mas eu vou passar aqui porque..” Eu acho que não. Eu até exijo que não, entendeu (Vera).

Catarina concorda com as três companheiras de curso acerca do nível de exigência. Assim como Vera, Catarina também acredita que as mulheres não tiveram nenhuma vantagem a mais pelo fato de serem mulheres:

Nível de exigência, eu acho que todo mundo sempre tentou, principalmente de quem exige, né, que fosse o mesmo. Pra não ter diferenciação. Eu acho que foi o mesmo sempre, ninguém nunca acochambrou a gente por a gente ser mulher e, entendeu, passou a mão na cabeça (Catarina).

Catarina, no entanto, em outro momento da entrevista, lembrou-se de que existe diferença no nível de exigência no que diz respeito aos testes físicos, devido às diferenças fisiológicas entre os sexos:

A única diferença que existe, no teste físico, a gente tem as metas diferentes das dos homens, pra corrida e flexão de braço, por uma questão fisiológica, né, a gente num tem o mesmo organismo do homem, então, as nossas metas de corrida e flexão de braço e abdominal são um pouco mais baixas assim, mas proporcionalmente. Quem montou a tabela de condicionamento físico deve ter feito uma pesquisa, né, pra comparar, né, por exemplo, a nota dez pro homem ele tem que correr tantos mil metros em tantos minutos, aí proporcionalmente pra mulher vai ser, né, um pouco menos de distância no mesmo tempo. Por



causa da questão fisiológica. Essa é a única diferença que teve até hoje.

Bárbara também afirma que o nível de exigência é o mesmo, mas acredita que o fato das mulheres estarem em evidência acarretou um peso maior para elas, que acabaram por se exigir mais:

O nível de exigência é o mesmo. Só tem aquela questão que eu te falei dos detalhes que num... a exigência é a mesma, porém você sabe que você tá sendo observada então cê acaba se exigindo mais. Acaba sentindo o peso dos olhares sobre você e isso acaba te influenciando. Com certeza. Porque pô, você tá fazendo uma parada que você quer entendeu, que você acha legal, é um troço que é difícil, você tem que se dedicar, aí ainda fica todo mundo te olhando, você pô, entendeu, acho que é meio que, você sente uma pressãozinha ali. (...) [Os homens] sentem [essa pressão], com certeza, porque o curso [...] já é um curso seletivo e po, já é é é um troço, é puxado, entendeu. Então acho que todo mundo já sente. Só que eu acho que a gente acaba sentindo uma carguinha a mais ali, entendeu, por causa disso. (...) Não, a cobrança é a mesma. O que eles cobrarem de mim, eles vão cobrar deles, a cobrança é a mesma, entendeu. Só que... assim, os garotos ficam mais moitas, entendeu, no geral. Sabe como é que é? Ficam mais ali, na coletividade, todo mundo igual, entendeu. Aí toda hora, quando ce fica muito em evidência é bom e é ruim, entendeu, tem coisas boas e tem coisas ruins, quer dizer, então, po, nem sempre é tão bom. Principalmente essa parte de... e tudo mais. Tá todo mundo sempre vendo tudo que c ta fazendo, caraca! Entendeu? É meio pesadinho, mas...

Discordando da maioria, Rita diz que se exige mais das mulheres do que dos homens. Ao explicar, ela menciona, como as outras entrevistadas, a pressão sofrida em pelo fato delas estarem em evidência, de estarem sendo as primeiras. Ela acha que, por isso, a repercussão quando uma

mulher não tinha bom desempenho era maior do que a de um homem, por que havia mais pressão social:

Exigência... eu acho que é um pouco maior porque esperam muito mais da gente, assim, como eu te falei daquela coisa que foca .. a gente, então se tem uma mulher que desempenha mal, isso tem uma repercussão muito maior "ah, aquela ali tirou uma nota baixa, ó". Então, num é que seja uma exigência de alguém falar "você tem que ir bem", mas acaba sendo social aquela pressão assim. Pode ter um homem que vai mal, mas uma mulher que vai mal aparece mais, entendeu. Então, como a gente tá sendo focada, um desempenho ruim todo mundo sabe.

De maneira geral, as entrevistadas acham que são bem tratadas por seus superiores. Três delas acreditam que são tratadas da mesma forma que os homens e que seriam tratadas da mesma maneira se fossem homens:

Da mesma forma que os homens (risos) (Sara).

Não, não, não acho que fosse diferente não (Catarina).

Ângela acredita que, não apenas o tratamento recebido dos superiores pelas mulheres é igual ao que é dado aos homens, como também menciona que há uma preocupação e uma intenção de que seja tudo realmente igual:

Normal. Eu vejo do jeito que eles tratam os homens eles tratam a gente. Até eles tentam assim igualar de qualquer maneira o tratamento, entendeu? Pra realmente não ter esse negócio "ah, trata diferente ou não", mesmo assim, normalmente, cê trata a mulher diferente do que você trata o homem. Aqui não, aqui é, tende a tratar todo mundo igual pra realmente ser, não não tem diferença. Mesmo sendo assim, separando a parte de vô, de

relacionamento normal assim, é o mesmo tratamento. Acredito que não [seria tratada de maneira diferente se fosse homem].

Bárbara afirma que é bem tratada e diz que, quando se compara o tratamento dado pelos superiores às mulheres com aquele que é dado aos homens, o que se pode sentir é uma maior cordialidade com as mulheres:

Bem, nada a reclamar. Não, acho que seria, é é aquele detalhe que eu te falei de cordialidade e tudo mais, esse tipo de coisa, mas, no geral, é a mesma coisa, entendeu, a disciplina é a mesma, eles vão cobrar a mesma coisa, é superior do mesmo jeito, tudo é igual.

Já Vera acredita que os superiores são, além de mais educados, mais formais com as mulheres, enquanto que, com os homens, há mais camaradagem:

[Sou tratada] Como eu mereço ser tratada.. na maioria das vezes. Não, normalmente, normalmente. ... mmm ah, entre os homens eu acho eu acho que rola mais camaradagem entre eles. Com a gente é mais formalidade, entendeu. No mesmo vôlei de navegação por exemplo um instrutor com outro fica contando piada, conversando, com a gente eles ficam normais, falam sobre coisas normais ou não falam, eu acho que existe mais uma, que nem eu te falei, uma questão de educação maior.

Rita, mais uma vez, atribui a diferença existente no tipo de tratamento dado a mulheres e homens ao fato das mulheres de sua turma terem ficado em evidência. Ela revela que, ao chegar ao esquadrão quando saiu da AFA, o Comandante sabia o nome de todas as mulheres que estava recebendo para fazer parte da unidade. Apesar disso, ela afirma que o tratamento profissional é igual e que seria tratada da mesma maneira se fosse homem:

Pelos meus superiores? ... Foi o que eu falei, é nu tipo, todo mundo, sabe, quando eu cheguei, meu comandante sabia meu nome, isso é uma coisa rara assim, né, o comandante saber o nome de cinquenta e quatro ele saber o meu nome, porque, porque eu era mulher. Então ele já decorou quais eram as seis. Todas as seis ele sabia o nome. Então assim, é aquela coisa que eu tava, sabe onde é que eu tô, sabe que que eu tô fazendo, se eu tô trabalhando, mas poxa, cheguei aqui no esquadrão, trabalhando normal, a gente até brinca, né, tipo, às vezes eu levo um bolinho pra sessão, aí todo mundo "por isso que é bom ter mulher na sessão", porque faz a diferença, tá mais cheiroso, mas é tratamento profissional igual a gente trabalha da mesma forma. Sim [seria tratada da mesma forma se fosse homem].

Com relação ao tratamento dispensado pelos subordinados a mulheres e homens, as entrevistadas apresentam opiniões bem diferentes. Ângela e Catarina acreditam que são tratadas pelos subordinados da mesma maneira que os homens são tratados:

É a mesma coisa. Pelo menos demonstram, né, nenhum tipo de preconceito ou diferença (Ângela).

Tratam bem, tratam normal. O nosso relacionamento com todo mundo, tanto superior quanto subordinado, eu acho que é igual. Acho que é como se a gente fosse homem mesmo, não vejo diferença (Catarina).

Bárbara também afirma que os subordinados tratam homens e mulheres do mesmo jeito, mas conta que uma mulher em posição superior pode, por vezes, ser mais dura do que um homem porque precisa mostrar que manda, necessita se impor mais:

É, bom, eles tratam do mesmo jeito, que a gente é antiga do mes, mais antiga do que eles da mesma forma. Só que aí acaba acontecendo, eu já vi, eu não faço isso que, pô, eu me considero tranqüila, entendeu, com esse tipo de coisa. Mas eu já vi assim

acontecer de como a a mulher ela espera, acho que dos dois lados, ela acha que o cara vai achar que ela vai ser mais tranqüila por que ela é mulher, então ela num vai ter pulso firme, entendeu, e o cara vai poder, ela acha que o subordinado vai fazer o que ele quiser, “não, só porque é mulher ele não vai respeitar e tudo mais”, mas então ela tende a cobrar mais. Aí ela tende a acabar sendo mais rígida pra mostrar que justo não é aquilo que ele ta pens, que ela acha que ele ta pensando, entendeu, e, aí eu acho que fica esses dois lados assim e às vezes ele fica esperando assim e que ela seja mais tranqüila, ou não que ela vai “puxar a G” só pra, porque é mulher, senão ela vai achar que, entendeu, então é uma expectativa que eu acho que acaba acontecendo. Mas não é com todo mundo, mas eu já vi isso acontecer aqui entendeu. E às vezes eles esperam que a gente faça isso assim. Acho. “ah, vai ser mulher, vai tirar serviço, num sei que e tal, vai chegar puxando G só pra mostrar que, entendeu, já vi isso. Eu já vi amigos meus comentando que, tipo assim, oficial mais antiga tava puxando G “ah, só porque era mulé num sei que, tava puxando G ali pra mostrar que manda”.

Rita acredita que a forma como os subordinados tratam as mulheres é diferente. Ela relata, inclusive, um episódio que aconteceu com ela em que um sargento pediu para sair mais cedo e credita esse pedido ao fato dela ser mulher e do homem achar que a mulher seria mais frágil, mais “boazinha de coração”:

Pelos subordinados ..é é diferente assim, porque todo mundo, que que acontece, todo mundo tamem tá tá se adaptando a isso, então já te olham meio de rabo de olho e ficam querendo saber qual a sua atitude diante de tal situação. Eu tava de Oficial de Dia aí apareceu um engraçadinho, num sei que, aí tive que ser mais firme assim e todo mundo ficou observando pra ver qual seria minha reação porque geralmente serviço de mulher, eles acham que pode fazer alguma coisa, acha que pode tirar as asinhas de fora porque acha que a gente vai ser mais frágil, mais boazinha de coração. Então quando eu tive essa atitude, todo

mundo ficou assim "opa, perai, essa mulher não tá dando chance, não tá dando mole". Aaí ele até comentou comigo "poxa tenente, gostei lá, pô, a senhora agiu bem". Então, eles ficam esperando por ser mulher num é nem por ser aviadora, mas por ser uma mulher de serviço, todo mundo já fica, vem com carinha triste, se pode embora mais cedo, essas coisas assim, sabe. [...] Teve um cara que veio chegar pra mim porque ele ia tirar carteira de motorista num sei onde que ia embora 6:30h, 7:00h da manhã. Eu falei assim "não, só vai embora quando passar o serviço, eu só vou embora quando passar o serviço e você também", "ah, mas tenente porque eu tenho que ir que eu vou buscar meu irmão num sei onde", eu falei assim "NÃO... e tchau" aí foi embora. Mas se fosse um amigo meu, infante, ele num ia falar isso, fosse um homem, um galalau, ele num ia falar nada porque ia ter medo de chegar pro homem e contar a historinha triste.

Já Sara diz que os subordinados a respeitam, apesar de ficarem desconfiados por ela ser nova e “querer” dar ordens a eles. Ela acha que, se fosse homem, não seria assim, mas pensa que isso está acontecendo porque elas são as primeiras oficiais aviadoras mulheres:

É, então é o alguns ficam meio assim, tipo, é, eu lembro que quando eu tava de serviço, eles ficam olhando assim "pô, uma menina nova" e tipo "pequena assim querendo dá ordem na gente", sabe, mas eles respeitam. Mas eu sinto que eles ficam olhando assim meio desconfiados assim tipo que eu vou esperar dela, entendeu, mas às vezes por ser um pessoal de Academia eles já ficam um pouco mais assim.. ligados assim eles respeitam. É, [se eu fosse homem] num seria tanto entendeu, mas eu acho que é um acho que isso é por causa do início também.

Em contrapartida, para uma das entrevistadas, os subordinados tratam melhor as mulheres do que tratam os homens:

Eles, eles me tratam pelo menos super bem assim os subordinados. Eles tão bem do, acho que eles são do nosso time, acho que eles torcem pra gente. Não, porque, por exemplo, com uma mulher, o por exemplo os sargentos e cabos lá eles, eu desenvolvi uma certa.. eu dei, eu dei uma certa abertura pra eles, eles chegam e passam por mim e cumprimentam dão bom dia boa noite, eles sabem que eu pô sei lá que eu sou uma pessoa dócil, por exemplo. Agora, pô, tem garoto que pô se o sargento cumprimentar e ele interpretar mal, vai dar uma parte “porque ta me desrespeitando num sei que” e eu é depende também muito do nível de abertura que você dá, entendeu. No geral eles tratam melhor a gente do que eles, realmente (Vera).

Todas as aviadoras consideram que têm um bom relacionamento com os colegas de turma e com os instrutores, atualmente. Algumas mencionaram que, por terem muito tempo de convívio com os colegas, agora desenvolveram mais intimidade e cumplicidade e a relação com eles é tranqüila. Catarina acrescentou que, no início, houve um certo desconforto, já que ninguém sabia como agir com a situação nova criada com a entrada das mulheres no curso da aviação, mas que isso já foi superado com o convívio:

Normal. Com os instrutores é, bem normal assim, é claro que pra eles também é novidade então tem que dá aquele... mas eles são super profissionais, a gente num tem nada pra reclamar, são muito tranqüilos. O militarismo, de um modo geral ele num deixa muito espaço assim pra... pra... pra você fazer o que ce quiser, é tudo muito amarrado, muito certinho, muito, o ambiente é bem rígido assim e tudo mais e é muito profissional, num tem nada pra reclamar. Entre os colegas, que que acontece, é normal também, porém, como é a mesma turma, o pessoal da minha turma é muito próximo, né pô, a gente passou quatro anos na Academia, todo mundo junto, os mesmo problemas e [incompreensível], tudo igual, então o pessoal acaba tendo mais intimidade. Então, acaba servindo de parâmetro pra gente ver como que tão as coisas aqui fora, entendeu, porque, às vezes, um

oficial mais antigo que eu num vai chegar e me falar alguma coisa assim, peculiar ou uma coisa particular assim de mulher e tal, mas os meus amigos da turma vão me contar, entendeu, então dá pra mim saber como é que ta sendo a aceitação, pô, o que que eles tão pensando, entendeu, às vezes um outra pessoa que num tem tanta intimidade num vai chegar e num vai falar, mas conversa com o pessoal da minha turma e o pessoal da turma conversa com a gente e fala mesmo, entendeu. Se tiver sendo positivo vai falar, se num for positivo vai falar também, eles contam tudo. Então por isso que eu acho que ta tudo bem, eu acho que ta tudo normal. Senão a gente já saberia (risos) (Bárbara).

Os nossos colegas de turma são os mesmos colegas de turma há cinco anos já. No começo, eu acho que assim como os instrutores assim, os mais antigos, talvez tenham se sentido um pouco sem jeito assim, desconfortável, não desconfortável incomodado, mas sem saber o que fazer, acho que talvez eles tenham passado por isso também, por ser novidade, mas isso, foi o que eu falei, logo se superou e a gente tá junto já há cinco anos e o pessoal da turma é o de menos, esses aí a gente sabe lidar já há muito tempo (Catarina).

Com os colegas de turma, a gente convive, passou muito sufoco junto, então acho que a gente conhece gente da turma melhor que irmão da gente, assim, quando tá triste, quando não tá, como é que tá. Aaí a gente brinca, fala besteira, tem colega que chega e empurra, bate, igual como se fosse homem assim. Tem um colega meu que fica "pô, você é um homem legal, você é um homem bacana", brincando comigo assim "pô, dá pra conversar contigo". Então se tiver que bater, bate, dá soco, fala besteira na rodinha se tiver que falar, fala, então acho que eles num se sentem mais melindrados porque já se acostumaram com a presença da gente, sabe. Com instrutor tem aquela distância de aluno e instrutor, né, a gente num, é um tratamento formal, tem instrutores, lógico, que a gente acaba conversando um pouco mais porque é da mesma aviação ou então é um pouco mais brincalhão, mas assim mesmo tem aquele degrau assim que a gente é sempre "sim, senhor", "não, senhor". Agora, tipo, a



gente sempre tem que ficar com a mão pra trás quando tá perto, então agora às vezes a gente pode ficar com a mão mais a vontade, mas sempre um tratamento formal. Porque você sabe que pode aquele aquele instrutor num vai te chamar, porque tem instrutor que fala assim "ué, num tá previsto ficar com a mão pra trás?". Aí você [fez o gesto de colocar a mão pra trás] tem que colocar a mão pra trás, entendeu. Mas... Ah, acho que às vezes assim, por exemplo eu tenho amiga, uma amiga da minha turma aqui, então eu trato diferente porque outros são colegas, mas poderia ser eu tinha um amigo também da minha turma que eu conversava com ele e tratava igual, assim era até engraçado a gente andava pra cima e pra baixo todo mundo achava que a gente tava namorando, porque a gente treinava junto, almoçava, conversava, todo mundo achava que a gente tava namorando porque era amigo (Rita).

São normais. Alguns a gente se dá melhor, outros nem tanto... mas o relacionamento é tranqüilo (Ângela).

São boas. Nada a declarar (Vera).

Eu acho boa assim, num tem problema nenhum. Assim, eu sou mais amiga das meninas, eu confio mais nelas, entendeu. Tem uns meninos que são amigos assim, mas eu confio mais nelas (risos) (Sara).

Todas as aviadoras estão satisfeitas com a forma como a profissão que escolheram é vista por familiares, amigos e pelas pessoas, de maneira geral. Como podemos ver nas falas abaixo, elas afirmam que isto é motivo de orgulho e admiração por parte deles:

Olha, minha família... é apaixonada, né, coloca num pedestal o que eu faço, né, é aquele negócio de orgulho de família, né? Minhas amigas também. Tem aquele negócio de contar pras outras amigas "pô, minha amiga é piloto" (Ângela).

Olha eu nunca vi ninguém na minha família ou amigo meu que que criticasse. Acho que todo mundo apóia assim, acha bom, sabe (Catarina).

Com admiração (Sara).

Com muito bons olhos (Vera).

Então, isso também eu já te falei, é o que eu tava falando. Normal, todo mundo acha legal, todo mundo pergunta coisa pra caramba, e acha muito legal (Bárbara).

É engraçado que, quando minha mãe conta assim pra alguém ninguém acredita que eu sou piloto, acha que eu sou aeromoça. "Não, ela é aeromoça, num é piloto", minha mãe "não, é piloto" aí tem que mostrar a foto pra ela acreditar assim pra pessoa acreditar. Mas todo mundo num acredita que eu sou piloto, sempre chega assim "você? Desse tamanho é piloto? Como assim? Você pilota sozinha um avião, você e o avião?" eu falei "é, já saí sozinha no avião, já fiz pirueta, voltei e pousei", "não, num acredito", todo mundo fica assim, desconfia um pouco "você com essa carinha de novinha?", eu falei "eu sou a mais velha das meninas", eu tenho 25 anos, a mais nova fez 22 agora, então o pessoal num acredita muito de primeira assim que eu sou piloto e tal (Rita).

Todas as entrevistadas afirmam, também, que nunca sofreram nenhum tipo de preconceito, como se pode observar nas falas a seguir:

Diretamente não. Não, eu não sofri nenhum tipo de preconceito, mas eu sei que muita gente tem preconceito com mulheres, em todo lugar, entendeu, mas, também não tenho nada a reclamar (Bárbara).

Não, não. Sempre com todo mundo que eu falo o pessoal acha legal, me dá parabéns... pergunta "ah, foi você que saiu na Veja daquela vez?" (Vera).

Rita, mesmo negando que tenha sofrido preconceito, conta um caso que aconteceu com ela, em que sua profissão assustou um rapaz que encontrou quando tinha saído para dançar:

Não, mas teve uma situação que foi engraçada assim que aconteceu de a gente sair e tal pra dançar e chegar um cara e perguntar "não, que que ce faz, num sei que?", "eu sou militar", aí o cara virou as costas e foi embora porque assustou (risos) eu falar que eu era militar, entendeu, acho que espantou um pouco o cara, acho que se eu fosse uma universitária, uma, sei lá, qualquer coisa num teria assustado, mas uma situação engraçada que aconteceu, acho que homem tem medo de mulher militar.

### **4.3 Aspirações na Esfera Profissional e Familiar**

Nesta categoria analisamos o que as entrevistadas almejam alcançar, como situam a profissão e a família em suas vidas, o que acreditam que pode constituir um possível obstáculo para conseguir o que desejam, como pensam conciliar suas diferentes aspirações e se acreditam que a carreira pode afetar seus relacionamentos amorosos.

Quando questionadas acerca de suas perspectivas de vida, todas as aviadoras falaram sobre a profissão. Quatro delas chegaram a mencionar o desejo de constituir uma família, mas o foco das respostas recaiu sobre o aspecto profissional. Todas acreditam, ainda, que, até o momento da entrevista, estavam conseguindo alcançar o que almejam:

eu espero?... espero que a minha carreira dê certo, que eu seja feliz aqui na FAB e que eu seja feliz na minha família também. To, to conseguindo. Por enquanto, sim (Bárbara).

Bom, na vida profissional eu espero alcançar um nível de desenvolvimento operacional máximo que eu puder, me dedicar, e conciliar com isso a minha vida prof pessoal pra que eu possa ter meu filho no momento certo, que não vá desestruturar muito as coisas, éé... e desenvolver, quero estudar também pessoalmente que eu possa, se eu puder conciliar com a Força Aérea, ótimo, mas eu quero estudar por conta própria assim pra pra agregar conhecimento, fazer outras coisas, ter uma outra vida além da Força Aérea. Ééé, quero constituir minha família... Aqui na p na parte profissional tá tudo caminhando muito bem. Assim, pessoal, também, assim, eu tô solteira agora, mas acho que depois eu posso conhecer alguém e conciliar isso. O pessoal, pessoal, tem minha família que tá bem, mas construir a própria, minha família eu não tô pensando nisso. Profissional tá tudo seguindo muito bem, eu vou começar, vou voltar a fazer faculdade agora ano que vem, tô vendo minha matrícula, tô feliz na FAB agora que as coisas tão caminhando, minha escolha tá seguindo pro que eu quero, acho que isso aí que é importante (Rita).

Ah, pô, eu.. é porque agora meu futuro tá meio indefinido, né. É, escolher entre uma das três aviações, como eu te falei eu, eu acho que a mulher quer ser feliz, eu quero ser feliz, entendeu, então eu vou eu não vou te falar que hoje eu tenho ambições operacionais, “não eu quero voar o Boeing de qualquer jeito”. Não. Porque se voar o.. no momento que eu tiver [incompreensível] voar o Boeing for atrapalhar de acompanhar os meus filhos, ou sei lá, dá mais atenção pro meu marido, provavelmente eu não vou, entendeu. Vou fazer uma opção que eu possa conciliar o máximo as coisas, mas assim o meu pensamento hoje é não preterir o trabalho à família, eu não não estou nesse nível ainda, entendeu. Éé, então, não sei. Espero é ser feliz. (Vera).

Ah, eu espero.. é.. conseguir é me formar bem aqui, né, escolher um lugar, conseguir escolher um lugar alguma, algum lugar que eu queira ir, é fazer bastante hora de vôo, é estudar, né, estudar por fora, quero fazer uma faculdade, ah basicamente isso que tem que ser, casar, ter filho (Sara).

...ah, eu quero continuar no curso, né, daí ir atingindo assim a progressão operacional, ir evoluindo, passando pras outras aeronaves (Ângela).

O que eu espero alcançar? Ah, eu acho que é meio imediatista falar isso, mas eu procuro num planejar muito as coisas pro futuro longe, entendeu. Eu procuro pensar mais assim o que tá acontecendo agora e o que vem depois vai ser uma consequência do que eu to fazendo agora, seu o que eu tiver fazendo agora eu to fazendo bem, então é uma coisa boa o que vai acontecer pra mim daqui pra frente, entendeu. Como foi até hoje. Pô, na oitava série eu me esforcei pra caramba, mas até então eu queria ser médica... ou, advogada... mas eu tava estudando. Muito. Aí acabou que eu fiz todos os concursos e passei em todos. Aí eu pensei “e agora, que que eu vou fazer?”. Aí eu não queria mais ir pra faculdade não, “agora eu quero ir pro colégio militar que eu acho que vai ser mais legal”, aí eu fui pra lá, estudei, estudei, estudei, aí no terceiro ano fiz faculdade, fiz escola técnica e fiz preparatório militar. Aí passei na faculdade, na UERJ lá pra engenharia, passei na AFA, aí eu pensei “não, não esse concurso pra ser piloto, legal, vou nesse aí”, aí me esforcei os quatro anos da Academia, estudei pra caramba, aí chegou no final do ano “e agora, vou ser piloto de que? Posso ser piloto de caça, posso ser piloto de helicóptero ou de transporte. Não, vou ser piloto de caça.” Então, tudo que aconteceu pra mim até hoje foi uma consequência do que eu tava fazendo na hora. Aí eu resolvi adotar isso de vez, não vou ficar pensando no futuro, eu vou fazer o que dá pra fazer agora e o que eu puder fazer de melhor vai me trazer uma coisa boa daqui pra frente (Catarina).

As dificuldades ou obstáculos encontrados pelas entrevistadas para alcançar os objetivos por elas mencionados variaram bastante. Bárbara e Ângela, por exemplo, acreditam que os obstáculos devem ser vencidos cada um a seu tempo, pensamento que vai ao encontro da fala de Catarina no trecho acima. Seguem as falas de Bárbara e Ângela a esse respeito:

Ah, num sei porque, são, etapas né. Cada etapa é uma coisa diferente. Aqui no meu momento agora é pô, terminar o curso aqui e tal, aprender aquilo que eu tenho que aprender pra poder ir pra um esquadrão operacional e tudo mais e trabalhar, aí, à medida que as coisas vão chegando é que eu vou tomando conhecimento eu também num sei muito como é que é, são, pô, são muitas possibilidades pra, a Força Aérea da um leque de, pode expandir muito, variar muito, são vários caminhos, entendeu. À medida que as oportunidades vão aparecendo aí ce vai avaliando. Eu num sei, num tenho muito definido que que eu quero exatamente não, assim, em termos profissionais não. Eu quero ir em frente, vamo vê (Bárbara).

Ah, não é uma coisa simples o que a gente faz realmente, tem que ter muita dedicação. Só que... enfim, a gente já venceu muitas coisas, né, pra chegar até aqui. Ah a Academia. Entendeu, a gente teve vôo no 2º EIA, no 2º ano, né? Daí foi a parte, é a parte que é mais seletiva, né? Muita gente foi cortada ali, ou pediu pra ir embora. Daí, daí cê via muito, muito amigo indo embora. Então cê passa por muita coisa, né. Aí cê acaba... cê sabe que sempre vai ser assim, né, sempre vencendo um obstáculo de cada vez (Ângela).

Rita menciona uma possível dificuldade para conciliar família e trabalho como um obstáculo que pode vir a ter que enfrentar no futuro, além de obstáculos de ordem profissional, como vir a descobrir que fez a escolha errada:

bom... pra satisfação pessoal é o conflito né, que eu falei de eu conseguir minha atender todas as necessidades da minha família e ser feliz profissionalmente 100%, acho que esses dois pode ser um conflito. Agora obstáculo profissional, obstáculo profissional ééé... num sei é eu não, eu descobrir que num é isso que eu queria, ficar decepcionada. Hoje eu acho uma coisa, pode ser que eu chegue lá no esquadrão veja que num é bem isso, então acho que isso vai ser um obstáculo preu ser realizada profissionalmente, porque eu já fiz a escolha inicial errada. Então isso, poderia ser um obstáculo, pode vir a ser porque pode

atrapalhar a minha progressão, eu vou demorar mais um ou dois anos pra me acertar na Força Aérea.

Vera vê como sua maior dificuldade futura a transferência rotineira, típica da carreira:

É a... pressão... principalmente por eu tar no meio militar assim, com relação a sei lá é.. eu acho que um grande obstáculo pra mim por exemplo vai ser ter que ficar me transferindo muitas vezes entendeu, então quero, quero chegar num lugar e jogar minha âncora... ficar aqui. O máximo de tempo que eu conseguir, entendeu. Acho que isso vai ser um problema.

Sara afirma que uma de suas maiores dificuldades vai ser ter que aprender a se planejar melhor:

Pra alcançar o que eu quero? Falta de planejamento. Eu me planejo muito mal aí às vezes num dá tempo de fazer tudo o que eu quero, eu acho que eu tenho que me planejar melhor.

Todas as aviadoras entrevistadas afirmaram que pretendem constituir uma família e ser mães. Quanto a porque almejam isso, como podemos verificar nas falas abaixo, ou elas não sabem o porquê, ou acreditam que é o que todo mundo quer ou sonha ter, ou, ainda, porque consideram a família e a maternidade itens importantes para sua própria felicidade:

Sim. Ah, não sei. Eu gostaria (risos) (Ângela).

Ahãm. Porque? (risos) Num sei porque, eu acho que toda mulher sonha com isso. É difícil você ver alguém que não sonha com isso, né, eu sonho. Mas é bem pro futuro (risos) (Sara).

Uhum, com certeza. Por que? Ah, porque eu acho que é normal, pô. Todo mundo quer ter uma família né? Normal, também quero! (risos) (Bárbara).

Sim. Porque? Porqueee vai ser uma realização completa assim, tem que ser aaa fechar como mulher assim, porque hoje eu sou realizada pessoalmente, independente de ser homem ou mulher, eu tô bem profissionalmente, tenho minha vida independente, posso ajudar meus pais, isso acho que qualquer pessoa que estudou, trabalhou tá quer isso pra vida, então eu sou feliz como pessoa. Agora, preu ser feliz como mulher, quando eu juntar com pessoa com o ser mãe e eu que eu guardo muito pra mim de ser dona-de-casa, poder acompanhar as coisas, porque a gente às vezes até quer alguém pra ajudar, né, mas supervisionar saber onde tá tudo, ver não eu faço questão de fazer comida, por exemplo, uma coisa, sabe, eu prim eeu pre, eu primo muito (Rita).

Pretendo. Porque eu acho que isso vai me fazer feliz (Vera).

Ah, com certeza. Num sei ainda quando... tenho uma idéia assim, num sei, planejo, sei lá, daqui a uns seis anos, sete, por aí. Se eu puder planejar, né, vai ser por aí. Mas, nada certo, né, se alguma coisa acontecer e eu precisar adiantar ou atrasar os meus planos, a gente taí pra isso, tentar conciliar a profissão com a maternidade (Catarina).

Das seis entrevistadas, cinco acreditam que, por serem aviadoras, terão mais dificuldade para exercer o papel de mãe e chefe de família.

Bárbara, inicialmente, diz que vai ser um pouco mais difícil, porém acredita que todas as mulheres que trabalham fora têm a mesma dificuldade de uma mulher aviadora e que isso, na verdade, é um conflito atual:

Ah, acho que sim, acho que vai ser um pouco mais difícil e tudo mais. Vou ter que administrar um pouco melhor essa parte, mas eu acho que toda mulher assim que tem, que trabalha fora, tudo mais e que quer crescer profissionalmente vai passar por isso também. Acho que... conflito dos dias atuais. (risos) É uma coisa



normal, todo, acho que todos os casos devem tar passando por isso assim atualmente, deve ser uma coisa normal.

Com relação à conciliação do papel de mãe com o de profissional, Catarina também acredita que esse não é um problema exclusivo das aviadoras. Para ela, as militares, mais especificamente as intendentas, enfrentam a mesma situação. O desafio das aviadoras, e que as distingue daquelas que pertencem ao quadro de intendentas, seria recuperar o condicionamento físico após a maternidade:

É, existe, existe um problema assim, não por ser aviadora porque eu acho que as intendentas também devem passar por esse problema, por exemplo, quem tem filho, não, tem que cumprir o expediente, durante o dia, não vai ter tempo de ficar o tempo todo em casa, principalmente se o marido for militar também porque num vai ter o pai em casa pra tomar conta. Aí entra um problema que é: quem vai tomar conta da criança? Normalmente as avós ajudam, né, e eu to contando com a minha mãe pra isso também (risos). Mas acho que a única coisa que eu vejo de de dificuldade a mais em relação às intendentas, eu comparo com as intendentas porque são as mulheres que tem a profissão mais próxima da nossa, que é um quadro de carreira, né, eee, só que a gente teve nossas particularidades, por exemplo, é o nosso corpo, isso é, isso é uma especulação minha, não tem nada certo e ninguém nunca passou por isso pra dizer se é verdade ou não, mas eu acho que... a profissão exige um pouco mais de esforço físico da gente por ser aviadora do que das intendentas, porque elas trabalham, é uma coisa mais burocrática, a gente não, a gente depende do nosso condicionamento físico, muito, pra poder exercer bem, entendeu, o vôo desgasta muito, então eu acho que, talvez a gente demore um pouco mais pra se recuperar e voltar 100% pro trabalho depois de uma gravidez, o corpo acho que fica um pouco fragilizado e tal, talvez precise um pouco mais de tempo pra ficar 100%, entendeu, pra garantir que eu vou voar e num vai acontecer nada.

Sara acredita que a dificuldade maior é ter que viajar muito:

Eu vejo por falta de tempo porque às vezes tem que se deslocar, tem que sair, do do lugar onde a gente trabalha, tem que viajar. Eu pretendo ir prum lugar que não voe muito, quando eu quiser ter filho porque aí eu faço o vôo que dá.

Para Vera, esse não é um bom momento para ter filhos, pois a maternidade atrasaria a sua progressão operacional:

Vejo porque a gente tem cotas a cumprir anualmente, a gente tem que voar, é tem que progredir operacionalmente e isso com certeza tem um preço, entendeu. Vai vai atrapalhar um pouquinho. Ser mãe por enquanto ta ta fora. Constituir uma família, pô, dá pra casar mas ter filhos por enquanto não dá porque se não você fica atrasada operacionalmente, entendeu. Não dá. Pessoal da mesma turma já ta com 500 horas de vôo e você não tem nem... porque você teve filho, vai ter que fazer readaptação, entendeu. Fazendo as melhores escolhas possível, pensando muito antes de decidir pra onde eu vou, se eu vou fazer esse curso, eu tenho que sentar e realmente pensar, pesar prós e contras, acho que é, ter calma nas decisões pra me ajudar.

Rita diz que vai se desdobrar para exercer todos os papéis:

(risos) Sim. Ah, superar, superar não vai superar né, eu vou tentar me desdobrar em mil pra pra cumprir isso.

Ângela afirma não saber como vai fazer para conciliar os papéis de mãe e dona de casa com a profissão. Ela diz que não pensa nisso agora e acha que será importante fazer um planejamento:

É, a profissão exige bastante, né, mas eu não sei como seria, né, é difícil dizer agora. Não é uma coisa que eu penso assim pra agora. É uma coisa mais pra frente, sabe, então, eu acabo não me preocupando tanto em pensar nisso agora. Tem que ver realmente, é, qual parte da progressão operacional que eu vô tá, se eu vou tar fazendo algum curso, se vai atrapalhar ou não, vai ter que ser algo planejado, num pode ser ao acaso, né?

Três das aviadoras entrevistadas contaram que tiveram que terminar relacionamentos afetivos por causa da profissão escolhida. Entre as outras três que afirmaram nunca ter tido problemas deste tipo, uma relatou que namora alguém da mesma carreira e outra disse que só namorou militar:

Eu tinha um namorado antes de entrar pra Academia. Do Rio, né, a Academia fica em São Paulo, lá em Pirassununga. Dá umas nove horas de viagem pra chegar no Rio, né. Então, como às vezes a gente tinha a rotina muito conturbada durante a semana, acabava que algumas coisas eu precisava fazer final de semana. Aí quando eu precisava estudar pra uma prova, me preparar pro vôo final de semana, eu não podia ir pra casa no final de semana. Então, às vezes isso, com a constância, às vezes eu ficava, em 1 mês eu ia pra casa uma vez por semana, entendeu. Aí isso atrapalhou um pouquinho. Tanto que a gente ficou um ano e meio ainda namorando depois que eu entrei, mas era muito difícil manter um namoro assim se vendo uma vez por mês, entendeu. Aí num deu certo. Essa foi uma dificuldade. Aí é difícil [saber se os homens têm alguma dificuldade de se relacionar comigo devido a minha profissão] porque depois desse namorado que (risos) que num deu certo, eu comecei a namorar um garoto da minha turma, entendeu, então a profissão era a mesma, não tinha essa dificuldade, a gente passava as mesmas coisas, então ele entendia exatamente o que que tava acontecendo. Talvez se daqui pra frente eu for namorar uma pessoa que não seja do meu meio, não seja militar, não seja piloto, não conheça muita coisa, talvez a pessoa estranhe um pouco a rotina porque é diferente, né, mas aí eu num sei se isso

vai ser uma dificuldade ou não, depende muito da pessoa (Catarina).

Uhum. Acabei de terminar o noivado por causa da distância. Porque ele é militar, ele era, ele é militar e eu também, e a gente tá em momentos decisivos da carreira e ele tem um plano de vida, ele assim, ele até tinha topado ir comigo, abrir mão da carreira dele, só que a situação que surgiu, ele foi convidado pra ir pro Haiti e quer dar o foco pra carreira dele e nós dois não podemos dar o foco pra nossas carreiras, então a gente acabou terminando o noivado e eu ia me casar em setembro, [...] Pois é, a gente ia casar agora em setembro... enfim. Sim [os homens têm dificuldade de se relacionar comigo devido à profissão]. [...] Como aviadora porque a mulher sendo militar vamos supor uma médica ou uma intendente ela fica mais estável num lugar. Então é mais fácil um parceiro tá junto com ela, porque num tem a necessidade dela a a aviação, o problema da aviação é que hoje eu tô aqui, mas dezembro eu tô indo embora, eu posso ir pra qualquer lugar, eu quero ir pra Florianópolis, em Florianópolis eu fico quatro, cinco anos e eu posso ser mandada pra qualquer outro lugar, então, quem for ficar comigo já tem que saber que daqui a cinco anos eu vou embora de novo, vai tar se mudando e é assim, a menos que eu queira frear minha carreira, eu vou seguir isso. A menos que eu queira "vou, não, vou", mas aí entra o problema que eu vou me queimar, eu vou, vamos supor, se eu quiser ficar em Florianópolis dez anos, eu num vou tar progredindo operacionalmente. Então vai ser ruim pra minha profissão ficar lá. Mas pessoalmente pode ser bom, meus filhos vão tá crescendo e tudo. Mas se eu quiser dar minha ênfase pra carreira eu tenho que ser transferida daqui a cinco anos. Então eu vou ficar pingando de lugar em lugar a vida inteira. [...] E isso é um problema porque quem tiver comigo, vai ter que ir junto, vai ter que entender isso (Rita).

Ah, terminei com meu namorado que eu tinha [...] Aí terminei com ele por causa da distância. Acho que isso me atrapalhou assim, mas.. é mais difícil, é um pouco mais difícil. [...] Eu acho que sim [os homens têm dificuldade de se relacionar comigo devido à profissão], eu acho que os homens se assustam. Como

eu to na, eu acho que a grande saída é namorar militar, entendeu, mas [...] (risos). Que não seja aviador. Por favor! Éé, mas tem tem homem civil eu acho, eu vejo bem difícil mesmo a situação desses caras que tem que amar a gente um pouquinho. Primeiro que a gente só vive feia e entendeu, pô, tem que ficar num lugar cheio de homem ao redor, isso mexe com a cabeça deles, mexe com a cabeça do meu namorado que sabe como é que é, imagina de quem não conhece, “pô, mas você vai viajar, mas só vai você de mulher?”. Mas faz parte (Vera).

Não, por enquanto não. Porque meu namorado também é da mesma carreira, entendeu. Mas... mas eu acredito que seja um pouco difícil assim pra mulher da minha carre, pra pilotos se envolverem com caras que não são do metié, porque vai ser difícil o cara entender, porque a gente tem que, por ser militar tem que [incompreensível] de mudar, né, de tanto em tanto tempo. Então eu acho muito difícil prum civil ficar acompanhando a esposa. Vai depender muito da profissão que ele tem e mesmo assim, mesmo que seja uma coisa liberal que ele consiga se mudar, uma, duas vezes até vai, mas sei lá quantas vezes... pra mim, pra, pessoalmente, eu acho que é impossível. Me resignei já, que vai ser um militar e acabou, mas, mas, em outros casos pode ser que consigam, né (Bárbara).

Ah, nnão... não porque eu namorei só militar. Não, mas se bem que é é não acho que não... Acho que num é por causa militar, acho que é porque é uma carreira que consome muito, tem que se dedicar muito, entendeu, ficar muito tempo, a gente tem que ter tempo, né. Não, senti [dificuldade dos homens de se relacionar comigo devido à profissão] isso não (Sara).

Não. [Acho que os homens não têm dificuldade de se relacionar comigo devido a minha profissão] Não (Ângela).

#### 4.4 Conclusão da Análise

A partir dos trechos das entrevistas acima, podemos perceber que, para as primeiras aviadoras da Força Aérea Brasileira, alguns aspectos acerca do que é ser mulher mudaram na sociedade atual e outros estão em processo de mudança. De qualquer modo, as entrevistadas consideram essa mudança positiva e acreditam que o processo deve continuar acontecendo.

De uma maneira geral, as aviadoras percebem que a mulher está se inserindo mais no mercado de trabalho e que não existem mais funções exclusivas de homens ou mulheres. Apesar disso, a maioria acredita que existem algumas funções que são mais adequadas para homens e outras que são mais apropriadas para mulheres. Ao explicar porque vêm dessa forma, elas mencionam algumas características que, segundo elas, seriam, supostamente, mais femininas ou masculinas e que estariam, assim, mais de acordo com o que é requerido para o exercício de determinadas funções. Podemos perceber, deste modo, que, apesar do seu discurso apontar inicialmente para uma igualdade entre os sexos, ainda permanece, mesmo que de forma velada, a idéia tradicional de uma “essência” feminina e masculina e uma conseqüente separação das esferas de atuação de homens e mulheres.

É possível imaginar que ainda seja difícil para as entrevistadas discorrer sobre a profissão que escolheram, uma vez que, na época das entrevistas, tinham acabado de se formar e, talvez por isso, elas tenham se restringido a falar apenas sobre o que haviam passado ao longo do curso na Academia da Força Aérea e sobre o que estavam passando durante os cursos que estavam realizando nos esquadrões. As entrevistadas limitaram-se, assim, a falar sobre as novidades e experiências que tiveram.

Ao serem questionadas sobre as características que consideravam necessárias para a profissão, metade ressaltou a determinação. Neste tópico, outras características como disciplina, responsabilidade, perfeccionismo e paciência também foram citadas. Com relação àquelas que acreditavam possuir e que consideravam negativas para seu desempenho profissional, as respostas foram diversas. Podemos destacar aqui o nervosismo, a ansiedade e a insegurança. Em todos esses casos, aparentemente, elas se basearam, na maioria das vezes, no que já lhes era conhecido e definiram as características que haviam sido importantes ou prejudiciais até aquele momento.

Foi possível observar também que, de maneira geral, as aviadoras estão satisfeitas com a profissão escolhida. Ao falar da felicidade que experimentam por fazerem parte dessa turma, muitas vezes mencionaram as dificuldades enfrentadas, os obstáculos que ultrapassaram e o trabalho que tiveram para que tivessem êxito no curso.

Três das seis entrevistadas encontraram resistência por parte de familiares quando decidiram fazer o curso. No entanto, atualmente, as seis afirmam que são apoiadas por familiares e amigos, que se interessam por sua profissão e ficam orgulhosos com a conquista.

Em seus relatos, mencionaram ter enfrentado algumas dificuldades durante o curso realizado na AFA, principalmente por terem ficado em evidência, por terem ocorrido mudanças em suas vidas em decorrência da profissão que decidiram seguir e pela pressão constantemente sofrida pela possibilidade de serem desligadas do curso, a qualquer momento, como resultado de um desempenho ruim.

As entrevistadas afirmaram que o treinamento que recebem é igual àquela que é dado aos homens e consideram que o desempenho das mulheres é semelhante ao deles. Elas mencionaram, ainda, que são bem tratadas pelos superiores, mas divergiram com relação ao tratamento dado a

elas pelos subordinados. A maioria acredita que o nível de exigência é igual para mulheres e homens e a maioria também vê o tratamento que recebem no trabalho agora como sendo igual ao que é dado aos homens. As entrevistadas fizeram ressalvas com relação ao seu momento inicial de convívio na Academia, momento em que receberam tratamento diferenciado, algo que é atribuído ao fato de sua entrada ter constituído uma situação nova para todos. Apesar disso, não consideram que essa diferença tivesse sido provocada por preconceito, discriminação ou ocorresse de maneira pejorativa. Muitas vezes, mesmo afirmando existir uma igualdade de tratamento, treinamento e nível de exigência, pensam que receberam mais atenção do que os homens.

Foi possível notar que, de certa maneira, durante as entrevistas, as entrevistadas ficaram presas a questões ligadas à instrução e ao treinamento. Mesmo quando a pergunta não estava direcionada a isso, as aviadoras traziam exemplos de sua experiência nestas áreas. Talvez essa tendência possa ser explicada pelo fato de que, até o momento da entrevista, as participantes não tenham tido muito contato com outras atividades da Força Aérea, que não aquelas relacionadas à sua aprendizagem e preparação. Vale lembrar que, mesmo fora da AFA, ainda permaneciam em instrução para especialização em algum tipo de aviação, nos esquadrões específicos.

É interessante destacar, também, que o parâmetro utilizado por elas para se referir a tudo o que fazem são os homens. Falas como “é necessário fazer o que os homens fazem”, ou “se uma mulher faz a mesma coisa que um homem...”, dentre outras, foram comuns nos discursos das entrevistadas e talvez resultem do fato de estarem sendo as primeiras mulheres em uma carreira até então destinada somente a homens. Assim, já se sabe que os homens são capazes de realizar as tarefas requeridas, enquanto que, no caso das mulheres, elas ainda precisam provar que



também conseguem realizá-las. Contudo, é preciso considerar que, de antemão, o roteiro das entrevistas suscitou, em muitos momentos, a comparação entre homens e mulheres.

Apesar das aviadoras entrevistadas terem privilegiado mais a profissão quando o tema tratado relacionava-se às expectativas para o futuro, elas demonstram também o desejo de constituir uma família e de ser mães. Vale assinalar aqui que o fato das participantes abordarem mais detalhadamente a profissão pode ser talvez justificado por terem sido informadas, inicialmente, de que este trabalho é parte de uma linha de pesquisa que trata da relação entre a mulher e o trabalho.

Embora queiram ser mães, as entrevistadas, em sua maioria, acreditam que terão dificuldade para conciliar a maternidade e as tarefas domésticas com a profissão que exercem. Pudemos observar também que as aviadoras acreditam que a maternidade deverá ser planejada e que não é algo que esteja nos seus planos para o futuro próximo.

Metade das participantes afirmou que já teve problemas de relacionamento afetivo devido à profissão escolhida. Em todos os casos relatados, os problemas estavam ligados à distância física entre elas e os namorados. A outra metade das entrevistadas afirmou não ter tido problemas afetivos e vinculou essa ausência ao fato de estar namorando ou só ter se relacionado com homens da mesma carreira ou com outros militares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Optamos nesse trabalho por entender um pouco mais sobre mulheres que, não apenas, estão se inserindo em uma atividade profissional mas, mais do que isso, que penetraram em um universo tradicionalmente masculino e que, até bem pouco tempo atrás, estava fechado para as mulheres. Ao longo do trabalho, pudemos observar um pouco melhor as vivências das mulheres brasileiras atuais, seus problemas, dificuldades e aspirações e constatar algumas das mudanças ocorridas nos seus papéis e posição na sociedade. Partindo do princípio de que há uma histórica desigualdade social entre mulheres e homens no Brasil, que as mantinha confinadas no espaço controlado e privado do lar, pudemos observar algumas conquistas alcançadas pelas mulheres nos dias atuais, a partir do discurso de um grupo específico de mulheres, as aviadoras militares, que tentam buscar e conquistar seu espaço em um ambiente, até pouco tempo atrás, impensável para elas.

Embora ainda estejamos vivendo um momento de mudanças no que diz respeito à participação das mulheres no mercado de trabalho, é possível identificar uma transformação nos valores sociais relacionados à posição ocupada pelas mulheres. Mesmo que ainda seja esperado e cobrado delas que desempenhem funções no interior do lar, funções estas aqui chamadas de tradicionais, o discurso social atual prega a satisfação e a realização pessoal, incentivando e permitindo, desta maneira, que as mulheres encontrem outras formas de viver, que não na dependência e à sombra de seus maridos.

As entrevistas realizadas em nosso trabalho de campo se mostraram coerentes com a literatura apresentada sobre as mulheres. Identificamos, assim como outros estudos já haviam apontado, que as mulheres acreditam estar em melhor condição na sociedade atualmente do que

há algum tempo atrás, apesar de entenderem que as mudanças ainda estão em andamento e que este é um processo que ainda está em curso.

Foi possível perceber, por exemplo, a permanência, em seus discursos, de padrões masculinos no ambiente de trabalho das mulheres aviadoras militares entrevistadas. Isto é, parece ser ainda necessário que as mulheres se adaptem e ajam no trabalho em conformidade com os comportamentos estabelecidos pelos e para os homens. Desta forma, as mulheres não são excluídas de maneira clara e explícita da carreira que escolheram, mas poderíamos pensar em um tipo de exclusão velada, já que é possível supor que a necessidade de tal adaptação, de certo modo, restringe o interesse pela carreira por parte de algumas mulheres.

A divisão sexual das tarefas e do trabalho é reforçada pelas próprias mulheres entrevistadas quando, mesmo negando a existência de funções exclusivas de homens e mulheres, afirmam que algumas funções são mais propícias para eles ou elas e atribuem às mulheres características ligadas à imagem tradicional da mulher. Da mesma forma, as dificuldades associadas a um possível casamento e maternidade/ paternidade continuam a pesar mais sobre as mulheres do que sobre os homens, já que ainda parecem acreditar que a mulher é a principal responsável pela casa e os filhos.

Assim, podemos dizer que a identidade das mulheres aviadoras da Força Aérea Brasileira se constrói tanto a partir de padrões tradicionais, que valorizam a maternidade, a família e o espaço da casa, quanto de padrões modernos, em que se prega a independência financeira e o investimento em uma carreira, no caso delas, inclusive, em uma carreira até então aberta apenas aos homens. As aviadoras entrevistadas sentem-se felizes, contudo, por fazerem parte da primeira turma de aviadores em que foi permitido o acesso de mulheres e vêem o sucesso profissional como um de seus grandes objetivos para o futuro, pelo menos imediato. Entretanto, pode-se notar

também em seus discursos a presença de ideais tradicionais, já que o desejo de constituir família e de ser mãe é comum a todas as entrevistadas, mesmo que adiado para o futuro.

Por fim, a partir da análise dos textos das entrevistas, podemos arriscar dizer que os princípios da hierarquia e da disciplina, fundamentais no ambiente militar, podem, em alguns momentos, interferir nas relações de trabalho que se estabelecem, de modo que mesmo os homens, quando subordinados a mulheres, devem respeitar as suas ordens, se não por um respeito *à priori*, por imposição, pelo bem da hierarquia e da disciplina militar.

Por outro lado, as mulheres entrevistadas revelaram o tratamento mais cordial dispensado a elas, em alguns momentos, pelos oficiais do sexo masculino mais antigos, o que não implica afirmar, contudo, um desrespeito aos princípios básicos do militarismo. Esta diferença de tratamento dado às mulheres em relação aos homens, relatada pelas entrevistadas, é percebida por elas como normal, ou, no máximo, como uma formalidade, e é esperada pelas próprias mulheres, que entendem que homens e mulheres são diferentes e são tratados naturalmente de maneiras distintas na sociedade, de forma geral. O mesmo se pode dizer destes oficiais mais antigos que, apesar de reconhecer nelas um oficial, ainda sobrepõem a isso o fato delas serem do sexo feminino.

Esperamos que nosso estudo tenha contribuído não apenas para uma melhor compreensão de como as mulheres aviadoras da Força Aérea estão vivenciando a experiência de estar entrando em uma carreira até então dominada por homens, como também para o desenvolvimento de conhecimentos acerca da relação das mulheres com o trabalho na sociedade brasileira atual e da forma como a sociedade vê e trata a mulher trabalhadora. De certa maneira, tentamos estabelecer um quadro a partir da visão dessas mulheres sobre sua inserção na carreira escolhida. Porém, acreditamos na importância de que outros estudos a esse respeito sejam realizados, a fim de que

se possa ter uma visão mais clara acerca dos papéis e posições de homens e mulheres, bem como de suas relações com a família e o trabalho na sociedade brasileira contemporânea. Por ora, podemos concordar com os pesquisadores da área, mencionados em nossos capítulos teóricos, que defendem a idéia de que, apesar de novos padrões de comportamento já poderem ser sentidos no Brasil, eles continuam a coexistir com os modelos tradicionais estabelecidos para homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M (1987). Notas sobre a família no Brasil. In A. M. ALMEIDA; M. J. CARNEIRO & S.G. PAULA. *Pensando a Família no Brasil: Da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/ UFRRJ, pp. 53-66.

ARAÚJO, N. B. & YAZBEK, V. C (2001). Ferramentas conversacionais: A práxis no construcionismo social. *Cadernos do Familiaie* (Edición Comemorativa, Casa do Psicólogo), pp. 25-31.

BAUMAN, Z. (1999). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

BAUMAN, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. (C. A. Medeiros, Trad). Rio de Janeiro: J. Zahar.

BRASIL (1980). Lei nº 6.880, de 9 de dezembro de 1980. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 dez. 1980.

BRASIL (1981). Decreto nº 86.325, de 01 de setembro de 1981. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 02 set. 1981.

BRASIL (1981). Lei nº 6.924, de 29 de junho de 1981. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 jun. 1981.

BRASIL (1988). Constituição da República Federativa do Brasil promulgada em 05 de outubro de 1988. Recuperada em 6 de novembro, 2006, de <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>

BRASIL (2004). Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. *Portaria DEPENS nº 54-T/DE2*, de 13 abr. 2004. Aditamento às instruções específicas para o exame de admissão aos cursos de formação de oficiais aviadores, intendentes e de infantaria da aeronáutica do ano 2005. Recuperado em 4 de janeiro, 2007, de [http://www.fab.mil.br/ingresso/informa/2005/AFA/2005\\_afa\\_aditamento.pdf](http://www.fab.mil.br/ingresso/informa/2005/AFA/2005_afa_aditamento.pdf)

BRASIL (2005). Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. *Portaria DEPENS nº 106-T/DE-2*, de 12 de abril de 2005. Aditamento às instruções específicas para o exame de admissão

aos cursos de formação de oficiais aviadores, intendentess e de infantaria da aeronáutica do ano 2006. Recuperado em 4 de janeiro, 2007, de <http://www.aer.mil.br/ingresso/informa/2006/AFA/ADITAMENTO.pdf>

BRASIL (2006). Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. *Portaria DEPENS nº 106-T/DE-2*, de 08 de maio de 2006. Aditamento às instruções específicas para o exame de admissão aos cursos de formação de oficiais aviadores, intendentess e de infantaria da aeronáutica do ano 2007. Recuperado em 4 de janeiro, 2007, de <http://www.aer.mil.br/ingresso/informa/2007/AFA/ADITAMENTO-AFA-2007.pdf>

BRASIL (2007). Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. *Portaria DEPENS nº 134-T/DE-2*, de 03 de maio de 2007. Aditamento às instruções específicas para o exame de admissão aos cursos de formação de oficiais aviadores, intendentess e de infantaria da aeronáutica do ano 2008. Recuperado em 26 de setembro, 2007, de <http://www.aer.mil.br/ingresso/informa/2008/AFA/ADITAMENTO-AFA-2008.pdf>

CALAZANS, M. E. (2004). Mulheres no policiamento ostensivo e a perspectiva de uma segurança cidadã. *São Paulo em Perspectiva*, 18 (1), 142-150.

CAMPOS, W. F. (2003). Uma nova barreira vencida. *Aerovisão*, ano XXXI, n. 206, p.38.

CASTRO, C. (2004). *O espírito militar: um antropólogo na caserna* (2ª.ed). Rio de Janeiro: Zahar.

COSTA, J. F. (1989). *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal.

CUIN, M. A. REYNALDO, A. P. (2006). The First Women Pilots in the Brazilian Air Force. *Air & Space Power Journal*, spring, 48-50.

CUTLER, K. (1976). Women's Language. *Air University Review*. Recuperado em 13 de janeiro, 2007, de <http://www.airpower.maxwell.af.mil/airchronicles/aureview/1976/jul-aug/cutler.html>

DEVREUX, A. M. (2005). A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina. *Sociedade e Estado*, 20 (3), 561-584.

ELIAS, N. & SCOTSON, J. (1994). *The established and outsiders: a sociological enquiry into community problems* (Second edition). London: Sage Publications.

FOUCAULT, M. (1987). *Vigiar e punir* (30<sup>a</sup>.ed). Petrópolis: Vozes.

GIDDENS, A. (2002). *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. (M.L. X. A. Borges, Trad) (2<sup>a</sup>.ed). Rio de Janeiro: Record.

GIDDENS, A. (2003). *Modernidade e identidade* (P. Dentzien, Trad). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GOFFMAN, E. (1990). *Prisões, manicômios e conventos*. São Paulo, Perspectiva.

HALL, S. (1997). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

HOBBSBAWM, E. (1995). *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914- 1991* (M. Santarrita, Trad). São Paulo: Companhia das Letras.

HOLANDA, S. B. (1984). *Raízes do Brasil* (17<sup>a</sup> ed). Rio de Janeiro: José Olympio.

LAVENÈRE-WANDERLEY, N. F. (1976). *História da Força Aérea Brasileira*. [S.l.: s.n.].

MAGNABOSCO, M. M (2003). Mal-estar e subjetividade feminina. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 3 (2), 418-438.

MARCONDES, W. B., ROTENBERG, L., PORTELA, L. F. & MORENO, C. R. C. (2003). O peso do trabalho "leve" feminino à saúde. *São Paulo em Perspectiva*, 17 (2), 91-101.

MOITA LOPES, L. P. (2003). Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. In: L. P. Moita Lopes (org). *Discursos de Identidades*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 13-38.

NEGREIROS, T. C. G. M. & FERES-CARNEIRO, T. (2005). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4 (1), 34-47.



PINTO, M. (1999). *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hackers.

RAGO, L. M. (1987). *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil: 1890-1930* (2ª ed). São Paulo: Paz & Terra.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (1989). Em que espelho ficou perdida a minha face? A identidade feminina como discurso ideológico. *Psicologia & Sociedade*, V (8), 34-48.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (1998a). De Cinderela a mulher maravilha: a maternidade em tempos de mudança. *Série Documenta*, 9, 91-116.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (1998b). A análise do discurso em Psicologia: algumas questões, problemas e limites. In L. Souza; M. Freitas & M. Rodrigues (orgs). *Psicologia: reflexões (im) pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp.317-345.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (2003a). Quando o Executivo é uma "Dama": Mulher, Carreira e Relações Familiares. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e Casal: Arranjos e Demandas Contemporâneos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/ São Paulo: Loyola, pp.57-77.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (2003b). O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? *Psicologia Clínica*, 15 (2), 93-108.

SAMUELSON, N. B. (1984) Equality in the cockpit: a brief history of women in aviation. *Air University Review*. Recuperado em 17 de maio, 2007, de <http://www.airpower.maxwell.af.mil/airchronicles/aureview/1984/may-jun/samuelson.html>

SANCHES, S. & GEBRIM, V. L. M. (2003). O trabalho da mulher e as negociações coletivas. *Estudos Avançados*, 17 (49), 99-116.

SCOTT, J. W. (1991). A mulher trabalhadora. In G. DUBY, & M. PERROT. *História das mulheres no ocidente: O século XIX*. Porto, Portugal: Afrontamento.

STREY, M. N. (1998). Gênero. In M. N. STREY *et al* (orgs) *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes.

TEYKAL, C & ROCHA-COUTINHO, M. L. (2006). A visão do homem sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho. *CD-Rom Comunicação da VII Jornada de Pesquisadores do CFCH/ II Jornada de Extensão/ II Semana de Integração de Cursos*. Decania do CFCH/ UFRJ.

VAITSMAN, J. (2004). *Flexíveis e Plurais: Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

VENTURI, G.; RECAMÁN, M.; & OLIVEIRA, S. (Orgs). (2004). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

VIEIRA, J. A. (2005). A identidade da mulher na modernidade. *Delta*, 21, (n. especial), 207-238.

WILLIAMS, R. (2003) Women aviators finally fill cockpits of military aircraft. *Defense Link*, Washington D.C. Recuperado em 17 de maio, 2007, de <http://www.defenselink.mil/news/newsarticle.aspx?id=29276>

**ANEXO****ROTEIRO DE ENTREVISTA**

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO****INSTITUTO DE PSICOLOGIA - CFCH****EICOS – Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social****Participante: Aspirante Aviadora****Nome:****Idade:**

- 1- O que você acha que é ser mulher e ser homem na sociedade atual? E antes? Você vê alguma diferença? Quais?
- 2- O que você acha importante na vida de uma mulher? E na vida de um homem? Você acha que tem alguma diferença? Qual?
- 3- Qual a sua visão sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho? Por que?
- 4- Você acha que ainda hoje existem funções exclusivas para mulheres e homens? Quais seriam essas funções?
- 5- Comparando os dias de hoje com algum tempo atrás, como você vê a situação da mulher no mundo (relações, oportunidades, funções, papéis)? O que mudou? Por que?
  
- 6- Como você escolheu ingressar na Academia da Força Aérea? O que a levou a isso?
- 7- Como é integrar a 1ª turma de cadetes em que foi permitida a entrada de mulheres no quadro de aviadores? Como você se sente? Como você acha que as pessoas à sua volta se sentiram sobre a sua decisão? Por que?
- 8- Quais as características específicas da carreira de piloto?
- 9- Quais as suas características que você vê como positivas para o desempenho da sua profissão? E as negativas? E das mulheres de modo geral? Por que?

- 10- Como é ser mulher e aviadora? E um homem aviador? Você vê alguma diferença? Qual? Por que?
- 11- Você vê alguma diferença de tratamento a homens e mulheres no dia-a-dia em seu trabalho? Como é isso? Por quê? Você pode me dar algum exemplo?
- 12- Em termos dos treinamentos, há alguma diferença entre homens e mulheres durante o curso e agora no esquadrão? Por quê? Como as mulheres se saem nestes treinamentos? Você vê alguma dificuldade/ diferença maior para a mulher? Quais? Por quê? Você acha que deve ser mesmo assim? Por quê?
- 13- Fazendo uma comparação, como é o nível de exigência para homens e mulheres?
- 14- Como você é tratada por seus superiores? Pode me dar algum exemplo? Como você acha que seria tratada se fosse homem? Que diferença vê? Por quê?
- 15- Como você é tratada pelos subordinados? Pode me dar algum exemplo? Como acha que seria tratada se fosse homem? Que diferença vê? Por quê?
- 16- Como são suas relações com os colegas de turma, com os instrutores, com as pessoas que atuam no âmbito da FAB de maneira geral? Há alguma diferença na relação com os colegas mulheres e homens? Qual? Por quê?
- 17- Como as pessoas, de maneira geral (não só militares, mas também família, amigos), vêem o seu trabalho? Já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? Por quê?
  
- 18- O que você espera alcançar na vida? Você acha que está conseguindo? Quais as maiores dificuldades/ obstáculos que você vê para alcançar o que quer? Por quê?
- 19- Pretende constituir uma família, ser mãe? Por que sim /não?
- 20- Você vê alguma dificuldade maior para exercer esse papel de mãe e chefe de família por ser aviadora? Quais? Por quê? Como pretende/ espera supera-las?
- 21- Você já teve dificuldade de relacionamento afetivo por causa da carreira que escolheu? Que tipo de dificuldade? Por que você acha que teve essa dificuldade? Você acha que os homens têm dificuldade de se relacionar com você devido à sua profissão? Qual? Por quê?
- 22- Tem alguma coisa que você deseje falar que eu não tenha perguntado?